

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

JESSE RODRIGUEZ CARDOSO

TRAJETOS DE ROGÉRIO (S): ESCREVIVÊNCIAS DE UM ESTUDANTE PERIFÉRICO
QUE NA DESCORTINA-AÇÃO DA CIDADE (SE) ENCONTRA COM A POPULAÇÃO
EM SITUAÇÃO DE RUA.

Porto Alegre

2020

JESSE RODRIGUEZ CARDOSO

TRAJETOS DE ROGÉRIO (S): ESCRIVÊNCIAS DE UM ESTUDANTE PERIFÉRICO
QUE NA DESCORTINA-AÇÃO DA CIDADE (SE) ENCONTRA COM A POPULAÇÃO
EM SITUAÇÃO DE RUA.

Trabalho apresentado como requisito parcial
para a conclusão do curso de Graduação em
Psicologia pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.
Orientador: Prof. Luis Artur Costa

Porto Alegre

2020

JESSE RODRIGUEZ CARDOSO

TRAJETOS DE ROGÉRIO (S): ESCRIVIVÊNCIAS DE UM ESTUDANTE PERIFÉRICO
QUE NA DESCORTINA-AÇÃO DA CIDADE (SE) ENCONTRA COM A POPULAÇÃO
EM SITUAÇÃO DE RUA.

Trabalho final apresentado à Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como parte das
exigências para obtenção do título de Bacharel
em Psicologia.

Porto Alegre, 30 de outubro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. LUIS ARTUR COSTA – ORIENTADOR

PROF. DRA. GISLEI DOMINGAS ROMANZINI LAZZAROTTO – DEBATEDORA

AGRADECIMENTOS

En primer lugar, me gustaría agradecer a los dos soles que sostienen mi vida. Mi primera madre, Miriam Rodriguez, que desde mi nacimiento me cuidó hasta donde pudo. Y a Emilce Rodriguez, mi segunda madre, que fue mi maestra en primer grado y me adoptó para ser madre y maestra en la vida. Fue la que me permitió tener afecto por los estudios. Durante las situaciones más difíciles de mi vida, en las que todo parecía que se iba a hundir, en las que todos decían que no tendría éxito, en las que no tenía a nadie que me guiara o inspirara, estos dos soles brillaban con más fuerza dándome energía y calidez para superar las barreras de la vida. Estos dos soles no están más entre nosotros, pero siempre serán parte de mí.

También agradezco a Marisa Rodríguez y Jorge Rodríguez, mis hermanos uruguayos que me han recibido muy bien en su familia, me han dado mucho amor y afecto y consiguieron que yo tenga maravillosos recuerdos de la infancia. Dentro de estos recuerdos no puedo dejar de hablar de Luis, Brian, Guillermo y Matías, que nutrieron mi infancia con muchos juegos y alegrías.

Agora falando do Brasil. Quero agradecer ao meu pai, João Miguel Cardoso, por ter me recebido no Brasil e ter me sustentado da forma que ele pôde. O desejo dele era que eu seguisse a sua profissão como cortador de pedras. Infelizmente, não tenho vocação para isso, mas levo ensinamentos dessa profissão para o campo da Psicologia, possibilitando que as pessoas quebrem as suas pedras simbólicas que geram sofrimento e atrapalham os seus caminhos. Levo dele principalmente força para enfrentar os desafios, pois enxergo os obstáculos apenas como pedras, “não importa o quanto elas sejam grandes ou duras, é só colocar os ponteiros nos pontos certos que ela racha e pode se transformar no chão que vai te levar aonde tu deseja ou na casa que vai te abrigar nos momentos de dificuldade, descanso ou lazer”¹. Também agradeço a minha madrastra Vera, pela acolhida possível.

Não posso deixar de agradecer a Graziela e a Crislaine Cardoso, minhas irmãs do coração, que me receberam muito bem no Brasil, mulheres de muita força e garra que me ensinaram a lutar pelos meus objetivos. Também um muito obrigado ao meu cunhado Fabiano, foi o meu ideal de masculinidade na adolescência, baita homem! E um abraço afetuoso às minhas sobrinhas Kellen, Gabriellen e também ao João Gabriel.

¹ CARDOSO, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/jesse.cardoso1/posts/10216158996501741>. Acesso em: 15 out. 2020.

Não posso deixar de agradecer aos meus amigos da Lomba do Pinheiro: Jady, Márcia, Vanderlei, Diélisson, que fizeram parte dessa minha trajetória de descortina-ção da cidade.

A minha gratidão à universidade vai, inicialmente, para meus amigos e colegas Rafael, Tiago, Fernando, Kalil, Guilherme, Leandro, Laura, Vanessa e Milene com quem, desde o começo da graduação, tive altas conversações sobre diversos assuntos, e mesmo que com lugares e opiniões diferentes, sempre mantivemos o respeito mútuo, conversações que me renderam muito aprendizado. Agradeço também ao PET Psicologia, por ser um espaço de protagonismo e horizontalidade dos estudantes, o qual possibilitou que eu, como um estudante periférico, tivesse um espaço de acolhida e de crescimento dentro da universidade. Não posso deixar de mencionar a tutoria do Professor Amadeu, que se transformou junto comigo e junto com o grupo nesse encontro de mundos. Também não posso deixar de mencionar Marcos Rafael Barbosa, Leonardo Régis, Alexandre Mossmann, João Alves, Artur Gomes, Ícaro Teixeira, que são homens negros de minha referência dentro da universidade. Os quatro primeiros pela atuação no PET e os dois últimos por atuação no diretório acadêmico. Também mando um salve para Meirielen Santos, Ana Ferreira, Rejane Nunes, Cássia Ribeiro, Vitória Moraes e Giulia Stello, colegas do PET que me trouxeram muitos ensinamentos. Mando outro salve para a galera do diretório: Samuel, Gabi, William, Camilla, Gui, Isa e demais componentes.

Também é indispensável agradecer ao professor Luis Artur, por me orientar neste TCC. Sou muito grato por todo o tempo que ele dedicou a esse fim, em alguns momentos fiquei até preocupado com o tempo que ele gastou comigo, do tanto que o fiz trabalhar, tendo supervisões mesmo durante toda a pandemia que nos assolou, sendo alguém com quem eu pude conversar não só sobre o trabalho que estávamos desenvolvendo, mas sobre muitas questões que me/nos atravessam. Assim como agradeço o grupo de estudo Políticas do Narrar que Luis coordena. Também agradeço à Gislei por ser a pessoa que é, e também pela leitura atenta que vai fazer do meu trabalho.

O próximo salve vai para todo o pessoal que trabalhou comigo no projeto “Cuidado Integral à Saúde da População em Situação de Rua”. Principalmente o Juliano, Carol, Iasmin, Patrícia, Natanielle, Tainá, Augusto, Wellington, Maria Gabriela, Roberto, Rebeca, Cintia, Pamela, Ana, Edson e Cristiano.

Também agradeço a todos (as) que compõem o Movimento Nacional da População em Situação de Rua do Rio Grande do Sul (MNPR/RS), principalmente a Veridiana, Rodrigo, Margarete e Édisson (que também está citado no Boca, mas não posso deixar de citar aqui pela sua atuação ferrenha no movimento).

Sou grato pela revisão ortográfica que Maria da Graça Azevedo Bortoli fez neste trabalho, a qual fez por amor em ajudar o próximo e não cobrou nada.

Assim como sou grato pelo grupo de Escrevivências, em que tive boas discussões com Eliane, Maria Fernanda e João Goulart (Jango).

E por fim, à Sofia e a toda a família Jornal Boca de Rua: Angela Teresinha Soares Siqueira dos Santos, Aline Gonçalves Leal, Alessandra Alves da Silva, Anderson Ferreira, Anderson Luís Joaquim Corrêa, Alex Sandro Freitas da Silva, Alexandre Português, Alexandre Roberto Rocha da Silva, Cláudio José Ribeiro, Daniel da Conceição Fraga, Diogo Macedo, David Mathias Becker, Emerson Casagrande da Silva, Elvis Adalberto Sant'Ana de Souza, Elisângela Mara Escalante, Edisson José Souza Campos, Fábio Saraiva Corrêa, Glessias Santos Garcia, Jó Elias, José Luiz Straubichen, Jeane Carla da Silva, Jorge Luís Lopes de Oliveira, Josiane de Oliveira, Leandro Corrêa, Luiz Alberto Santana Júnior, Luiz Carlos da Silva, Marcos Rodrigo da Silva Scher, Michel Vasconcelos dos Santos, Nara Gonçalves Canabarro, Paulo Ricardo da Silva, Paulo Águas, Roger William Corrêa Santos, Rosina Duarte, Luiz Abreu, Charlotte Dafol, Roberto Abreu, Eliége Kich, Rosana Toniolo Pozzobon, Caroline Silveira Sarmiento, Caroline Musskopf, Luiza Maia, Renata Ferreira, Talita Fernandes, Anne Blumenkind, Anne Jäger, Jacinta Antonioli Testa, Maíra Rieck, Cristina Pozzobon.

Resumo:

Este trabalho visa descortinar Porto Alegre e a Psicologia dos seus pré-conceitos estabelecidos que constroem regimes de saber/poder estereotipantes da periferia e da População em Situação de Rua. Para tanto, a partir de uma escrita ficcional baseada nas trajetórias de Rogério, um personagem criado para protagonizar as experiências coletivas de um homem cis, pardo e periférico desta cidade; constroem-se narrativas de dentro para fora sobre a periferia e criticam-se as Psicologias hegemônicas eurocentradas, normativas e que se dizem universais, procurando desenvolver Psicologias contra-hegemônicas, Periféricas e Decoloniais.

Palavras-chave: Escrivivências; Escrita Ficcional; Cidade; Periferias; População em Situação de Rua; Psicologias; Decolonialidade.

Sumário

1. ROGÉRIOS (Lomba do Pinheiro/398).....	9
1.1 METODOLOGIA	12
2. TERRITÓRIO EXISTENCIAL DE ROGÉRIO E DIREITO À CIDADE (Porto Alegre/000)	15
3. RENOVA-AÇÃO (Lomba do Pinheiro/398 > Centro/000)	35
4. CHEGADA NA UNIVERSIDADE E CONTATO COM A ASSISTÊNCIA UNIVERSITÁRIA (Quinta do Portal/395)	55
5. ROGÉRIO ELABORA E FAZ DESVIO (Quinta do Portal/ 395 > São Manoel/349)	63
6. A RUA ENTRA NOVAMENTE NA ACADEMIA (Quinta do Portal/ 395 > T1/T1D)....	79
6.1 A FAMÍLIA JORNAL BOCA DE RUA	81
6.2 (DES) CONCLUSÕES.....	92

1. ROGÉRIOS (LOMBA DO PINHEIRO/398)

“Zumbi habita em Zimbabwe. Zimbabwe pode ser Brasil”.²

“Zimba

Zumbi

Zumba...bwe

agora não mais Rodésia

aquela mancha branca desumana e voraz

corroendo África por dentro

amontoando lucro\$

esgotando vidas

felizmente não mais Rodésia

como a lembrar Palmares

a festejar Zumbi

agora Zumba Zimba...bwe

como Palmares a mata mais que refúgio

laboratório da vida nova

quartel de gente que renasceu

valente enfrentando a grana-lucro

que d’Europa veio invadindo tudo

juntar fortuna e espalhar miséria

agora não mais Rodésia

fim da vida subvívuda

na mata, escondido

um povo se organiza e decidido volta

recuperando tudo

Zimba

Zumba

Zumbi

Rodésia no fim

é Zimbabwe lembrando Zumbi”³.

Era uma época em que televisão e rádio eram as mídias hegemônicas na favela, ainda não existia internet nem mp3 generalizado, rádio nos celulares era a inovação do momento. Em uma casa de madeira localizada na Vila Mapa/Lomba do Pinheiro, está reunida uma família pobre e periférica. Uma família miscigenada, o pai uma mistura de branco com indígena, a mãe uma mistura de negro com branco e o filho uma mistura de misturas. Perto do meio dia, todos

² CONCEIÇÃO, 2008, p. 11.

³ MINKA, Jamu in *Schuarze Poesie - Poesia Negra*, p.154 apud CONCEIÇÃO, 2008, p. 11.

almoçam numa mesa retangular que fica encostada na parede (para ocupar menos espaço), a rádio está ligada, toca um pagode meloso que deixa todos extasiados e, de repente, “a toda comunidade pobre da zona sul”⁴, o adolescente, que mora na zona leste de Porto Alegre, como se tivesse acordado de um sono, sente o chamado e dá um pulo, o ato instintual é controlado e consegue desviar um pouco o corpo, ainda assim bate na mesa, quase derruba os copos, recebe um “xingão” do pai, algo que não desanima a alegria do momento, ele corre e aumenta o volume do rádio, era uma época em que não se podia escolher as músicas, então, quando tocava uma boa era bom aproveitar. “Na periferia alegria é igual, é quase meio dia e a euforia é geral. É lá que moram meus irmãos, meus amigos, e a maioria por aqui se parece comigo...”⁵ A alegria era algo muito utilizada por este adolescente para lidar com as dificuldades da vida, muitas vezes em tom de ironia. “O pessoal desde às 10 da manhã está no samba. Preste atenção no repique, atenção no acorde. Como é que é mano Brown? Pode crer, pela ordem. A número 1, número 1 de baixa renda da cidade. Comunidade zona sul é dignidade. Tem um corpo no escadão, a tiazinha desce o morro. Polícia, a morte, polícia, socorro.”⁶ A questão da morte e da vida estava rodeando os pensamentos desse jovem que também se chama... Opa, não podia desviar o pensamento e perder esta parte “como se fosse ontem ainda me lembro, sete horas, sábado, 4 de dezembro, uma bala, uma moto, com dois imbecis, mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz. E indiretamente ainda faz, mano Rogério, esteja em paz!”. Se chama Rogério, mas diferente do destino do Rogério da sul, o da (l)este ainda está vivo. Rogério, mesmo sendo ainda tão jovem, com 15 anos, tinha pensamentos profundos sobre a vida (talvez por encontros precoces com a morte). Ficava se perguntando como seria esse outro Rogério que foi citado na música, aposto que tinha muitos amigos, já que era a alegria da favela. Lembrou do primo Ricardo, que também conhecia todo mundo na comunidade e fora morto por causa do tráfico de drogas. Em uma das últimas conversas que os primos tiveram, Ricardo lhe falou para aproveitar a escola, para estudar mesmo, algo que ele não tinha feito. Para dar valor ao suporte que os pais lhe dão para estudar. Em um tom de arrependimento, Ricardo lhe falou que o dinheiro e a fama que tinha na favela não valia o risco que corria, melhor era Rogério focar nos estudos. Essa conversa marcou o adolescente, que estava desanimado com os estudos, pois queria ganhar dinheiro logo e a escola era um ambiente hostil que não dava retorno imediato.

⁴ RACIONAIS MC’S, **Fim de Semana no Parque, 1993.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=37uL-WfTBx0&ab_channel=AndreCoutinho. Acesso em: 11 out. 2020.

⁵ RACIONAIS MC’S, **Fim de Semana no Parque, 1993.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=37uL-WfTBx0&ab_channel=AndreCoutinho. Acesso em: 11 out. 2020.

⁶ RACIONAIS MC’S, **Fim de Semana no Parque, 1993.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=37uL-WfTBx0&ab_channel=AndreCoutinho. Acesso em: 11 out. 2020.

O jovem ficou se perguntando, “o Rogério da música ia pra escola? Ele tinha pais que lhe incentivavam a estudar? Ele tinha pai? Ele tinha mãe? O que ele tinha de suporte?” Muitas perguntas surgiram, muitas se perderam no pensamento, e já estava perto do horário da aula. Então, o jovem tinha que parar de divagar e apressar o seu almoço para não se atrasar na escola. “O bom é que ela fica perto, na parada 6 da Lomba do Pinheiro”, ele mora na 4. “É tão perto que dá para ir a pé, uns 20 minutos e já estou lá” pensava enquanto terminava de se alimentar.

A escola estava passando por um processo de reformulação, o antigo prédio de madeira iria ser destruído e um novo de material estava sendo construído, enquanto esse novo não estava pronto os/as alunos/as estavam tendo aulas em contêineres, contêineres apertados e incômodos, mais frios no inverno e mais quentes no verão do que o antigo prédio. Às vezes ocorria de faltar professor, ou dos/as professores/as não acreditarem muito no que estavam fazendo, por exemplo, uma professora de história que falava mais de novela em aula do que da própria matéria. Os interesses desse adolescente a respeito das matérias variavam de acordo com o vínculo que tinha com os/as professores/as, algo que mudava de ano para ano, de acordo com qual lhe cativava mais a atenção. A falta de professor tornava mais difícil a vinculação a algumas disciplinas. Os adolescentes estavam chateados com essa mudança para os contêineres porque diminuiu os espaços das paredes para as pichações (algo que era uma brincadeira subversiva disputada entre os meninos) e diminuiu o sentido desse marcar, visto que o contêiner era passageiro.

Algo que estava irritando Rogério eram algumas brincadeiras na escola. Era legal zoar, fazer piada e se divertir nesse ambiente. Mas nem todas as brincadeiras lhe agradavam, algumas que divertiam uns, machucavam outros. Principalmente quando os colegas brancos faziam piadas das características físicas dele, o qual, mesmo tendo certa passibilidade por ter cabelo liso, não era perdoado por suas características não-brancas: riam do seu cabelo ser duro e grosso, riam do formato do nariz, riam da pele parda. Esse olhar do outro mutilava a imagem que o adolescente via no espelho, distorcendo o que os seus traços representavam, ora sendo o que o outro dizia, ora não sendo. Como seria bom se fosse branco, assim não teria que suportar a dor de ser menosprezado pelo hegemônico. E mesmo que ainda tivesse características que o acercassem a esse fenótipo, ainda assim não era perdoado. Os fenótipos não brancos latejavam e gritavam. Perturbavam. Existia o hegemônico e o/a outro/a. O que falar dos/as colegas pretos/as então? Que eram totalmente silenciados/as, não tinham nenhum tipo de passibilidade. Quer dizer, esse tipo de brincadeira se direcionava a uns, mas não a outros. Por exemplo, ela não era feita com Adriano, isso que ele era preto retinto. Na verdade, todos/as os/as jovens ali sentiam uma mistura de medo e respeito por Adriano, já que ele era dono de uma boca de

tráfico na Mapa. Talvez rissem das suas características raciais, mas nunca na sua frente ou em público. Outro marcador era a roupa, os adolescentes com roupas novas e de marca eram exaltados, já se tivessem roupas velhas e sem marca, coitados. As discriminações raciais aumentavam ou diminuía de acordo com o status que a pessoa tinha, status simbolizado através das roupas que se usava. Por isso cada vez mais a escola estava perdendo o sentido para Rogério, já que este queria começar a trabalhar logo para comprar as suas roupas e o seu respeito. Mas a conversa com Ricardo fez com que ele valorizasse mais a escola, mesmo ainda não entendendo a importância dessa instituição. Por isso, como uma homenagem ao primo, continuou a estudar. Desejo que não foi fácil de sustentar, o periférico se deparou com muitas pedras no seu caminho. Mas conseguiu superar esses obstáculos e logrou entrar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde se formou psicólogo.

1.1 METODOLOGIA

Para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Rogério utilizou a Escrivência de Conceição Evaristo para elaborar experiências que carrega como um homem cis, pardo, pobre, visando complexificar as narrativas a respeito da periferia, visto que, muitas vezes, ele não se sentiu pertencente a esse espaço elitista e branco que é a universidade, e também por perceber o quanto a periferia é tratada de forma estereotipada não só na Psicologia como na universidade como um todo e nos lugares de poder ocupados pela branquitude. Percepção que gerou muita revolta e é o motor deste trabalho. Depois que se inseriu mais na universidade e quando começou a trabalhar com a População em Situação de Rua (Pop. Rua), percebeu que esse processo de estereotipar o outro que não se adequa à norma também é feito com essa população. Então, realizou uma conversa com “a Psicologia”, partindo do questionamento se ela está preparada e é eficiente para trabalhar com a Pop. Rua ou não, e se é possível construir uma Psicologia que não reitere violências estruturais a essa população.

Esse jovem utiliza a Escrivência ciente de que o contexto em que ela é usada como conceito é a partir das mulheres negras, mas que também pode ser usada por homens negros, desde que seja um contradiscurso que tenha o “propósito de incomodar o estabelecido, incomodar os da Casa Grande” (ALMEIDA, 2018, p. 8). Assim como a família de A. (o personagem criado pelo jovem negro citado acima), a de Rogério também passou por um processo significativo de branqueamento, valorizando os traços brancos acima dos não-brancos

na constituição identitária, algo que Rogério buscou desconstruir dentro da sua condição de pardo, se assumindo como negro. Movimento que tem seus reflexos na sua inserção no meio universitário, procurando introduzir as culturas negras e indígenas também como saberes válidos e não só o saber branco-europeu nesse espaço de poder.

Rogério tem dificuldades na escrita acadêmica, pois vem de um mundo regido pela oralidade. Essa escrita tem sido um desafio para ele desde que desejou entrar na universidade, dificuldade que pode ser herança de “uma época, em que durante muito tempo era considerado um crime, o ato de um negro ler ou escrever” (EVARISTO, 2005, p. 8), impossibilidade que marca não só uma família, mas também a cultura de um território que constitui subjetividades. Então, encontrar a Escrivivência lhe produziu um alívio, o de poder trazer algo da sua origem nesse outro mundo que é a academia. Já que a Escrivivência pode ser usada na universidade e faz parte de um universo que é regido pela oralidade, ou, ainda segundo a escritora (EVARISTO, 2005, p. 1):

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, inventava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe criava para as filhas nasciam com nome e história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia.

Então, este trabalho tem como berço um universo regido pela oralidade e, no seu caso, pela música, principalmente os Raps brasileiros dos anos 90, os quais foram palco de conversações internas durante a sua adolescência sobre o mundo em que vivemos. Algo importante de se salientar é que a periferia é um lugar que está sempre mudando, sempre inovando e criando cultura, assim como cada lugar tem as suas criações locais, mesmo que tenham aspectos que atravessem todas as periferias do Brasil, como a música, ainda assim existem aspectos que são singulares desses lugares. O que ele faz, então, é uma cartografia do que viveu, retratando aspectos culturais de um lugar específico e de uma geração específica. Para tanto, se baseia no que Geovani Martins fez em *O Sol na Cabeça* (2018). Utiliza a licença poética de construir uma linguagem coloquial em alguns momentos desta escrita, justamente para retratar esse aspecto singular que constitui a linguagem da periferia que lhe faz parte.

Procura escrever em terceira pessoa como um exercício para filtrar, dentre as tantas histórias e narrativas que pode contar a respeito da sua trajetória nesta cidade, as que representem uma experiência coletiva, dessa forma, que falem não apenas de si, mas também

de quem passou por experiências parecidas em contextos similares aos seus, em suma, que falem de “Rogérios”. Também utiliza a ficção como ferramenta para potencializar as suas histórias, entendendo que ela possibilita uma descrição que capta mais aspectos da realidade do que uma escrita “neutra e objetiva”, dessa forma, “é assumir a materialidade da palavra, a concretude ativa da experiência escrita e permitir que as sutis virtualidades das preensões contagiem a escrita” (COSTA, 2014, p. 558). Visando tal dobra acadêmica se inspira em outros TCCs que buscaram tensionar as narrativas pretensamente únicas (moderno-coloniais), como os de BATISTA (2016), ALMEIDA (2018), PAULA (2019).

Para tal projeto, subverte alguns aspectos das normas da ABNT visando que a escrita se adeque ao texto literário que busca desenvolver. Então, não vai separar as citações com recuo 4 cm e fonte 10 que façam parte da fala de um dos personagens criados. A menos que elas representem a leitura de um texto. Também vai colocar as citações literais em *itálico*, para que facilite a visibilização de que se trata de uma citação, e as referências das citações vão ficar em notas de rodapé para dar mais fluidez ao texto.

2. TERRITÓRIO EXISTENCIAL DE ROGÉRIO E DIREITO À CIDADE (Porto Alegre/000⁷)

*“Juruá retã ko iporã vai pa,
overá raxá ndajaikuaaái mba’epa omo’ã.
‘A cidade brilha muito, ofusca os nossos olhos
e não conseguimos ver o que há por trás dela’”^{8,9}*

O ano é 2020, o instituto de Psicologia sedia um incessante fluxo de pessoas e atividades: corpos circulando pelos corredores, estudando em sala de aula, usando a cantina, lendo na biblioteca, conversando com os amigos no pátio, discutindo política no diretório; ou discutindo política no pátio, conversando no diretório, fazendo arte em sala de aula. Sarau no pátio, poesia e música no ar, sala de aula na biblioteca, discussão política na cantina; uma palestra na 301, outra na 310, rádio na rua no saguão, daqui há pouco está no pátio, uma rádio que se move, troca de ares; trocas de saberes nos corredores, no diretório, na biblioteca. Bolsistas fazendo pesquisa nos laboratórios. “PSIU! Você conhece o jornal da Psicologia?”, estudantes divulgando a sua produção jornalística nos corredores. Em uma sala de pesquisa está Rogério, no final da sua graduação, elaborando o seu TCC. A temática é a sua relação com a cidade e o encontro com a população em situação de rua. A porta da sala está aberta e recebe diversas/os intelectuais que o auxiliam a elaborar a temática, alguns ficam mais, outros menos, mas todas/os ajudam com algo. O tempo, na narrativa elaborada, não é linear, começa no presente, mas daqui a pouco vai ao passado longínquo, passa pelo passado recente, chega ao futuro remoto. Isso porque os efeitos do futuro têm as suas causas no presente, o qual tem as suas raízes no passado. E o que seriam o passado e o futuro se não forças que habitam nosso presente? Na Psicologia, Rogério aprendeu em diferentes cadeiras que o passado e o futuro sempre se fazem presentes na experiência das pessoas a cada instante.

Mas para pensar seu presente e futuro sem esquecer o passado dos seus encontros, o estudante precisava de mais vozes. Então, humildemente, pede que mais vozes de fora da

⁷ Inventei estes números para simbolizar o “ônibus Porto Alegre” por entender que 0 representa múltiplas possibilidades.

⁸ ROSADO; FAGUNDES, 2013, p. 7.

⁹ Sobre essa passagem. “Iniciamos a apresentação dessa publicação com um pequeno fragmento do pronunciamento da *kunhã karaí* Florentina, xamã *Mbyá* Guarani. Dito por ocasião do aconselhamento a seu neto, o jovem Vherá Poty Benites da Silva, momentos antes deslocar-se da *Tekoá Jatai’ty*, Aldeia dos Butiazeiros, no Bairro Canta Galo, para o centro de Porto Alegre. Vherá contribuiu com suas “belas palavras” em um seminário de formação de professores do ensino básico não-indígena. Na oportunidade traduziu a frase a qual transcrevemos na epígrafe deste texto, por entendermos ilustrar bem à percepção desse povo indígena acerca da cidade” (ROSADO; FAGUNDES, 2013, p. 7).

psicologia a adentrem: a da população em situação de rua, dos/as periféricos/as, negros/as, indígenas, todas/os aquelas/es que raramente foram escutadas/os na construção do conceito de escuta psi. Também se juntam nesse processo as vozes interiores que extrapolam a experiência acadêmica: sua vida anterior à universidade, suas experiências fora dos muros universitários, suas aprendizagens para além de cadeiras e professores, seus encontros com amigos feitos nos guetos da sua trajetória de vida. Neste momento, no entanto, estava dentro dessa universidade escrevendo uma narrativa que busca adensar as vozes silenciadas nesse espaço, vozes que carregam um sofrimento que é importante ser escutado, que carregam propostas de mudanças que precisam ser multiplicadas, então, através desse rito/chamado encontra forças para construir um trabalho que quer ser uma multidão.

Nesta conversa inicial¹⁰, dentro da sala acadêmica, estavam presentes Luis Artur Costa, Ana Maria Martins Queiroz, Rosa Maris Rosado, Luiz Fernando Caldas Fagundes, Marcela Meneghetti Baptista, Gabriela Coelho-de-Souza, Marília Raquel Albornoz Stein, Eduardo Viveiros de Castro e Rogério, este, dá detalhes da temática a ser abordada no TCC.

Rogério - Queria começar a minha conversa com vocês partindo de algumas perguntas. Quem consegue conhecer todos os fluxos da cidade? Todas as suas relações? Todos os seus emaranhados? Já digo que não acho que tenham as respostas definitivas a respeito do que pretendo descobrir, mas sim que cada um carrega um saber a partir da sua perspectiva, e esta diz de um ponto da cidade.

Sei dessa multiplicidade porque vim de um lugar isolado do resto da cidade, o qual se eu não apresentasse pra vocês, provavelmente nunca iriam conhecê-lo, e mesmo o que apresento não é a totalidade desse lugar, mas sim uma parte, a minha parte. Lá as pessoas experienciam Porto Alegre a partir do seu bairro, diria até que a partir do seu sub-bairro, já que a Lomba do Pinheiro é tão grande que dificilmente alguém circula por todos os seus emaranhados. A Lomba é uma cidade dentro da cidade e tem bairros dentro do seu bairro. Lá é uma região dividida em paradas, essa divisão é tão forte que as pessoas se identificam pela parada em que moram, e cada parada de ônibus comporta uma grande região, constituída por uma grande população. As principais paradas que me identifico são as da 4 e da 6. Da 4 porque é onde moro, e na 6 porque é onde estudei. A primeira coisa que tu enxerga quando desce na parada 4 é uma grande igreja universal, a sua estrutura é de dar inveja. Essa parada também é

¹⁰ Me inspiro no trabalho de STEIGER (2019) para reunir diversos/as acadêmicos/as visando transmitir os seus conhecimentos através de uma conversa.

famosa pela vila Mapa, que é caracterizada por uma grande lomba, se tu fala em parada 4 tu fala em Mapa. Tem uma escola ali chamada Heitor Villa Lobos, mas como não comporta ensino médio, meus pais me colocaram para estudar no Rafaela Remião, que fica na 6. Na parada 10 tem uns bagulho muito massa, tem um lugar chamado Centro da Juventude, CPCA, que a gurisada aprende umas paradas como gastronomia, capoeira, esportes, e mais outras coisas. Não cheguei a participar, mas fiquei com vontade, principalmente quando via a galera ir pra lá de bus, eles recebiam a passagem para chegar e voltar do local. Na parada 22, temos uma aldeia Guarani; na 25, uma Kaingang, chamada Frag Nhin; e na 37, outra Kaingang chamada Oré Kupri¹¹.

Enfim, poderia continuar o resto do dia falando de parada por parada. Uma forma rápida de conhecer a paisagem do resto da cidade ou de todo o próprio bairro é através dos ônibus públicos, mas devido a tarifa cobrada, cada vez mais cara, vivenciar o resto da cidade se torna limitado para a população pobre e periférica. E há muito preconceito em como se dão as relações na favela, ou o que ela tem a oferecer, então, quem é de classes superiores frequenta espaços ocupados por seus pares, mesmo que muitos desses espaços, atualmente, se constituam perto da periferia. Antigamente eu só transitava pelo meu bairro, mas aos poucos fui descobrindo o centro e outros bairros, e fui percebendo como a dinâmica das relações mudava de acordo com cada região. Vocês podem até achar engraçado, mas ir da Lomba ao Centro era como visitar um lugar estrangeiro. Tudo muito diferente, gestos, gentes, assim como os prédios que ocupam esses espaços proporcionam uma paisagem distinta. Isso para mim era novidade, muito diferente da Lomba! A primeira vez que fui no centro me deparei com a população em situação de rua, me surpreendi com a quantidade de pessoas que vivem nessa situação, e, aos poucos, fui conhecendo essa população e descobrindo que ela tem muito a falar sobre a cidade e o mundo em que vivemos.

Luis Artur– Com certeza, Rogério! Temos que ultrapassar as máquinas acadêmicas, mas a academia também produz várias máquinas que podem te ajudar a entender melhor essa situação. Eu mesmo construí uma máquina cartográfica do tempo, a qual, através de uma retomada histórica, observando as narrativas construídas sobre a cidade, desde o seu fundamento até se tornar o que é hoje, possibilita entender as tramas e suportes que constituem Porto Alegre. Dessa forma, dá para enxergar as mudanças da cidade e da sociedade desde há muito tempo, através de imagens-narrativas que capturam momentos históricos em pequenos

¹¹ Estas informações consegui com uma colega que é Kaingang e mora em uma dessas aldeias.

fragmentos: um evento, um gesto, uma roupa, um objeto. Cartografias que são marcadas pela problematização dos juízos afirmados a partir do parâmetro de verdade de um tempo, os quais “*sempre serão verdadeiros neste, segundo a vigência de seus próprios critérios*”¹².

Ana Maria – Achei interessante o que disseste Rogério, algo que lembrei foi dos marcadores da diferença apontados por Patrício Sousa (2009), os quais funcionam “como dimensões capazes de demarcarem as diferenças entre os grupos sociais. Para Sousa, essa demarcação da diferença pode se dar a partir do próprio grupo e através dos sujeitos externos a essa coletividade”¹³. E a academia, composta pela branquitude, tem nos representado de forma estereotipada. Por exemplo, “*a representação da favela, dos terreiros de umbanda e candomblé, entre outros, e das corporeidades que neles se encontram e os constituem, é construída, em grande parte, pelo outro*”¹⁴ *de uma maneira estereotipada e que desqualifica as diferenças desses grupos*”¹⁵.

Rogério, depois dessa contribuição, fica atento a como as imagens da cidade vão retratar a periferia.

Eduardo – Antes de se falar da história colonizadora dos brancos na constituição da urbanidade em Porto Alegre, é importante conhecer um pouco de como os povos originários simbolizam este território, povos nativos que aos poucos vão sendo engolidos “*por uma máquina civilizacional incomensuravelmente mais poderosa*”¹⁶; depois desse primeiro passo importante, sim dá para falar da máquina dos Brancos, do “*‘povo da mercadoria’, e de sua relação doentia com a Terra*”¹⁷.

Rosa e Luiz, com vozes intercaladas – Muito importante isso que estas trazendo, Eduardo. A cidade é reflexo das pessoas e das lógicas dos grupos culturais a que essas pessoas pertencem. Porém, tem uma lógica hegemônica que tenta se implementar como totalizante, a de enxergar o espaço urbano enquanto mercadoria, a qual leva à aceleração do tempo e à invisibilização de

¹² “Afim, juízos afirmados a partir dos critérios de verdade de um tempo, sempre serão verdadeiros neste, segundo a vigência de seus próprios critérios. A percepção do caráter tautológico do nosso tempo, é a percepção da construção histórica causal, sem teleologias, do ser e do saber” (COSTA, 2007, p. 26).

¹³ QUEIROZ, 2017, p. 79.

¹⁴ Esta palavra, diferente do resto da citação, está em itálico no texto original.

¹⁵ QUEIROZ, 2017, p. 79.

¹⁶ CASTRO, 2015, p. 27.

¹⁷ CASTRO, 2015, p. 27.

outras formas de experienciar a cidade. “*Existem modos de vida simples, baseados em complexas cosmologias cultivadas coletivamente ao longo de milhares de anos, que precisamos (re)conhecer.*”¹⁸ Essa lógica hegemônica também estereotipa¹⁹ os indígenas e diz que eles não pertencem à cidade, os liga intrinsecamente à natureza, quando eles estão no espaço urbano sofrem discriminações e preconceitos por causa disso²⁰. A sua relação com a urbe é diferente da dos não-indígenas, pois eles redefinem o território a partir de relações sociocosmológicas com o espaço em que habitam. “*A partir desses espaços processam a renovação do compromisso com o passado e reelaboram suas culturas, diante dos contextos interculturais ao qual se encontram imersos*”²¹.

Em Porto Alegre, há três etnias indígenas: “*Mbyá-Guarani, Kaingang e Charrua*”²². *Cada povo tem língua, religião, arte, ciência, e dinâmicas culturais próprias, diferenciando-se uns dos outros*”²³. As suas presenças na cidade tensionam o desafio de preservar as matas, os morros, as nascentes... provocando uma sustentabilidade ambiental e uma preservação cultural. Este território que recentemente se denominou “Porto Alegre” pertencia aos indígenas há pelo menos 9 mil anos²⁴. “*No próprio centro histórico da capital, foi comprovada a ocupação indígena pelos vestígios pré-coloniais encontrados no recente processo de restauração da Praça da Alfandega*”²⁵. Porém, existem processos político-históricos de invisibilização da presença indígena na cidade, algo que temos que combater reescrevendo a história da nossa urbe, reincorporando aqueles que foram esquecidos e silenciados, “*para que ao recontar o passado possamos reencantar o futuro da cidade*”²⁶.

Marcela e Gabriela - Outra questão é a diferença de como é o habitar a cidade. Por exemplo, a concepção de territorialidade dos Guarani é baseada no princípio da mobilidade e da reciprocidade, não da propriedade privada e do estabelecimento em apenas um lugar²⁷. Então,

¹⁸ ROSADO; FAGUNDES, 2013, p. 7.

¹⁹ “(...) persiste o equívoco da existência de um ‘índio’ genérico, que reduz culturas tão diferenciadas a uma entidade supraétnica” (ROSADO; FAGUNDES, 2013, p. 9).

²⁰ ROSADO; FAGUNDES, 2013.

²¹ ROSADO; FAGUNDES, 2013, p. 5.

²² “No mapa atual da cidade localizamos 7 Coletivos Kaingang e núcleos familiares habitando os morros graníticos ou suas proximidades (São Pedro, Santana, Glória e do Osso), 3 Coletivos Mbyá-Guarani, nas terras baixas e altas, nos Bairros Lomba do Pinheiro, Lami e Cantagalo, e 1 Coletivo Charrua, no Bairro Lomba do Pinheiro. Essa rica diversidade étnico-cultural está longe deve ser (re)conhecida de todos os portoalegrenses.” (ROSADO; FAGUNDES, 2013, p. 11).

²³ ROSADO; FAGUNDES, 2013, p. 5.

²⁴ ROSADO; FAGUNDES, 2013.

²⁵ ROSADO; FAGUNDES, 2013, p. 11.

²⁶ ROSADO; FAGUNDES, 2013, p. 11.

²⁷ BAPTISTA; COELHO-DE-SOUZA, 2013.

para eles o caminhar é essencial, representa um jeito de buscar a *Yvy Marãeÿ* (Terra sem Males)²⁸.

Marília – Ah, sim, a *Yvy Marãeÿ* é “*um princípio cosmológico presente em mitos, cantos e narrativas, ligado à previsão de um espaço ideal de plenitude existencial e território simbólico de alcance do aguyjé (estado de perfeição), espelhado nas divindades e almejado pelo fortalecimento, pela leveza e pelo exercício da reciprocidade*”²⁹. A mobilidade está nas letras dos cantos sagrados, na representação icônica do caminhar (*aguatá*) plasmada nas coreografias dos *mboraï*³⁰, os quais buscam constituir socialmente o corpo no caminhar, através de diferentes movimentos de pernas e pés “e na existência de uma rede sonora de similaridades estilísticas entre cantos em diferentes *tekoá* (aldeias) Mbyá, a reforçar a circulação transterritorial da tradição sonora deste grupo”³¹.

Rogério - Importante trazerem essas narrativas, a máquina civilizatória branca e capitalista acaba silenciando diversas culturas como a dos indígenas, e também a nossa, periférica e negra, impondo uma lógica do individualismo e do extrativismo. Acredito que é necessário realizarmos uma mudança social em que não seja valorizado apenas a cultura branca/europeia, mas sim que desfaça a sua centralidade do hegemônico e possibilite a multiplicidade de referenciais que constituem o nosso país, nos libertando dessa Colonialidade que ainda nos subordina à cultura europeia. Dessa forma, terminando com a exclusão dos afrodescendentes, dos indígenas, dos periféricos, enfim, dos que não estão na norma branca/racista/eurocentrada, classe/média alta, cis/heteronormativa, machista, capacitista.

²⁸ “Os Guarani classificam esse contínuo território em quatro grandes unidades geográficas, considerando o interior do continente até o litoral atlântico. No Paraguai está localizado o centro do mundo (*Yvy Mbyte*), que ressurgiu após o dilúvio primordial. Os rios Paraná e Uruguai, em sua parte correspondente à Província de Misiones na Argentina, correspondem a *Para Miri* (água pequena), resultado do dilúvio que inundou a região leste do centro do mundo. Na banda oriental do rio Uruguai inicia a região do *Tape* (caminho tradicional), que é feito em direção ao Oceano Atlântico, denominado pelos Guarani de *Para Guaxu* (água grande) (Catafesto de Souza, 2008). Esse caminho tradicional pode ser interpretado como a caminhada em busca da Terra Sem Males (*Yvy Maraey*), que pode estar localizada em ilhas paradisíacas no *Para Guaxu*, que é o limite mais desafiador. Atravessar o Oceano Atlântico e chegar a essas ilhas, segundo alguns líderes religiosos guarani, seria realizar o caminho feito pelos jesuítas, que conseguiram atravessar o mar (Garlet, 1997)” (BAPTISTA; COELHO-DE-SOUZA, 2013, p. 18-19).

²⁹ STEIN, 2013, p. 47.

³⁰ STEIN, 2013.

³¹ STEIN, 2013, p. 47.

Luis Artur, vendo que o jovem está preparado, liga a máquina e esta começa a retratar a primeira imagem que surge.

Máquina do tempo - A cidade desde o século XIX até a metade do século XX é caracterizada como “uma máquina de ressonância, produzindo duas camadas de simetrias que se inter-relacionam em uma geometria binária maior. Produzindo um medalhão bem talhado em suas linhas e colunas dispostas com precisão e padrão, no qual os fluxos são trabalhados mais detalhadamente às formas de seus códigos de civilidade, a força da polícia e das regularidades urbanas servem como suporte a essa cidade. Atrelado a este medalhão, por distâncias permitidas, formam-se segmentos de um anel de ourivesaria não tão apurada, feita com cunha grosseira, apresentando vias e vidas nem tão disciplinadas, tornando-se antítese de um conflito ainda dialético: entre os que são, e os que não são, são”³².

Rogério – Percebo que as regras civilizatórias do medalhão, constituído por pessoas brancas de classe média/alta, são atravessadas pelas lógicas da sociedade disciplinar, estipulam que os seus moradores são pessoas saudáveis e que os que moram na periferia (anel de ourivesaria constituído por pobres, negros e indígenas) são tratados como doentes, degenerados, bárbaros, indecentes. As regras do que é civilização e do que é barbárie são impostas pelo centro como forma de controle dos corpos da cidade.

Máquina do tempo - Essa máquina de ressonância aos poucos vai mostrando os seus efeitos, com a mudança para a república e a entrada da ciência enquanto saber constituidor das práticas do Estado, este, buscando proporcionar uma rua limpa e segura para os ditos “civilizados”, tomando iniciativas nas quais buscou alargar as avenidas da cidade, extirpar os becos e ruelas, extinguir os cortiços, etc. Para estabelecer essa diferença, “*foram criados espaços que, em um primeiro momento, serviam somente à reclusão de segmentos populacionais específicos (disciplina muro), considerados nocivos por algum motivo – contágio, violência, imoralidade – para, posteriormente, sob os auspícios da ciência republicana, tornarem-se máquinas de normalização dos cidadãos desviantes (disciplina máquina). Criavam-se, assim, quadros classificatórios, produtores de inteligibilidade (FOUCAULT, 1987) que permitiam um melhor controle e previsibilidade do espaço urbano e de seus habitantes*”³³.

³² COSTA; FONSECA, 2009, p. 63.

³³ COSTA, 2007, p. 84-85.

Rogério – Isso explica a criação, próximo à metade do século XIX, da Casa de Correção, da Santa Casa, do Sanatório, e outros espaços disciplinares que marcaram esta primeira busca de implementar uma tecnologia sofisticada na normalização de sujeitos em Porto Alegre³⁴.

Luis Artur – Sim, exato! Muitos foram os espaços de fechamento disciplinar produzidos entre o século XIX e início do XX em Porto Alegre. Também muitos foram os movimentos de expulsão, remoção e criminalização dos pobres na cidade, forçando-os sempre a irem morar mais longe do Centro durante este período.

Rogério – E quais são os incentivos a essa busca de ordenação?

Luis Artur – São muitos fatores... Vão desde as doenças até os moralismos classistas e racistas do pessoal que queria fazer uma cidade só de brancos ricos para brancos ricos. Então, o poder público busca investir em infraestrutura na periferia, não porque queria melhorar as suas condições de vida, mas sim porque as doenças que a afetavam também adoeciam o centro³⁵.

Rogério – Hm. Então, aos poucos, essas regras tidas como “civilizadas” vão ganhando institucionalidade no Estado, o qual as implementa na periferia a partir de Códigos de Posturas que passam a vigiar e punir todos aqueles que desafiam a norma da branquitude racista e classista.³⁶ É louco como o tempo muda, hoje em dia praticamente não é permitido que cavalos circulem pelas ruas da cidade, isso se deu principalmente a partir da proibição de carroças e carrinhos no trânsito de Porto Alegre³⁷.

³⁴ COSTA, 2007.

³⁵ “Assim, na segunda metade do século XIX, a cidade continua em seu processo de disciplinarização das capilaridades urbanas. Passa a fornecer abastecimento de água a alguns domicílios e chafarizes; ordena seus largos, retirando destes os detritos que se acumulavam, extirpando a vegetação que lá crescia desalinhada, trocando-a por uma disposição regular de árvores e bancos. Constrói uma usina termoelétrica, inicia o saneamento e os serviços telefônicos, além de se ter regularizado, por lei, a coleta de lixo: estabelecendo a disposição deste em vasilhas diante de cada residência, para sua coleta pública por uma carroça puxada por burros, estas tocavam um sino quando da não colocação do vasilhame na calçada (SYMANSKI, 1998).” (COSTA, 2007, p. 56).

³⁶ COSTA, 2007.

³⁷ G1, **Lei das carroças entra em vigor em Porto Alegre e gera protestos**, 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2017/03/lei-das-carrocas-entra-em-vigor-em-porto-alegre-e-gera-protestos.html#:~:text=A%20partir%20desta%20sexta-feira,esses%20ve%C3%ADculos%20sa%C3%ADssem%20das%20ruas>. Acesso em: 10 out. 2020.

Luis Artur – Certamente. A cidade vai buscando se diferenciar do rural. O urbano quer ser “cosmopolita”, ou seja, quer ser europeu, norte-americano em seus jeitos de viver. Dando continuidade a essa busca de ordenar o urbano, no início da década de 1830, se faz uma reformulação da cidade, separando cada vez mais a localização das atividades dos ricos e dos pobres, evitando uma contaminação moral e física entre os diversos tipos de atividades³⁸. “*Aqui se faz, então, uma primeira reformulação da cidade, com a construção de largos, praças, equipamento para abastecimento de água, iluminação a óleo de peixe e despejo dos dejetos (PESAVENTO, 1991)*”³⁹.

Máquina do tempo – “Os caminhos de suas ruas começam a tomar mais corpo, duração e justeza de reta, ainda que muito estreitos, eram tortuosos e íngremes”⁴⁰. É o princípio da construção de uma ressonância ordenadora por sobre os fluxos da cidade, visando atingir a periferia também, já que esta desafiava os códigos da dita “civilidade”. Os fluxos singulares vão passando por uma sobrecodificação do Estado que passa a regulá-los. As vitrines se iluminam aos olhos admirados diante do espetáculo do progresso e seu imenso impacto sensorial. “Bondes elétricos e automóveis particulares podem já ser ‘vistos pela cidade, acelerando, ainda que acanhadamente, suas ruas, antes só salpicadas por cascos e soldados. Novos ruídos e outros ritmos misturam-se dando caldo a um fervido caldeirão urbano”⁴¹.

Rogério – Hm, percebo que, para aprimorar a constituição do medalhão bem talhado do centro, o poder público cria aglomerados urbanos chamados arraias, nos quais é assentada a população pobre, e que recebe investimentos para uma mínima organização, visto que não eram entendidos como partes da cidade civilizada propriamente dita⁴². Lembrei de *Admirável Mundo Novo*, em que o europeu Aldous Huxley, em 1932 cria uma sociedade futurista onde se tem uma separação bem nítida entre os “civilizados” e os “selvagens”, os primeiros detendo a tecnologia e industrialização que possibilita suprir todas as demandas básicas das pessoas (como alimentação, lazer, cultura, etc.), em um mundo perfeitamente controlado, dividido em castas. E os segundos vivendo com poucos recursos, com um estilo de vida não tão ligado à

³⁸ “No início da década de 1830 a cidade redige seu primeiro ‘Código de Posturas’, este ordenava diversos fluxos do urbano: onde se coleta a água, onde se despeja o lixo e dejetos, onde se lava a roupa dos hospitais (MONTEIRO, 1995, P. 30) e outras especificações classificatórias que doam localizações específicas a cada atividade específica, evitando a contaminação, moral e física, entre estas”. (COSTA, 2007, p. 55).

³⁹ COSTA, 2007, p. 55.

⁴⁰ COSTA, 2007, p. 56.

⁴¹ COSTA, 2007, p. 57.

⁴² COSTA, 2007.

tecnologia, mas sim às leis da “natureza”. O que separa essa distinção é principalmente a capacidade de parir, de dar à luz alguém que não está no controle do Estado, ou dos superiores, essa nova vida representa a destruição das rígidas forças controladoras da conservação do estabelecido. Os selvagens eram selvagens, principalmente, porque ainda constituíam um núcleo familiar, estabeleciam relações parentescas entre si, já os civilizados não tinham pai, nem mãe, nem irmão, ou irmã. Eram todos produzidos pelo Estado e serviam ao Estado. Porém, os “selvagens” ainda causavam um fascínio a esses sujeitos perfeitamente controlados, parece que esse mundo “perfeito”, ao ter em seu meio um indivíduo que vem de outra origem societária, com outras formas de perceber e sentir o mundo, causa um colapso nas suas regras sociais, a ponto de, no final da obra, esses ditos civilizados abandonarem o rigidamente estipulado e imitarem práticas do selvagem, trazendo um pouco de dor e sofrimento a esse mundo “perfeito” através do açoite. Também fiquei pensando atualmente como têm alguns ricos que sentem uma mistura de medo, inveja e fascínio pelas vivências dos pobres a ponto de, num comportamento bizarro, procurar ter um pouco dessa experiência frequentando lugares que simulam ela, como um hotel de luxo que representa favelas na África do Sul⁴³, ou tours feitos na Rocinha (RJ)⁴⁴.

Luis Artur – Interessante, essa distinção entre civilizados e selvagens se dá principalmente a partir da Europa, os brasileiros brancos só importam essa ideologia, assim como tudo relacionado à colonização.

Mas continuando a retomada histórica, nesse processo “*se enumeram e alinham casas, colocam placas nas ruas denominando-as, dentre outras ações disciplinares (PESAVENTO, 1994)*”⁴⁵. Mas, é principalmente sobre o centro que os investimentos urbanizadores irão se dirigir, já que é neste espaço que ocorrerá a convivência entre os que eram reconhecidos como cidadãos. É como dizia o jornal da época: “*Os arrabaldes estão aí e devem ser habitados pelos proletários. Na cidade propriamente dita, só devem residir os que podem se sujeitar às regras e preceitos da burguesia*’ (GAZETINHA, 1896, Apud MONTEIRO, 1995, p. 34)”⁴⁶.

⁴³ G1, São Paulo. **Hotel de luxo na África do Sul oferece 'experiência de favela' para hóspedes**. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2015/07/hotel-de-luxo-na-africa-do-sul-oferece-experiencia-de-favela-para-hospedes.html>. Acesso em: 10 out. 2020.

⁴⁴ NOGUEIRA, Kiko. **O voyeurismo indigente dos turistas que fazem safári humano na Rocinha**. 2017. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-voyeurismo-indigente-dos-turistas-que-fazem-safari-humano-na-rocinha-por-kiko-nogueira/>. Acesso em: 10 out. 2020.

⁴⁵ COSTA, 2007, p. 57.

⁴⁶ COSTA, 2007, p. 58.

Rogério – Algo que fiquei me perguntando é, como se dava essa distinção entre os que moravam no centro?

Luis Artur – A branquitude delimitou um regime de aceitabilidade baseado em uma Europa imaginária que se tenta coordenar no espaço central da cidade. Todos e todas aqueles e aquelas que não se encaixam no perfil de tal ideal eram negados, por um lado, ou permitidos só e somente enquanto trabalhadores e trabalhadoras subalternizados.

Rogério – Hm. Então, essas mudanças na cidade vão ocorrendo a partir da necessidade de mão de obra para suprir as relações comerciais crescentes no município, as quais exigem um espaço com boa circulação livre e ordenada de mercadorias e consumidores, assim como precisam de nós, para consumir e manter a produção a serviço do comércio⁴⁷.

Luis Artur – Exato. Um grande monumento de Porto Alegre para essa lógica disciplinar é o Hospício São Pedro, no qual se contém e afasta do centro todos (as) que não estão dentro dessa racionalidade branca, e se busca a docilização dos seus corpos a partir das práticas dessa instituição.

Para dar prosseguimento a essa ordenação urbana, cria-se “*um novo Código de Posturas*”⁴⁸, o qual entra em vigência em 1889, com o fim de regulamentar não apenas os modos de vida dos que habitam o centro da cidade, mas também executando medidas disciplinadoras aos arraiais na periferia (PESAVENTO, 1991)⁴⁹. Os jornais da época realizavam uma campanha pelo saneamento moralizante das ruas da cidade, vou ler o trecho de um deles:

Porto Alegre está precisando de um saneamento em regra.

Não será este, porém, de ácido fênico ou outros tantos desinfetantes.

Faz-se tão somente necessária a ação da polícia, sob um ponto de vista importante. É a bem da moralidade, da ordem e da tranquilidade públicas.

Dia a dia vai aumentando por toda parte desta capital o número de bordéis,

Verdadeiros “germens” do vício e do crime. (Gazeta da Tarde, 30 mar. 1897. Apud MAUCH, 1994, p.11)⁵⁰.

⁴⁷ COSTA, 2007.

⁴⁸ “Um novo Código de Posturas” está em itálico no texto original.

⁴⁹ COSTA, 2007, p. 58.

⁵⁰ COSTA, 2007, p. 59.

Rogério – Que palavras violentas essas utilizadas por trás da moral “civilizadora”! Maldita hierarquia de valores que garante o sono tranquilo de quem provoca violência e morte à periferia!

Luis Artur – Pois é dessa forma que, em 1896, nasce a Polícia Administrativa com fins de regulação moral urbana. Moral esquadrinhadora da periferia que separa os “cidadãos de bem” dos não-cidadãos e se preocupa com os efeitos dessas duas categorias de pessoas convivendo nos mesmos espaços. Entendendo que os “bons cidadãos trabalhadores” viviam ao lado e frequentavam locais, onde se encontravam os “vagabundos” e “prostitutas”, categorias taxadas pela elite como “*os germes que maculavam a sociedade Porto-alegrense impedindo-a de alçar à civilização*”⁵¹. A finalidade dessa polícia era “*a sustentação da ordem através da constante vigilância preventiva dos espaços públicos suspeitos*”⁵².

Rogério - Vish, policial como modelo para a periferia? Como diria Sabotage “*Pobre tratado como um cafajeste. Nem sempre polícia aqui respeita alguém. Em casa invade a soco, ou fala baixo ou você sabe[...]*”⁵³. Essa instituição enquanto Estado vai mais para ma(ltra)tar a população pobre do que proteger. Algo que, com a diminuição da sua ação no Rio de Janeiro, por exemplo, fez com que diminuísse as mortes na cidade.⁵⁴

Luis Artur - Pois é. Deve ser por isso que tal tentativa não foi bem sucedida, “*e os homens da polícia administrativa passaram a ser chamados de Ratos Brancos (pela farda branca que usavam)*”⁵⁵.

Rogério: Só podia dar nisso mesmo...

Retomando a análise histórica, a Máquina do tempo surpreende com uma nova imagem - nos próximos anos, Porto Alegre se expande e são preenchidas as áreas ociosas entre o centro e a

⁵¹ COSTA, 2007, p. 59.

⁵² COSTA, 2007, p. 59.

⁵³ SABOTAGE, **Um Bom Lugar (clipe oficial)**, Youtube. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=GA7LcSX8tYE&ab_channel=Sabotage. Acesso em: 11 out. 2020.

⁵⁴ STABILE, Arthur. **Rio: com menos violência policial, periferia respira**. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/rio-livre-da-violencia-policial-periferia-respira/>. Acesso em: 11 out. 2020.

⁵⁵ COSTA, 2007, p. 59, nota de rodapé.

periferia. Os automóveis começam a ocupar o cenário da sua paisagem⁵⁶, transformando a cidade para aguentar os movimentos em pêndulo entre os bairros e o centro, “*acelerando-a e alargando-a a partir do aumento na velocidade e facilidade no deslocamento de algumas camadas da população, outro modo de experienciar a cidade, em travelling, com cortes, por caminhos pré-determinados e cotidianamente cristalizados*”⁵⁷. “*Dá-se forma a uma nova cidade, experienciada velozmente e individualmente, nômade e sedentária no conforto da poltrona automotiva*”⁵⁸.

Rogério – Vish, desde essa época impera o individualismo urbano, em que as pessoas só pensam em si, na sua família, e não no transporte da comunidade, da cidade... Essa forma de vivenciar a urbe afasta mais os seus integrantes, esconde mais as desigualdades...

Máquina do tempo - Essas recentes mudanças provocam uma transformação na imagem de Porto Alegre, ampliando os aros da roda, “*a qual possui como rolamento o centro da cidade, em função do qual tudo e todos giram*”⁵⁹. Buscando possibilitar um melhor deslocamento entre as periferias e o centro, são criadas as avenidas radiais⁶⁰. Essa máquina funcionou até 1960-70, tempo em que o centro era um lugar privilegiado da cidade e as periferias eram constantemente lançadas para mais longe.

Rogério – É nítido o quanto os lugares ocupados pelos abastados da cidade sempre receberam mais investimentos por parte do poder público, mecanismo que aumenta as desigualdades sociais e raciais. E também como quem tinha o poder de classificar a sociedade o fazia estereotipando a periferia, retratada, em muitas imagens, como um espaço ocupado por selvagens. Lembrei de uma passagem de Becos da Memória, da Conceição Evaristo, vou lê-la para vocês:

Vó Rita chamou à parte e me aconselhou levar Nega Tuína para o hospital. Sentiu que ela não estava bem. E falou mesmo que era perigoso ficar aqui fazendo o parto sozinha. A barriga era de dois. E se vê que Nega Tuína não está bem. Carecia de

⁵⁶ “[...] entre os anos 1950-1975 o número de automóveis particulares cresce 20 vezes, enquanto a população duplica (FACARQ, 1980, p. 112), sendo este processo mais intenso entre 1960-65 e 1970-75” (COSTA, 2007, p. 93).

⁵⁷ COSTA, 2007, p. 93.

⁵⁸ COSTA, 2007, p. 92-93.

⁵⁹ COSTA, 2007, p. 75.

⁶⁰ COSTA, 2007.

hospital. Qual foi o susto tamanho dela. Nunca tinha ido ao médico. Nunca tomara remédio de farmácia. Nunca sentira nada, e agora, só porque ia parir, tinha de ir para o hospital? Ela iria só se fosse à força, mas mesmo assim se agarraria na cama e em tudo que encontrasse pelo caminho, só sairia de casa morta⁶¹.

A população marginalizada, muitas vezes, tem dificuldade em se vincular aos serviços de saúde e assistência, visto que as regras que imperam nesses ambientes são distintas das da periferia. Essa incongruência entre oferta e demanda está ligada à importância de viver de acordo com o que é possível dentro de cada contexto. No sentido de que o que importa para quem mora na favela é o saber popular produzido nesse meio, é a partir desse saber que as pessoas constroem as suas vidas, aprendem o certo e o errado, geram vínculos, descobrem e constroem os parâmetros da vida e da morte; é por isso que Vó Rita foi chamada para fazer o parto e a ideia de frequentar um hospital foi pior que a morte, se olharmos para a raça e classe dos trabalhadores da saúde e assistência, veremos que não são o perfil de quem mora na favela, deve ser por isso tamanho estranhamento de Nega Tuína em frequentar um serviço de saúde, claro que, na época relatada, não é a mesma do SUS, mas resquícios desse estranhamento ainda são visíveis no nosso sistema atual.

Luis Artur – As desigualdades foram impulsionadas historicamente pelo poder público, por exemplo, na administração Otávio Rocha, realizou-se uma mudança na coleta de lixo, em que carros movidos à tração animal foram trocados por caminhões que faziam esse serviço, porém essa troca se deu só na zona central, mesma localidade que recebeu uma equipe de varredores que trabalhavam até as 22 horas⁶².

Rogério - Hm. Então, foi nesse cenário de crescimento populacional e mecanismos de exclusão do centro a quem não tem o perfil estabelecido que se formaram diversos bairros periféricos?

Luis Artur – Sim. E esses bairros não seguiam as mesmas regras impostas no centro, algo que gerou preocupação ao poder público. O qual, em 1965, retira diversas casas que se distribuíam pela cidade formando vilas, *“Sua população é alocada em um ponto extremamente distante do centro, onde são deixados durante anos sem qualquer assistência ou estrutura de morada e saneamento, para a efetuação de um processo de triagem o qual decidiria quem estava apto a*

⁶¹ EVARISTO, 2006, p. 132.

⁶² COSTA, 2007.

concorrer a uma unidade habitacional deste programa federal. Somente na década de setenta se constrói um grande conjunto habitacional higienizado (Restinga Nova) e se implementa o projeto urbanístico que pretendia fazer deste bairro um modelo de cidadela racionalizada. Mas, a esta altura, este espaço que se constitui como uma pequena cidade satélite de POA, rodeada por campos inabitados, já havia crescido desordenadamente, possuindo uma ampla área de favela e ocupações. A esta área não urbanizada dá-se o nome de Restinga Velha, pois foi construída no terreno reservado à espera pela triagem, lá se expandindo e permanecendo”⁶³.

Rogério – Poxa, então é assim que nascem as Restingas! Essa informação me lembrou outra passagem de Becos da Memória:

O plano de desfavelamento também aborrecia e confundia a todos. Havia um ano que a coisa estava acontecendo. A favela era grande e haveria de durar muito mais. Dava a impressão de que nem eles sabiam direito por que estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez. As famílias estavam mudando havia um ano, mas, tempo antes, já havia ameaça de tudo que iria acontecer. De tempos em tempos, apareciam por lá engenheiros para medir a área. Não se sabia se os pretensos donos seriam de uma companhia particular ou se gente do governo. Vinha o medo. E quando o plano de desfavelamento aconteceu na prática é que fomos descobrir que os pretensos donos éramos nós. Eles, sim, é que eram os donos verdadeiros ou se portavam como tais. Nós, cada qual ajuntava seus trapos e, mesmo estando com o coração cheio de dor, mesmo estando com o coração cheio de rancor, partíamos⁶⁴.

Luis Artur – Interessante... Interessante que essa perspectiva traz o outro lado, o lado que narra não só a partir da pretensa racionalidade dos acontecimentos, mas sim os afetos que geram em quem são oprimidos por essas práticas de exclusão.

O ideal de uma cidade totalmente planejada não valorizava a iniciativa da população pobre no estabelecimento das suas moradias, Brasília é o ápice desse ideal e a sua decadência também, pois se verifica a sua imperfeição na concretização dessa cidade. A primeira coisa que surgiu em Brasília foram as favelas, porque é onde moravam os que construíram a urbe. E elas foram removidas porque não estavam no *script*, o que ocasionou o surgimento de cidades

⁶³ COSTA, 2007, p. 96-97.

⁶⁴ EVARISTO, 2006, p. 116-117.

satélites (bairros autossuficientes) em regiões mais periféricas da capital. E esses bairros periféricos constroem a sua própria forma de funcionamento, o Estado perde um pouco o controle desses lugares, algo que quebra com esse ideal de uma cidade totalmente controlada⁶⁵. Então, Brasília nunca deu certo. E por essa tentativa ter dado errado, se abandona esse ideal, o qual pretendiam reproduzi-lo em outras cidades, resultando na busca de outras estratégias. O que se encontra é “*a fuga do caos urbano em clausuras de harmonia homogênea. Do degrado dos inconvenientes a espaços fechados ou longínquos, se passa ao auto-degrado a espaços segmentados e controlados*”⁶⁶. Nessa mesma época, foi o auge do centro como lugar ocupado pelas famílias abastadas de Porto Alegre e a sua mesma decadência⁶⁷.

Rogério – Percebo que, com as mudanças de Porto Alegre, o centro não se tornou um lugar mais habitável apenas pelos “civilizados”, sendo frequentado por nós, periféricos. O que acaba afetando essa máquina de ressonância. Quando caminho no centro não sinto que estou em um lugar ao qual não pertencço. Vejo gente de todas as raças, de todas as classes. Porém, quando caminho pelo Moinhos de Vento sinto um estranhamento, lá me parece mais homogêneo, uma homogeneidade que exclui.

Luis Artur – É isso mesmo. A máquina de ressonância não constrói mais uma geometria bidimensional, entre centro e periferia, e sim passa por uma complexificação em que surgem outros espaços não existentes antes, tornando o centro um espaço de passagem e comércio, não tanto de habitação. Mas não quer dizer que não tenham mais estratégias para a segmentação da diferença, e sim que elas mudaram e se adaptaram a essa nova configuração⁶⁸.

Rogério – Era de se imaginar que a elite fugisse do centro, visto que o centro virou o núcleo do comércio, do trabalho, todo tipo de gente frequenta esse espaço. E com tanta muvuca é evidente que não iram querer se misturar...

Máquina do tempo - A sociedade disciplinar constituinte desse modelo de cidade não é mais suficiente, então cede lugar a um novo pacto social, ao da sociedade de controle, a qual não

⁶⁵ COSTA, 2007.

⁶⁶ COSTA, 2007, p. 95.

⁶⁷ “As famílias abastadas saem do centro na direção do leste que segue até hoje, ainda que os sentidos tenham se multiplicado.” (COSTA; FONSECA, 2009, p. 3).

⁶⁸ COSTA, 2007.

funciona mais por confinamento, mas sim por controle contínuo e comunicação instantânea⁶⁹, aceleração crescente das vias e cada vez mais autofechamento em espaços privados⁷⁰.

Rogério – Bah, deve ser por causa da internet e do desenvolvimento tecnológico recentes que a forma de viver a cidade se transformou, possibilitando novas formas de socialização, como a máquina mesmo mostrou, focadas no espaço privado. Agora ela não é mais a base da vida social, com a finalidade de possibilitar encontros, e sim é um meio, já que é utilizada com a finalidade de passagem⁷¹. E essa passagem também carrega consigo não se afetar com os outros, não gerar intimidade. Então as pessoas, nos seus diversos lugares de origens quando se cruzam pelo centro, veem apenas mais um, o que gera também a apatia em relação à situação da população de rua. E não vejo que o centro seja totalmente um espaço de circulação dos pobres, visto o valor da passagem, que restringe muitos da periferia a circularem pelos seus ares, tanto que, em dia de passe livre, é uma festa para os periféricos e o terror dos que têm dinheiro. Talvez isso explique também o quanto o centro gera medo, medo de ser assaltado ou furtado, algo que não tem tanto na periferia. Na periferia, só regiões específicas, onde há uma disputa por território de facções opostas, podem ocasionar assaltos, já no centro é recorrente...

Luis Artur– Então, essa fragmentação que tu percebes é o fruto da criação de *“uma malha polinucleada, onde seus pedaços ganham gradativamente mais autonomia, mas ainda se referem com frequência ao centro da cidade: são satélites orbitando em torno do astro rei e seu funil de radiais em leque”*⁷². Com as transformações da cidade, já que não existe mais essa separação tão rígida entre centro e periferia, se muda o tratamento à diferença, no qual *“vivemos um deslocamento da exclusão ao exclusivo”*⁷³. *Do criar espaços restritos para anular a diferença desviante para o criar espaços de acesso restrito, exclusivo, onde se possa afirmar uma diferença desejada enquanto fuga normal do ordinário, da massa”*⁷⁴. Exclusivo e exclusividade, visto que vão ter comunidades pobres no centro e vão ter habitações ricas na periferia.

⁶⁹ “As sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando para trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea (DELEUZE, 1992, p. 215-216)” (COSTA, 2007, p. 149).

⁷⁰ COSTA, 2007.

⁷¹ COSTA, 2007.

⁷² COSTA, 2007, p. 75.

⁷³ “exclusão ao exclusivo” em itálico no texto original.

⁷⁴ COSTA, 2007, p. 10.

Rogério – Hm, entendo. A Alphaville é um exemplo de um condomínio que fica na periferia e é para ricos, uma das primeiras mensagens que aparece na sua página de Porto Alegre é que é um espaço privilegiado pela natureza que circunda o cenário, a segunda é que é “*um espaço exclusivo com você merece*”⁷⁵, meritocracia fundamentando a exclusividade, já a terceira traz a boa segurança e distanciamento, “*fechamento do perímetro com muros e gradis*”⁷⁶.

Por outro lado, temos várias comunidades contra-hegemônicas instaladas em regiões centrais ou com bastante poder aquisitivo. Como Quilombo dos Silva, Quilombo dos Alpes, Quilombo do Areal, Quilombo Lemos, Quilombo Fidelix, Vila Cachorro Sentado, Morro do Osso, Pedra Redonda, etc.

Luis Artur- Aquela cidade governada pelas ressonâncias da máquina estatal sofre uma inversão no seu processo regulatório e, a partir dos anos setenta-oitenta do século passado, as ressonâncias são orientadas cada vez mais pelo mercado imobiliário e sua crescente mobilização volátil. A partir da crença na política de Estado mínimo neoliberal, a cidade se deixa guiar pelos interesses do mercado, apostando que tal posição irá gerar investimento, circulação de capital e empregos⁷⁷. Então, os que têm menos recursos sofrem cada vez mais pressão para desabitatar essas regiões mais valorizadas pelo mercado imobiliário, algo que, por exemplo, no início do século XX, aconteceu com a colônia africana que ficava no território que hoje conhecemos como Bom Fim e Rio Branco.

Por outro lado, outras forças também tiveram espaço com a nova constituição que estava sendo formulada nos anos oitenta e com a reformulação da saúde através da implementação do SUS, “*abria-se também terreno, ao menos teoricamente, aos ditos ‘atores sociais’, com a elaboração dos Conselhos Populares, os quais redundariam na experiência do Orçamento Participativo na década de 1990, sob administração petista. (SILVA, 2004)*”⁷⁸. Iniciativa que, através de outros investimentos do poder público em escutar as demandas da

⁷⁵ ALPHAVILLE. UM ESPAÇO EXCLUSIVO COMO VOCÊ MERECE. Disponível em: <https://www.alphavilleurbanismo.com.br/residencial/alphaville-porto-alegre>. Acesso em: 11 out. 2020.

⁷⁶ ALPHAVILLE. SEGURANÇA. Disponível em: <https://www.alphavilleurbanismo.com.br/residencial/alphaville-porto-alegre>. Acesso em: 11 out. 2020.

⁷⁷ “A partir dos anos setenta-oitenta, inicia-se o período de planejamento pós-regulatório, com a passagem do welfare state para a política de estado mínimo neoliberal. Planejamento torna-se gestão, e a gestão não guia, mas é guiada pelo mercado imobiliário e sua crescente mobilização volátil. A cidade se pauta pelos interesses do mercado na crença de que tal posição irá gerar investimento, circulação de capital e empregos”. (COSTA, 2007, p. 129).

⁷⁸ COSTA, 2007, p. 129.

comunidade, possibilitou “a percepção de que as prioridades planejadas pelo partido estavam invertidas quando comparadas à demanda da população (SILVA, 2004). Tal ação, somada aos massivos investimentos em marketing para promover a participação no instrumento, demonstram a comunicação social como fundamento de uma outra ressonância que ordenará o urbano, menos vertical e mais dispersa no território: cidade-informação”⁷⁹.

Uma nova imagem cartográfica surge:

Máquina do tempo – Com o fim da redemocratização da cidade ela é dividida em 16 regiões orçamentárias, o que possibilita às comunidades e aos movimentos sociais terem um espaço para que suas vozes ecoem na urbe. “*Capital e Social descentram a cidade segundo uma nova máquina de ressonância, de controle mais horizontal, e centrada no molecular enquanto foco de suas ações moduladoras: estratégias pontuais, negociadas com agilidade, flexibilidade e rapidez*”⁸⁰.

Rogério – Hm, e como se dá a atuação do Estado nesses espaços que antes se buscava disciplinar?

Luis Artur - Com essa nova perspectiva da cidade, o poder público visa capitalizar os espaços anteriormente vistos como lugares a serem disciplinarizados pelas ressonâncias do poder central. Agora o Estado não se preocupa tanto em planejar a cidade e sim na potencialização dos negócios, isso faz com que ela se modifique através de ações pontuais que são de interesses privados, como a construção de Condomínios, Shoppings, Parques Temáticos, Clubes, Centros de Eventos, etc. “*Estas se realizam a partir de estratégias pontuais que vislumbram as potencialidades de capitalização daquele espaço. A palavra de ordem é negócio, e não planejamento. A função espacial é capitalizar, e não viver*”⁸¹.

A conversa se encerra com essa última fala de Luis Artur. Rogério se despede e sai da sala pensando na sua vivência da cidade, do quanto na infância e na adolescência conhecia pouco de Porto Alegre, já que sua vida se dava em seu bairro e não ia a outras regiões. De como a primeira vez que foi ao centro foi uma experiência impactante, a descoberta de outras formas

⁷⁹ COSTA, 2007, p. 129-130.

⁸⁰ COSTA, 2007, p. 130.

⁸¹ COSTA, 2007, p. 132.

de viver a cidade e de como lá foi a primeira vez que encontrou a população em situação de rua.

Rogério, pensando consigo mesmo - A cidade carrega um mistério, quem consegue conhecer todos os seus fluxos? Todas as suas relações? Todos os seus emaranhados? Um véu invisível cobre as possibilidades de encontros e separa as pessoas ensimesmadas em seus mundos, mundos-cidades, núcleos variados, bolhas de realidade, Triste Cidade, Alegre Cidade, Cidade...

3. RENOVA-AÇÃO (Lomba do Pinheiro/398 > Centro/000⁸²)

Rogério, com 16 anos, pega o Lomba do Pinheiro (398) e desce no centro, é a primeira vez que vai a esse território. Quando desce do ônibus, vê tudo turvo, muito zum zum zum, ruídos de todos os lados... Aos poucos vai enxergando contornos e se familiarizando com o contexto. Ele percebe um incessante fluxo de pessoas, indo a diversos lugares, a destinos pré-determinados; coluna ereta, sem olhar pros lados, novas formas de caminhar se apresentam: o “passo inglês” ou o “andar à americana”, passos rápidos e firmes de um corpo ereto e solitário em meio à multidão⁸³. *“Tendo a própria espinha como eixo de gravitação, centro de equilíbrio do mundo, o caminhante urbano prende a vista em um ponto de fuga ao fundo do horizonte, para além das coisas, por onde se esvai seu olhar fixo que nada vê. Um andar compenetrado em si, que isola o pedestre do que lhe circunda, objetivando um foco de atenção somente para o percurso e os perigos deste”*⁸⁴. A cidade não é vista como um meio que possibilite encontros, mas sim como uma selva que serve para passagem, uma selva de concreto, diria Bob Marley⁸⁵.

Essa pressa é atravessada por ditados como “não dá para ficar de bobeira no centro”: também é um lugar perigoso, a maioria dos assaltos ocorrem nessa região. Além dos avisos dos conhecidos da periferia, Rogério também lembra de uma notícia que ouviu no rádio baseada numa reportagem da Veja, em que é feito um ranking onde se mostra os bairros mais inseguros de Porto Alegre para morar, e entre eles está o Centro Histórico, onde estão pontos históricos e turísticos como o Palácio Piratini, sede do governo estadual, e o Mercado Público. O que torna a região central insegura, porém, não são crimes graves como homicídios e latrocínios, mas os crimes considerados leves, como furtos e roubos a pedestres⁸⁶. No ranking apresentado, o centro aparece como a região onde ocorre mais furtos e roubos, enquanto as outras regiões mais violentas aparecem com 4, 2 ou 0 roubos e furtos, o centro aparece com 47 por 100.000 habitantes. Algo inusitado que ouviu na notícia foi que a escalada de violência fez com que empresários doassem 14 milhões de reais para reforçar a segurança da cidade,

⁸² Assim como para Porto Alegre, simbolizo o centro como 000 por entender que esses números representam múltiplas possibilidades.

⁸³ COSTA, 2007.

⁸⁴ COSTA, 2007, p. 89.

⁸⁵ BOB MARLEY. **Concrete Jungle**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y07vgARrOUE&ab_channel=BoBMArleySong1. Acesso em: 11 out. 2020.

⁸⁶ SPERB, Paula. **Ranking mostra bairros mais inseguros de Porto Alegre para morar**. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/ranking-mostra-bairros-mais-inseguros-de-porto-alegre-para-morar/>. Acesso em: 11 out. 2020.

provavelmente essa doação se deu porque a violência urbana os afeta, a desigualdade social vivida na pele pobre tem os seus efeitos no resto da cidade.

O Centro é também onde se concentra a maioria dos trabalhos e onde se concentram prédios que antigamente eram ocupados pela elite do município com o fim de moradia. Essa elite, ou as pessoas que possuem mais poder de consumo, já não se concentram nessa região (antigamente criavam um espaço normativo constituído por seus pares, com regras sociais tidas como civilizadas, as quais embasavam a exclusão da época), a socialização dessa classe/raça não se dá mais em espaços públicos e na rua, e sim cada vez mais em espaços privados ou semiprivados (shoppings, clubes, casas de espetáculo, etc.) dispersos pelo tecido da cidade. Dessa forma, não se encontrará apenas uma moda definidora de uma normalidade; antes, se verá a segmentação da população em diversos guetos, os quais só convivem entre si⁸⁷. Agora ao invés de encerrar ao distinto (pobres, negros, indígenas, loucos, etc.) para liberar o espaço central aos iguais (classe média/alta, branca), passa a segmentar os diversos tipos de iguais em espaços distintos. Muda-se de uma lógica do muro-cárcere para o muro-fortaleza: da exclusão para a exclusividade⁸⁸. *“A cidade se multiplica em pequenos bairros-cidade e daí em pequenos condomínios-cidade e unidades privativas, casas e apartamentos, cada vez mais autonomizadas em relação ao contexto urbano que as envolve”*⁸⁹. O ingresso dos automóveis em suas ruas fez com que ela se reestruture para que cada vez mais seja *“experenciada velozmente e individualmente, nômade e sedentária no conforto da poltrona automotiva”*⁹⁰. Forma de experimentar a cidade que possibilita um afastamento dos considerados “estranhos”⁹¹.

O jovem periférico se aventura a andar pelas ruas do centro, mesmo sem ter uma recepção a isso, talvez sem mesmo ser reconhecido no meio de tanta informação, ele se introduz de forma fluida por entre a multidão de desconhecidos com a qual tem de conviver. O ensimesmamento do andar à americana garante a privada indiferença ao entorno que o capitalista necessita para melhor efetivar seu objetivo de negociação no livre comércio⁹². Deste modo, a convivência no centro da cidade “Alegre” transborda uma indiferença individualista. *“O próximo, torna-se distante, o conhecido, anônimo. Andar pela cidade adquire um ar de estranhamento no cruzar por tantas vidas em um só lugar”*⁹³. Muitas pessoas caminhando,

⁸⁷ “Como na dispersão em bairros que findará em uma cidade polinucleada salpicada por espaços privativos autônomos interligados por espaços de passagem [...]” (COSTA; FONSECA, 2009, p. 12).

⁸⁸ COSTA, 2007.

⁸⁹ COSTA; FONSECA, 2009, p.13.

⁹⁰ COSTA; FONSECA, 2009, p. 4.

⁹¹ COSTA; FONSECA, 2009.

⁹² COSTA, 2007.

⁹³ COSTA, 2007, p. 90.

sempre com pressa, num incessante transitar⁹⁴, tudo se move e poucos indivíduos ficam parados. Nosso aventureiro também não para, foi ao centro buscando conhecer o Camelódromo (centro comercial referenciado na região que mora), onde têm produtos a um preço acessível, mesmo que a qualidade não seja das melhores. Porém, não conhece essa região, visto que é a primeira vez que a está frequentando, e as pessoas estão com pressa demais para lhe dar uma informação. O lado individualista e frio da cidade de Porto Alegre lhe atravessa, Rogério sente como se estivesse no meio de um rio, contra a corrente e sozinho. Cruza uma rua, na faixa de pedestre, e um carro quase o atropela: “você acha que está onde? acorda criatura!”. Depois desse episódio, ele encontra algumas pessoas vendendo produtos na rua e decide conversar com elas para adquirir informação. “Finalmente alguém que está parado nesse centro”, pensa consigo mesmo. Consegue obter a informação e vai ao lugar recomendado. Quando chega no local, encontra muito movimento também, muitas pessoas entrando e saindo. Lá dentro se depara com várias salas separadas por uma fina parede. Por onde passava, tinham pessoas recomendando o produto, lembrou dos vendedores de frutas e verduras da rua. Encontra as roupas, todas com marcas (Nike, Adidas, Lacoste), algumas roupas com essas marcas que não são a estética dos produtos originais, mas sim a singularidade criativa de alguém que copiou a marca e quis deixar a sua no produto. Depois de olhar todas as opções, escolhe a camiseta que se adequa ao seu gosto. Agora, assim como o fluxo cotidiano, decide voltar para casa.

Perto da Esquina Democrática, escuta uma música muito alegre, cantada por um grupo de 4 crianças acompanhadas de um adulto Guarani. Mesmo que Rogério não conheça a grandeza de sentidos sociocosmológicos que a letra abarca, ainda assim é tocado pela sua sonoridade. Depois que o grupo termina de cantar, o jovem periférico vê abertura e começa a conversar com eles.

Rogério – Pô, daora a música de vocês. Nunca a ouvi na favela.

Jovem Guarani – Opa, obrigado. Não é todo mundo que vem falar com a gente. Muitos não gostam da nossa cultura, a gente até já recebeu denúncia porque as nossas crianças tão aqui cantando, ou junto com as mães vendendo cesto de taquara ou só arrecadando dinheiro doado

⁹⁴ “Marcado pela impessoalidade do transeunte, do rosto que passa e não diz nada, garante a privacidade do pedestre, que pedra *est* ao outro que passa. O desvio de olhar, o passar reto, o *insu film* com ar condicionado, a reclusão em ‘prisão’ domiciliar, torna possível, assim, a coexistência no meio urbano: coexistência da indiferença garantida nas microblindagens ao encontro” (COSTA, 2007, p. 46).

pelos não-indígena⁹⁵. Eles acham que as nossas mulheres são “mendigas” e que eu, por tá liderando este grupo de canto, tô explorando meus filho, falam que é trabalho infantil⁹⁶. Só que não é isso, o que chamam de mendicância a gente chama de “poraró⁹⁷ – traduzido como ‘estender a mão’ ou ‘esperar troquinho’”⁹⁸, algo que pra gente é muito digno. Antes a gente buscava nossos alimento na mata, mas os branco tiraram ela da gente. Então agora a gente busca dessa outra forma. Eles ainda dizem que não era pra gente tá aqui, só que “quem disse que os brancos poderiam ter entrado nas matas quando eles não foram convidados?”⁹⁹.

Rogério – Bah, não sabia que tinha tanta gente que odiava vocês. Qual é o teu nome e onde fica a tua aldeia?

Jovem Guarani - Meu nome é José Cirilo Pires Morinico, moro na aldeia da Lomba do Pinheiro.

Rogério – Nossa, legal, eu moro lá também, na parada 4.

José Cirilo – Poxa, legal te encontrar aqui. Deixa eu te explicar melhor porque estamos no centro. “Antigamente era tudo mata, não é? Os Mbyá procuram seus alimentos na mata, frutas, caça, pesca. Hoje em dia não se consegue mais entrar nas matas porque é tudo propriedade. Então o que a gente faz? Nós temos que sair na cidade, a mulher tem que sair na cidade, tipo pescar, tipo caçar, não é? Agora não estamos mais caçando javali, no lugar da caça está o prédio, então os índios vão ao prédio, no lugar da árvore tem uma casa, aí os índios ficam perdidos, ficam ali sentados, esperando. O que se vai fazer? Quando a gente espera, passa um branco, que vê o índio ali sentado, e aí alguém vai dar algumas coisinhas, não é? Então isso também é um sistema cultural, só que agora não convivemos mais nas matas. Então, os brancos vêem que o índio está na cidade, e tem que entender que é lugar dos índios. Foram os brancos que construíram a casa, o prédio no nosso lugar, não é mesmo? Então, os Mbyá vão procurar seu alimento. Na aldeia já não tem mais mata, a área é muito pequena, então é uma busca de vida mesmo. O poraró é uma forma de cultura. Antigamente nós fazíamos poraró nas aldeias dos outros, íamos caminhando, levávamos batata-doce e trocávamos por carne de

⁹⁵ FERREIRA; MORINICO, 2008 Apud FAGUNDES, 2013.

⁹⁶ FAGUNDES, 2013.

⁹⁷ “poraró” está em itálico no texto original.

⁹⁸ FAGUNDES, 2013, p. 68.

⁹⁹ POTY, 2009 apud FAGUNDES, 2013, p. 68.

javali, então esse é o 'po', que é mão, 'raró', é sentado frente a frente, ao redor de um foguinho, e aí fica lado a lado passando batata-doce e o outro passando carne de javali, então isso é o poraró. Então, hoje os Mbyá ainda vivem assim, não é de agora, só que agora infelizmente não se tem mais as matas, aí parece que estamos vivendo sem cultura, não é? Aí o branco pensa que os Mbyá estão vivendo na cidade, mas não é isso, a sociedade tem que entender que não tem mais mata, não tem mais lugar, tem que reconhecer e ajudar, não é? Fazer poraró também é próprio dos brancos, eles também fizeram poraró. O branco tomou nosso lugar, não é? Então fizeram poraró, a troca, não é? Só que deu para nós a beira da estrada, isso também é uma troca, o branco também fez o poraró, só que fizeram ruim, não é? Então tem que entender, sentar e conversar, e que esse lugar [o centro da cidade], esse lugar seja reconhecido, o lugar é público, então não podem tirar os índios dali, porque ali é o Guaíba, o lugar do tape [caminho] mesmo, não é? O Guarani circulava por ali, pescando ali, porque o Guaíba tem muito peixe, tem muita fruta, não é? Então, o centro é um lugar que os Guarani moravam antigamente, tinham suas famílias. Não é que a gente queira viver desse jeito, mas a sociedade tem que entender que essa forma é para sobreviver, para levar e vender o artesanato. No centro também é lugar do artesanato. Tudo que a gente faz é poraró, o artesanato também é poraró, a gente leva balaio e o branco traz dinheiro. Quando se vai ao mercado também é poraró, não é? Traz carne, então tudo é poraró, então essa é uma forma de cultura, não é? [...]"¹⁰⁰.

Rogério – Pô, com certeza é. Tamo junto meu cupincha, no que eu puder fortalecê a luta de vocês tamô aí, vou ter que ir embora agora porque o bus passa daqui a pouco. Até...

José Cirilo – Prazer em te conhecer, até...

Rogério, então, continua seu trajeto de volta para a parada, só que desta vez está mais entusiasmado com a diversidade da cidade. E já que está mais tranquilo, decide ouvir música durante o trajeto. Pega o mp3 e bota uma do Bob Marley: Want More. Ele não entende muito de inglês, mas algumas palavras sim, o site de tradução ajuda bastante, então memorizou algumas frases. E o refrão lhe inquieta “*Now you get what you want, do you want more?*”¹⁰¹, ao som das batidas de reggae, “*do you want more?*” Você quer mais? Então, uma visão lhe

¹⁰⁰ SMDHSU, 2010, p. 19-23 apud FAGUNDES, 2013, p. 71-72.

¹⁰¹ “Agora você consegue o que você quiser, você quer mais?” **Want More, Bob Marley (tradução)**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bob-marley/259136/traducao.html>. Acesso em: 11 out. 2020.

surpreende, uma mulher negra que utiliza a calçada como sua morada, com roupas velhas e esburacadas, exalando um cheiro não muito agradável, alimenta uma criança dando-lhe um pão com margarina, olha para Rogério e este olha para ela, olhos nos olhos, ele percebe um grande sofrimento nessa mulher – “*do you want more?*” -, você quer mais? Essa pergunta não fizera tanto sentido como naquela situação. Continua andando, mas a apatia do andar à americana, que nosso jovem aventureiro estava tentando imitar, se quebra. Conhece um lado da cidade que não tinha visto ainda, como pode uma família viver daquela forma? Enquanto muitos sofrem porque querem mais, porque necessitam sempre ter mais, não chegam a uma satisfação, sofrendo com os desejos ilusórios criados pelo capitalismo, ao mesmo tempo, têm pessoas vivendo sem o mínimo de condições que lhes proporcione segurança e dignidade. Uma lembrança absurda lhe veio à mente, lembrou da propaganda de margarina, a qual mostra uma família “feliz” consumindo esse produto, com a mensagem subliminar de que se o público comprar a margarina vai alcançar a felicidade apresentada no convívio artificial milimetricamente construído. Família essa que está longe de ser representativa da região onde Rogério mora e apresenta um estilo de vida que está fora do alcance às pessoas do seu território, mesmo algumas famílias de lá podendo comprar a tal da margarina milagrosa que proporciona “felicidade”, essa felicidade nunca chega. Depois da satisfação imediata e passageira de comprar a margarina, tem que comprar o resto dos alimentos, num lugar em que nem as necessidades básicas são atendidas, não tem como ser feliz comprando uma margarina. O que dizer de quem não tem nem um teto para morar e preservar certa privacidade? A margarina não dá conta de tanto sofrimento.

Depois desse contato, a cidade perde um véu, da aparente alegria, surge a tristeza, o que mais Rogério vê é ansiedade e nervosismo, opressão e violência, injustiça e desigualdade. A tensão está no ar, e afeta todos os corpos. O medo de ser furtado, assaltado, espancado é visto em muitos olhares. Olhares escorregadios, que não penetram, mas se distanciam, deve ser cansativo o dia a dia de quem se vê envolto por inimigos em todos os cantos. A apatia quebra os encantos, da irrupção dos desencontros surge o medo àquilo que é estranho, um rio que gela as relações perpassa as cidades, impossibilita o quente dos contatos, o incessante fluir que torna tudo e todos meras paisagens, que não dá possibilidade à intimidade nem à sensibilidade. Uma frase atravessa e estremece Rogério, “*Veja, olha outra vez, o rosto na multidão, a multidão é um monstro, sem rosto e coração*”¹⁰².

¹⁰² RACIONAIS MC’S, Negro Drama, 2002. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1DybpDjuxBY&ab_channel=LucasYabagata. Acesso em: 11 out. 2020.

O periférico continua o seu trajeto, só que desta vez pensativo com o que viu. Quando chega na parada não se preocupa muito com o quanto vai ficar, pois tem mais de uma opção: Lomba do Pinheiro e Rápida Bento. O Lomba do Pinheiro chega antes, Rogério vai à fila constituída por umas vinte pessoas, agradece que com esse número tem o seu assento garantido na janela, o que é um momento de sorte, visto o quão lotado geralmente esse ônibus é, e nesse lugar privilegiado pode ver a variação da cidade, como a paisagem vai mudando. Primeiro o ônibus vai pela Borges de Medeiros, quando chega no Viaduto dos Açorianos, dá uma volta e continua na Avenida Loureiro da Silva, depois vai novamente pela João Pessoa, lá o jovem vê o esplendoroso Parque Farroupilha (Redenção)¹⁰³, fica absorto em sua beleza, o parque é cheio de árvores e pessoas bem vestidas correndo pelas suas terras; a vista desse lugar é rápida, porque o ônibus não para, e logo vai apercebendo a Bento Gonçalves, com seus prédios gigantes. Rogério lembra ter lido em algum lugar que Porto Alegre vê surgirem seus primeiros prédios de concreto armado na década de trinta, os quais são a revolução técnica que possibilita os arranha-céus e multiplica a capacidade de construir adensamentos urbanos, de forma rápida e funcional¹⁰⁴. No início da Bento, quando o ônibus para na primeira parada, vemos um gigante condomínio, com edifícios que quase tapam o sol. Ele percebe a quantidade de placas de vende-se e aluga-se grudadas em dezenas de janelas salpicando a fachada do prédio com letras de diferentes formatos digladiando-se pela atenção das ruas. Uma pichação vence a peleia e lhe toma a atenção: “*É indecente, é indecente, tanta gente sem casa, tanta casa sem gente*”¹⁰⁵. Uma angústia indefinida lhe toma o peito. Os próximos prédios são menores, mas são bem estruturados também. Cada vez que o ônibus vai passando, a paisagem vai mudando, mais árvores vão aparecendo. Árvores iguais às da Redenção, mas sem aquelas pessoas se exercitando com suas exuberantes indumentárias *sport e* também mais espalhadas pela região, a ponto de cobrirem toda a lateral da visão, no que antes tinha concreto, agora têm árvores, as mais bonitas das cidades. Ao lado desse cenário, tem uma ocupação chamada Vila Boa Esperança, no Morro da Companhia, constituída por 100 famílias, a UFGRS quer retirar essas famílias, será que o destino delas é o mesmo da família vista no centro? O próximo trajeto é a

¹⁰³ “Ainda que sejam épocas de higienistas, vê-se como principal preocupação a higiene estética e o lazer, à procura de uma harmonia planificada e civilizada, já que, no orçamento, o montante destinado somente ao ajardinamento do campo da redenção e construção do teatro municipal constituía-se em algumas vezes maior do que o montante destinado a implementação da nova rede de saneamento (MONTEIRO, 1995): dominar a peste do caos nos campos virgens, em detrimento de domesticar as pestes infecciosas que assolavam frequentemente a população, principalmente de baixa renda.” (COSTA, 2007, p. 70).

¹⁰⁴ COSTA, 2007.

¹⁰⁵ SÍLVIA PÉREZ CRUZ, **No Hay Tanto Pan**, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hPotgNFHf0E&ab_channel=SilviaP%C3%A9rezCruz-Topic. Acesso em: 11 out. 2020.

entrada na estrada João de Oliveira Remião, depois de quase uma hora chegamos no bairro Lomba do Pinheiro. Quatro paradas se passam e Rogério desce no seu destino, ele não caminha muito e chega em casa. Quando chega no local de sua moradia se depara com um terreno grande, uma cerca e um portão de madeira limitando o dentro e o fora, o chão é de terra (marrom claro), com muitas árvores constituindo o ambiente, o que o torna um lugar agradável de se estar. E numa pequena parte tem uma casa feita de madeira: constituída de dois quartos, uma cozinha e um banheiro (de material).

A família de Rogério mora nesse terreno há 20 anos, quando seu pai ficou nele para cuidá-lo, mediante um acordo com o dono do terreno, de que o pai e sua família poderiam morar no local, desde que cuidassem dele. Porém, essa situação mudou e logo toda a família iria saber disso. O dono acabara de falecer e o herdeiro tem outros desejos para a terra. Deseja possuí-la. Porém, existe essa família que está lá há 20 anos e isso lhe é um empecilho. É garantido pela lei do *Usucapião* (13.105/15)¹⁰⁶ a permanência dessa família no terreno, eles não podem deixar imediatamente o local porque os donos querem. Então, uma luta a partir da lei é travada.

O receio que Fabiano¹⁰⁷ (pai de Rogério) tinha de que um dia poderia ser expulso daquele terreno surge novamente. Há 20 anos, esse sentimento era muito forte, mas a crença de que o dono do terreno era uma pessoa confiável e de caráter lhe transmitia uma estabilidade,

¹⁰⁶ “*Usucapião extraordinária*, previsto no artigo 1.238 do Código Civil, tem como requisitos a posse ininterrupta de 15 (quinze) anos, exercida de forma mansa e pacífica com ânimo de dono, que poderá ser reduzida para 10 (dez) anos nos casos em que o possuidor estabelecer no imóvel a sua moradia habitual ou nele tiver realizado obras e serviços de caráter produtivo. A *usucapião ordinária* está prevista no artigo 1.242 do mesmo diploma legal e tem como requisitos a posse contínua, exercida de forma mansa e pacífica pelo prazo de 10 (dez) anos, o justo título e a boa fé, reduzindo esse prazo pela metade no caso de o imóvel "ter sido adquirido, onerosamente, com base no registro constante em cartório, cancelada posteriormente, desde que os possuidores nele tiverem estabelecido a sua moradia, ou realizado investimentos de interesse social e econômico", nos termos do artigo 1.242, parágrafo único do CC” DIREITO CIVIL. **Usucapião - Novo CPC (Lei nº 13.105/15)**. 2008. Disponível em: <https://www.direitonet.com.br/resumos/exibir/365/Usucapiao-Novo-CPC-Lei-n-13105-15#:~:text=Usucapi%C3%A3o%20extraordin%C3%A1ria%2C%20previsto%20no%20artigo,moradia%20habitual%20ou%20nele%20tiver>. Acesso em: 11 out. 2020.

¹⁰⁷ “Fabiano é um homem rude, típico vaqueiro do sertão nordestino. Sem ter frequentado a escola, não é um homem com o dom das palavras, e chega a ver a si próprio como um animal às vezes. Empregado em uma fazenda, pensa na brutalidade com que seu patrão o trata. Fabiano admira o dom que algumas pessoas possuem com a palavra, mas assim como as palavras e as ideias o seduziam, também cansavam-no”. GUIA DO ESTUDANTE. “**Vidas Secas**” – **Resumo da obra de Graciliano Ramos**. 2012. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/vidas-secas-resumo-obra-de-graciliano-ramos/>. Acesso em: 11 out. 2020.

mesmo que essa estabilidade fosse um pouco dúbia com a ideia de que poderia vir a desocupar o terreno dependendo do desejo de quem cedeu o lugar. “Mas como pode 20 anos de cuidado com a terra não valerem nada? Com certeza um advogado pode ajudar”, Fabiano pensava consigo mesmo. Muitas grandes pedras que tinham no terreno foram cortadas e utilizadas para tornar o espaço mais habitável, as árvores foram preservadas, várias até foram plantadas pelo pai do adolescente. Os seus braços grossos e fortes trabalharam muito para preservar o local. No começo da sua estadia, teve que lutar contra invasores que queriam se apropriar do espaço. Mas agora ele já não tinha as mesmas condições de antigamente. Já estava velho, tinha se aposentado por invalidez e não conseguia mais empregos como antigamente. Ganhando um salário mínimo, tendo muitos gastos com remédios, principalmente para o coração, como poderia assegurar o sustento da família nessas condições? Não, a ideia de sair do terreno sem perspectivas de moradia era algo que não lhe passava pela cabeça.

Enquanto a luta judicial acontecia, o terreno aos poucos ia sendo ocupado pelos ditos “proprietários”. Eles começaram a ocupação cortando a maioria das árvores, deixando poucas para contar a história. Uma goiabeira que tinha sido plantada em homenagem ao nascimento de Rogério foi cortada nesse dia e esse episódio tinha abalado a sua família. A goiabeira, além de ser simbólica para a família, dava muitos frutos, os quais eram utilizados para consumo próprio ou para fazer doces. Fabiano até tentou negociar, mas o dono do terreno disse que estamos no século XXI, se quiser fruta é só comprar no mercado, não precisa uma planta atrapalhar o que futuramente vai ser a saída do carro. Depois de cortar as árvores, o próximo processo foi o de acrescentar mais terra, caminhões e caminhões de aterro. As pedras que tinham sido cortadas por Fabiano foram roubadas para ser o alicerce do casarão que iria ser construído para a família do patrão. Enganado e iludido, Rogério, em momentos iniciais, trabalhou na construção da casa nova, essa foi a sua inserção no mercado de trabalho. Recebeu alguns trocos e ficou feliz em poder ter algum poder de consumo. Aos poucos foi interagindo com a família “patrona”, e se sentiu, aparentemente, valorizado por essa família, principalmente porque era alguém que ia bem nos estudos. Como reconhecimento, recebeu um livro de geografia. Ele não entendeu porque recebera tal livro. Futuramente interpretou que recebera tal livro porque a sua família teria que buscar algum lugar novo no mapa para habitar. A pior crueldade é a que é mascarada de bondade.

Anos e anos capinando a terra para cuidá-la, deixa-la fértil, bonita... a frustração não pede permissão para aparecer na vida de quem é pobre. Depois que a casa estava pronta, o próximo passo foi cimentar todo o terreno, para tal objetivo acontecer, a família de Rogério foi despejada. A casa de madeira não tinha mais lugar naquele espaço, a terra que, por muito tempo

tinha sido cuidada por Fabiano, agora estava sendo soterrada pelo cimento e pela modernidade. Toda a história que aquele espaço carregou durante 20 anos foi cortado, aterrado, homogeneizado, branqueado, cimentado.

Fabiano resistiu como pôde a essa expropriação, para tanto, contratou um advogado para defender a sua causa. Ele se sentia impotente contra um sistema tão complexo como o judicial, que é quem tem o poder de decidir a quem pertence o terreno nesta situação. Quem merece ficar com o terreno, a família que construiu a sua vida nele por 20 anos ou quem apenas herdou a posse, e não tem uma intimidade com o local? O processo estava favorável a quem tinha intimidade com o terreno, mas no decorrer, quem tem o papel documental da posse decidiu usar a arma mais forte que possui: o dinheiro, e subornou o advogado de Fabiano usando pedaços de árvore valorizados socialmente para tanto. O corrupto aceitou o suborno e o que Fabiano ganhou foram apenas míseros 3 mil reais. Com esse dinheiro, é impossível comprar um lugar para morar, então, o pior cenário possível para a família de Rogério se concretizou.

Fabiano, desesperado – Maria, o que tá acontecendo? O advogado disse que tava tudo certo, que a gente ia ganhá, com nosso pedacinho de terra ou um bom dinheiro pra comprá outra íamos ficá, como é que pode terem nos pagado só 3 mil real? O que vai ser do nosso filho? Temos que sustentá-lo. Mal tenho dinheiro pra pagar os meu remédio. Como é que a gente vai vivê? A nossa casa vão destruir, nem as madeira vou poder levá. O concreto vai ficá, assim como já tá puro concreto o coração do patrão, lá não nasce flor, só tem espaço pra pó seco que deixa duro o chão. O que me restou? Só a minha Brasília branca. Ô, a Brasília branca. Lembro como se fosse hoje quando a comprei, depois de vários meses juntando dinheiro consegui comprá ela. Não foi fácil, com todos os gasto e com o pouco dinheiro que eu recebo, tive que fazer um milagre. Foi tão demorado consegui-la, e agora ela vai ter que ir embora tão rápido. Ela vai ser a nossa salvação, mas vamo tê que nos aprofundá ainda mais na favela. O asfalto é demais pra a/gente.

Maria¹⁰⁸, mostrando uma força incrível – Calma Fabiano. Hoje mesmo falo com a minha prima, ver se tem algum lugar barato ali perto aonde ela mora, já que é uma ocupação

¹⁰⁸ “Não dá, não deu, não daria de jeito nenhum, O Derley era só mais um rapaz comum, dali a poucos minutos (dali a poucos minutos). Mais uma Dona Maria de luto [...]. 2 de Novembro, era Finados, eu parei em frente ao São Luís do outro lado. E durante uma meia hora olhei um por um e o que todas as senhoras tinham em comum: a roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela vida dura, colocando flores sobre a sepultura. Podia ser a minha mãe, que loucura!” (RACIONAIS MC’S. **Fórmula mágica da paz**, 1997. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UrSGiQGeXW4&ab_channel=AndreCoutinho. Acesso em: 11 out. 2020).

as terra deve de sê mais barata. Pra conseguir mais dinheiro vou falar com a patroa pra fazê hora extra, ou que ela me indique outras patroa pra limpá a casa delas.

Fabiano se acalma e pensa com Maria o futuro da família. Então, eles descem na rua principal da Mapa à procura de um novo terreno. A vila Mapa é um sub-bairro que fica na parada 4 da Lomba do Pinheiro, a característica marcante dela é que possui uma rua principal feita de asfalto que é bem inclinada, as perpendiculares a essa não são asfaltadas. Pela rua central passa o ônibus Mapa (394) e o Belém Velho Oscar Pereira (260). Mas essa região é boa demais para uma família que tem uma Brasília branca e 3 mil reais como fundo para comprar uma casa. As prerrogativas da civilidade moderna, terras asfaltadas e carros, são demais para essa família. Então, os excluídos vão adentrando ainda mais na vila até chegar na ocupação Santo Antonio. Enquanto descem a rua principal da Mapa vão escutando diversas músicas que são emanadas das casas que cruzam, primeiro escutam funk, depois pagode, depois rap, sons de tiros se misturam com a música, causando um estranhamento, inicialmente Rogério pensa que os tiros eram do rap, mas depois conclui que era de um tiroteio ali perto; continua descendo a rua e escuta sertanejo, forró, avança mais um pouco e escuta reggae, depois rock, um pouco mais baixo do que os demais, o qual é abafado pelo som da sirene da polícia, “mataram mais um”, pensa o adolescente. Agora vem a subida, sobem umas três quadras e dobram à esquerda. O chão muda, ele é feito de paralelepípedos, com pedras que Fabiano costumava cortar. A família continua a sua caminhada e encontra uma descida em que o chão é feito de terra, é o começo da ocupação. Lá está tão longe do Estado que nem a água e luz são legalizadas, mas a polícia volta e meia passa para lembrar que ele ainda está lá. É o local perfeito para a situação financeira que se encontra a família. Fabiano vende a Brasília e dá de entrada para comprar um terreno nesse território. Pensa, numa mistura de otimismo e desespero que é um veículo que enfrentaria dificuldades em se locomover na região, visto que depois de longos períodos de chuva, as ruas ficam cheias de buracos e o deslocamento da água cria rachaduras no solo. Mesmo com essas dificuldades, ainda existem carros e motos na comunidade, alguns bem atuais. A maioria das casas é feita de madeira, mas têm algumas de material, e quase nenhuma rebocada e pintada. O saneamento básico foi feito pelos próprios moradores, e o esgoto é a céu aberto. O terreno da casa comprada está cheio de mato, e possui uma casa de madeira com três cômodos: um quarto, uma cozinha e um banheiro (feito de material). A casa não está nas melhores condições, parece que foi construída só para ocupar o espaço e privatizar uma terra. Em volta da região ocupada está uma densa floresta. A casa fica numa lomba (algo bom, porque não tem a possibilidade de alagar), se olhar o território a partir da metade para cima é uma vista

muito bonita, parece um daqueles filmes da sessão da tarde da rede Globo, com muitas árvores, um verde que toma conta da visão, já se olhar da metade para baixo a vista não é tão bonita, segundo as prerrogativas da estética hegemônica e moderna sobre a cidade, de bairros racionalmente planejados, por outro lado, existe uma outra beleza, a partir da estética da resistência. É um cenário que mostra casas construídas com poucos recursos, a partir do que dá, ruas de terra (as quais quando está calor sujam levemente os tênis, e quando chove embarram tudo o que passa por lá). E é a população residente que constrói o cenário, e não o Estado, a partir de uma organização feita pelos próprios moradores: como o nome das ruas, as caixas de correio construídas, a água e luz desviadas, o esgoto possível... Algo interessante é que no nome dessas ruas não se encontra ídolos escravocratas ou da ditadura, os referenciais são os da própria comunidade e não os do Estado.

O dia está com um ar gelado e com o céu nublado, o sol está tão escondido dentre as nuvens que não dá para notar em que parte ele se encontra, as nuvens reinam, tomam conta de toda a paisagem, mas não conseguem impedir os raios solares de fazerem o seu papel e demarcarem o dia. Mesmo estando confuso, ainda há esperança. Rogério sai de casa e vai conhecer a vizinhança. Está com uma alegria renovada, o pai plantara uma nova Goiabeira e outras plantas para ampliar a vida no pátio. Olhando à volta, reconhece o amigo que há pouco fizera, um vizinho cujo nome é Jessé. Rogério, com seus 16 anos, fica feliz em encontrar adolescentes da sua idade, com quem pode trocar formas de pensar e sentir o mundo. Quando vê de longe o amigo, vai em direção a ele, num andar gingado, balançando os ombros de um lado pro outro, cara séria, olhar penetrante e transbordando ódio, uma casca que aprendeu a utilizar para sobreviver na região em que mora. Encontra o amigo e se cumprimentam, ele está acompanhado de um irmão, um ano mais novo do que Rogério.

Rogério – E aí cupincha, sereno?

Jessé – Sempre, né, pai. Tá ligado que o bagulho é louco, a correria não para, mil grau, tamo sempre na atividade.

Rogério – Pode crê.

Jessé – Tu é novo aqui, tem que aprendê uns bagulho... Não abaixa a cabeça pra ninguém, se tu apoia a gente também vamo te apoiá. Quando tu tivê passando por necessidade lembra disso. Assim como nós espera que tu nos apoie quando a gente precisá, não adianta ser traíra não,

porque senão tu vai perde o nosso respeito. Também não vai ser X9 pra polícia, se tu vê algo de errado fica gel, finge que não viu nada, dedo duro não dura muito. Vai te acostumando com a falta d'água, os guri resolve com caixa d'água, pra falta de luz é bom compra vela. De vez em quando a gente desenrola uns corre, fica esperto que nós pode consegui uns pra ti também. Sempre tem alguém precisando capiná o pátio... Os outro tipo de corre a gente consegue também, mas esses não são pra alguém tão inocente como tu.

Os dois irmãos riem com essa última fala, risos que marcam uma diferença.

O grupo continua conversando, Rogério vai aprendendo novas formas de viver, depois de aprender o “passo inglês” e o “andar à americana” observando o centro, fica mais satisfeito com o novo tipo de caminhar que aprendeu com os amigos: “A Gingada da Vila”. Também vai aprendendo a sabedoria da ocupação: como agir para ser bem-sucedido e respeitado na região. Respeito é o que Rogério mais deseja, pois já sentiu muitos olhares de desmerecimento, então, ouve com bastante atenção. Enquanto caminham pela ocupação os novos amigos lhe apresentam um novo caminhar: olhar penetrante, com ódio, gingando, mas gingando mais do que antes, e mais curvado do que antes também. Um caminhar que carrega um peso maior ao anterior, e uma raiva maior também, portanto, assusta mais. Havia respeito e reconhecimento naquele medo, ao menos um respeito e reconhecimento possíveis para aqueles jovens corpos periféricos.

Rogério se despede dos amigos e continua conhecendo a comunidade, só que desta vez sozinho, no caminho passam por vários homens. Uns brancos, mas a maioria negros. Muitos que passavam pelo descobridor de mundos evitavam o olhar, mas alguns o olhavam, Rogério olhava para todos. Essa troca de olhar se chama na comunidade de encarar, então, ele encarava a todos, e nesse encarar tinha uma disputa, de quem demonstrava ter mais ódio e menos medo. Quem desviasse o olhar perdia primeiro, era tudo muito rápido. A maioria desviava o olhar antes de Rogério, mas tinham alguns que eram tão firmes no seu olhar que ele desviava o olhar antes, mesmo sentindo muito ódio, não queria partir para uma luta corporal com alguém que demonstrava ter tanto ou mais ódio que ele. No fim, apenas buscava respeito, andar de cabeça erguida e ser reconhecido. Quando encontrava um/a amigo/a na rua o olhar mudava, aí conseguia expressar o seu jeito de ser e demonstrava um olhar carinhoso.

Nessa mesma época, começou a trabalhar num grande supermercado de Porto Alegre, era o trabalho perfeito para quem tinha apenas o corpo e energia como moeda de troca. Lá não era respeitado, mas sim, cotidianamente, humilhado e explorado. Trabalhava de segunda a sábado e às vezes nos domingos e feriados, ganhava uns trocados. O sonho de realização dos desejos de consumo não se realizava, quer dizer, se realizava parcialmente. Essa parcialidade

lhe trouxe um valor entre os/as amigos/as da escola e da comunidade, a partir da possibilidade de consumo, e orgulho para os pais, por estar trabalhando “dignamente” e não cometendo crimes pela cidade. Mas cada vez mais a escola ia perdendo sentido. No último ano, ela ainda carregava validade atribuída ao conselho de Ricardo, porém esse valor tinha sido abalado com a entrada no mundo do trabalho e o retorno imediato que ele proporciona. Entre os colegas pairava um ar de desorientação, de realizar os estudos por obrigação, sem horizonte de sentido futuro para tanta dedicação... Malandro não estuda, malandro dá um jeito... Rogério falha no terceiro ano.

Essa falha o abala, visto que desde que ingressou na escola se dedicou a ela e não entendia porque os professores o tinham reprovado. Entendia que por causa do trabalho não tinha se dedicado como nos anos anteriores, mas mesmo assim tinha investido muita energia nessa instituição, a ponto de se sentir esgotado por causa de tanto esforço. A cabeça baixa exigida pelo supervisor no supermercado agora se reproduzia na escola, só na rua seguia olhando olho no olho. Não conseguia mais trabalhar, cada vez mais aquele estabelecimento se tornava sufocante. A luz branca. O som dos leitores dos códigos de barra, as ordens incessantes dos chefes, o tempo que não passava, o vazio que o ocupava... Entrava à tarde e saía de noite, não via o pôr do sol, nem tinha mais tempo para si. Esse trabalho-prisão fez com que ele desejasse sair de lá, mas não tinha perspectiva de um trabalho melhor e precisava do dinheiro, então, ficou mais um tempo aguentando as humilhações cotidianas, as quais aumentavam devido as transgressões que Rogério fazia, cada vez mais, cada vez mais... Num dia em que volta, de noite, no ônibus *Quinta do Portal*, tem os seus pensamentos interrompidos por um jovem que faz um discurso eloquente, esse jovem está acompanhado de um primo, que, envergonhado, pede para ele parar, que as pessoas podem não gostar do que ele vai falar. O jovem palestrante não se acanha com as ressalvas do primo e se apresenta, dizendo que se chama Marcos e está encarnando o tempo.

Marcos, encarnando o tempo – Vim falar a partir de algo valioso em suas vidas, o tempo. As existências são atravessadas por mim, sou o suporte da vida e da morte, estruturo o mundo, não sou masculino nem feminino, todas as experiências passam pela minha ação, por isso não posso ser limitado por palavras. Quando as pessoas são jovens, possibilito que elas se desenvolvam, quando elas são velhas, as aproximo da morte. As doenças são aliadas da morte e aceleram o meu processo, às vezes em corpos que não chegaram ao ápice do seu desenvolvimento. O SUS e o SUAS, aliados à vida, procuram combater as doenças, seja prevenindo, seja curando, seja promovendo saúde. Infelizmente as periferias não recebem tantos recursos como regiões em

que a população possui maior poder aquisitivo. Ou o recurso que recebe não dá conta da quantidade de demanda que essas regiões têm, o que acaba gerando algumas falhas e descontentamentos, como a longa espera para um tratamento de longo prazo. Mesmo com dificuldades, ainda assim são instituições que resistem às doenças e desigualdades, contribuindo com a vida e que merecem ser valorizadas: com mais investimentos e melhorias. Um grande aliado da morte e rival da vida é o sistema genocida que constitui nosso país, o qual não permite que eu desenvolva a juventude pobre, negra e indígena; a vida perde força na sustentação das experiências e a morte, aliada com a polícia e com guerras internas do tráfico, interrompe a minha ação sobre corpos periféricos.

Essencialmente não sou bom, nem mal. Possibilito momentos de prazer e de sofrimento, de alegria e de tristeza, de felicidade e de insatisfação. Possibilito corações intensos de alegria vivenciarem os momentos mais lentamente, assim como possibilito corações cheios de sofrimento e horror viverem momentos desprazerosos. Deixo os corações ansiosos quando estão à espera do tempo certo, assim como a atuação que permiti no passado deixa recordações que se perpetuam no futuro.

Através de mim vocês procuram atingir os seus objetivos, trabalham, trabalham, trabalham, me usam, me usam, me usam, se dedicam a servir o outro, correndo atrás de cenouras que estão sempre se renovando, cenouras¹⁰⁹ que roubam a felicidade para si, enganam os iludidos que as seguem, buscando satisfação e um mundo perfeito. Essas cenouras são descritas como contendo todas as coisas boas, e a falta que elas provocam pelos trabalhadores não atingirem tal meta carrega todas as coisas ruins do mundo. Os pais deixam seus filhos com parentes, e o tempo que seria dedicado a eles vai para a realização de uma atividade mecânica: repete, repete, limpa, limpa, escova, escova, varre, varre, planta, planta, colhe, colhe, obedece, obedece. As propagandas estão cheias de cenouras mágicas que aprisionam a felicidade. O acesso a elas é restrito pela falta de dinheiro, outra artificialidade criada por quem tem o poder de pensar e transformar o mundo a partir dos seus próprios interesses.

O dinheiro tem o poder de uma cenoura ilimitada, ou mesmo carrega o próprio significado do que é uma cenoura, como a explicitada aqui, ele é intermediário entre chegar ao céu e estar preso à terra. Dentro das experiências corpóreas o céu é um espaço ilimitado, está tão distante de vocês que não é possível definir contornos. A essência do céu é o vazio, aquilo que pode ser preenchido por diferentes formas, mas que não se limita a uma. Já a terra tem a

¹⁰⁹ BARROS, Clóvis de. **Perseguidor de cenouras**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ucbISPe5Meg>. Acesso em: 11 out. 2020.

característica de ser o mundo das proximidades, daquilo com contornos bem definidos, do que está próximo aos sentidos e recebe definições exatas. As cenouras estão no âmbito do céu, elas movem o desejo e carregam em si a energia libidinal que provoca status e fama. O vazio que ocupa e que constitui as cenouras aparece no ápice das possibilidades de consumo, ou de metas a serem atingidas, quando vocês alcançam um pouco da felicidade ilusória ocasionada por pegar a cenoura e levar para o chefe, ou para si mesmos através do consumo, logo vem a notícia de que existem outras cenouras muito mais suculentas e saborosas, às vezes com a ideia de que as antigas já conquistadas não valem nada se comparadas com as novas cenoura-metas. E assim a máquina desejante, produtora de cenouras, vai se implementando e provocando vocês a trabalharem mais e mais.

A sociedade estipula que para uma pessoa ser respeitada e valorizada, tem que estar bem vestida. Cada vez mais são produzidas roupas que tem uma durabilidade menor, a minha ação deixa marcas de desvalorização mais rápido nelas, os tecidos são mais suscetíveis a ficarem desbotados. Quem tem poucos recursos não consegue acompanhar a dinâmica de compra e venda e acaba tendo que usar roupas que carregam a minha marca de desvalorização e que dizem de uma incapacidade de certa população sustentar um status. Os eletrodomésticos estão cada vez mais com vidas curtas, o que acaba gerando mais um empecilho a vocês. Se compram um carro têm que gastar com gasolina e com a manutenção do veículo, mais gastos. Se querem ampliar as possibilidades de contato precisam de algum aparelho que tenha internet, o *smartphone* se tornou essencial. Então, existe toda uma estrutura que faz vocês agirem de determinada forma, que promete sucesso e que lhes impede de atingir essa valorização prometida, uma estrutura que quer vocês no quarto de despejo¹¹⁰. A educação faz parte da engrenagem do sistema opressor, ela carrega a dubiedade de ser opressora e libertadora simultaneamente, é a partir dela, aliada à ideologia da meritocracia, que se justifica as diferenças de acesso aos trabalhos mais valorizados e melhor remunerados. A falta de uma boa educação faz com que vocês fiquem com trabalhos com maior carga horária e menor remuneração. Não duvidem do poder dos estudos!

¹¹⁰ “Abri a janela e vi as mulheres que passam rápidas com seus agasalhos decorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitol que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. É os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.” (JESUS, 1960, p. 33).

Rogério, quando vê que alguém está atrapalhando o trajeto cotidiano, fazendo algo que não estava no script, olha com desdém o discurso do palestrante. Mas como o que estava sendo falado carregava muita emoção, fez com que ele prestasse mais atenção ao que estava sendo dito e retirasse um pouco da casca que usualmente usa no convívio com homens desconhecidos no espaço público, possibilitando que confiasse em Marcos e lhe prestasse atenção. Mas era tanta informação diferente que Rogério não entendeu muita coisa. Então, sentou perto do palestrante, depois que este terminou o discurso, e lhe fez algumas perguntas.

Rogério, carregando ainda dúvidas, com cara de bravo – Tu aí, quanto é que tu ganha? O que o estudo fez por ti? O que ele pode fazer por mim?

Marcos – Eu tô na universidade, faço economia. Por enquanto o estudo fez pouco por mim, mas quando me formar ele vai fazer toda a diferença.

Rogério – Só podia sê playboy, vindo fazê discurso bonito pra favela, como se tu soubesse das nossa dificuldade, do quanto é difícil sobrevivê na vila, o quanto é difícil a nossa vida.

Marcos, sem recuar pela dura crítica – Moro na ocupação Santo Antônio também, sou teu vizinho, podia ser teu irmão, provavelmente vamos descer na mesma parada. A diferença é que descobri outros lados da cidade e da sociedade que são ocultos pra nós, por isso fiz esse discurso, para que vocês também conheçam essas informações. E por isso fiz de uma forma pública, porque acredito que todos da vila têm que saber a importância da educação.

Rogério, agora desarmado, totalmente sem casca – Caralho mano, cê tá louco, tu é foda mesmo hein. Como tu fez pra entrar na universidade? Como tu paga ela? Deve ser muito cara. Aposto que só tem branco, playboy e patricinha lá.

Marcos – Tem sim, esse espaço por enquanto é deles, mas eu não pago nada. Faço na UFRGS, é uma universidade pública, de qualidade e gratuita.

Rogério, chocado com a informação – Nossa, tu não paga nada? Quando foi que criaram essa universidade? Deve ter sido recente, porque nunca tinha ouvido falar nela. E pra entrar como é que é? Se tu conseguiu, eu consigo.

Marcos, orgulhoso de estar na universidade – Não pago nada, nem um centavo, e ainda recebo uma grana, tem a assistência estudantil que dá um suporte financeiro a quem é pobre, dando dinheiro para passagem, material escolar, além de oferecer comida de graça no restaurante universitário. Como moro com a minha mãe, trabalho na própria UFRGS, fazendo um serviço de 20 horas semanais e recebendo 400 reais.

Com os olhos brilhando, o corpo carregado de energia, Rogério interrompe bruscamente – Mas isso é o paraíso.

Marcos, continuando o que estava falando – Essa universidade foi criada há muito tempo¹¹¹, teve vários processos até se tornar uma universidade federal, sendo oficialmente federalizada em 1950¹¹², ou seja, é uma universidade que pertence ao Brasil como um todo, e não ao estado ou município. Desde então, ocupa um lugar de destaque no cenário nacional, como um dos maiores orçamentos do Estado do Rio Grande do Sul e como a primeira em publicações e a segunda em produção científica entre as federais, considerando o número de professores. Mas não é qualquer um que entra nela, o elitismo estrutura as suas paredes, tem que fazer uma prova que avalia os conhecimentos de Biologia, Física, Geografia, História, Literatura, Língua Estrangeira Moderna, Língua Portuguesa, Matemática, Redação e Química¹¹³.

¹¹¹ “A história da UFRGS começa com a fundação da Escola de Farmácia e Química, em 1895 e, em seguida, da Escola de Engenharia. Assim iniciava também a educação superior no Rio Grande do Sul. Ainda no século XIX, foram fundadas a Faculdade de Medicina de Porto Alegre e a Faculdade de Direito que, em 1900, marcou o início dos cursos humanísticos no Estado. Mas somente em 28 de novembro de 1934, foi criada a Universidade de Porto Alegre, integrada inicialmente pelas Escola de Engenharia, com os Institutos de Astronomia, Eletrotécnica e Química Industrial; Faculdade de Medicina, com as Escolas de Odontologia e Farmácia; Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio; Faculdade de Agronomia e Veterinária; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e pelo Instituto de Belas Artes”. (UFRGS, **Histórico**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>. Acesso em 01 out. 2020).

¹¹² “O terceiro grande momento de transformação dessa Universidade foi em 1947, quando passou a ser denominada Universidade do Rio Grande do Sul, a URGS, incorporando as Faculdades de Direito e de Odontologia de Pelotas e a Faculdade de Farmácia de Santa Maria. Posteriormente, essas unidades foram desincorporadas da URGS, com a criação, da Universidade de Pelotas e da Universidade Federal de Santa Maria. Em dezembro de 1950, a Universidade foi federalizada, passando à esfera administrativa da União. Desde então, a UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul passou a ocupar posição de destaque no cenário nacional como um dos maiores orçamentos do Estado do Rio Grande do Sul e como a primeira em publicações e a segunda em produção científica, entre as federais, considerando o número de professores”. (UFRGS, **Histórico**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>. Acesso em 01 out. 2020).

¹¹³ UFRGS, **Como é o vestibular da UFRGS 2020?** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ingresso/#cat7>. Acesso em 01 out. 2020.

Rogério, deprimido – Fodeu. Sabia que tava bom demais pra ser verdade. Na escola o que mais falta é professor, um ano fiquei sem professor de história, outro, sem Literatura. Como vou chegar no nível do vestibular?

Marcos, triste pela opressão estrutural que acomete o seu povo – Vai ter que estudar por conta própria, vai ter que te esforçar duas vezes mais, três vezes mais. Mas boto fé que tu vai conseguir.

Chega a parada de ônibus que Rogério tem que descer e Marcos desce na mesma parada que ele. O adolescente periférico fica pensativo com todas as questões que surgiram e principalmente: “de aonde surgiu esse cara que conhece tanto sobre o mundo?”.

Numa noite próxima, Rogério não consegue dormir direito, a cena no ônibus lhe deixa inquieto, e há um bom tempo as questões que o atravessam lhe tiram o alento. Começa a chover e não tem antena para-raios perto, como na antiga casa. O tempo está fechado, do nada cai um raio, tudo se ofusca, um clarão passa pelas frestas de madeira do quarto, ilumina todo ele, o som atrai toda a atenção e o assusta. Quando um raio cai, só existe ele, quem está por perto sente o seu poder. Estranhamente lembra de Ricardo, de todos os bons momentos que passaram juntos, da saudade que deixou e do recado que ficou. A tormenta exterior aos poucos vai gerando uma tormenta interior e raios começam a cair sobre a realidade, tudo o que é estipulado como certo é iluminado e atingido pelos raios: parentes, amigos, escola, trabalho, comunidade... Certo, errado, nada escapa. Uma tormenta furiosa que não cessa de cair sobre a realidade. Um fenômeno forte e profundo, nada escapa, ilumina todos os aspectos construídos socialmente. O aspecto do errado é salientado e tudo é questionado. Os hábitos e os costumes são revisados, tudo o que Rogério aprendeu é posto em questão, chega de obedecer cegamente. O quarto se torna muito pequeno, Rogério precisa aumentar o alcance, sai, vai em direção à rua, o ar entra nos pulmões com mais facilidade e a sua saída resulta num grito estonteante e sem contorno, a chuva aumenta a sua potência, começa a molhar o corpo quente do jovem crítico, este está extasiado com tanta energia produzida pelos raios, raios dentro e raios fora, a camiseta da “Nike” se torna um incômodo, ela é retirada, rasgada, o corpo pode sentir melhor a água que limpa e purifica. Rogério continua a sua caminhada e a luz dos raios caem sobre a Lomba do Pinheiro, iluminam o bairro e muitos aspectos ocultos são revelados. Raios caem em cima desses aspectos ocultos. Um sistema que foi criado para o assujeitar e oprimir é posto em questão, a opressão sistemática velada que foi criada para deixá-lo naquela situação não ia mais ser aceita. Uma tormenta revolucionária, uma tormenta transformadora. Os seus efeitos

viriam a longo prazo. Na nossa sociedade, é estipulado que a chuva é algo ruim, mas Rogério valoriza a chuva, acha ela importante, tanto quanto o sol. A chuva renova. É época de renovação.

4. CHEGADA NA UNIVERSIDADE E CONTATO COM A ASSISTÊNCIA UNIVERSITÁRIA (QUINTA DO PORTAL/395)

“- Eu estava pensando – disse o Selvagem – por que é que os senhores os toleram, afinal de contas, uma vez que podem produzir tudo o que quiserem nesses bocais. Por que, já que lhes custa o mesmo, não fazem de cada um deles um Alfa-Mais-Mais?

- Porque não temos nenhuma vontade de que nos cortem a cabeça – respondeu. – Nós acreditamos na felicidade e na estabilidade. Uma sociedade composta de Alfas não poderia deixar de ser instável e infeliz. Imagine uma usina cujo pessoal fosse constituído por Alfas, isto é, por indivíduos distintos, sem relações de parentesco, com boa hereditariedade e condicionados de modo a tornarem-se capazes (dentro de certos limites) de fazerem livremente uma escolha e de assumirem responsabilidades. Imagine isso! – repetiu.”¹¹⁴

Ir ao centro quase todo dia a fim de trabalhar se tornou o cotidiano de Rogério, gastava em média 2 horas por dia andando de ônibus. Só que até para usar o seu direito de ir e vir tinha dificuldades, já que no bairro *Quinta do Portal* o ônibus (395) não vai direto pro centro no final de semana e nos feriados, então, ele tinha que pegar quatro ônibus nesses dias, algo que acabava se tornando um peso a mais. Esse veículo público é um espaço coletivo, como a rua, mas tem regras próprias: o cobrador e o motorista são os administradores desse privado no público. Antigamente eles deixavam passar por baixo da roleta muitos homens e mulheres que não tinham dinheiro (que garante o “direito”), porém, atualmente, com as roletas contendo câmera, o controle das empresas está maior e essa prática é proibida, por isso a circulação pela cidade de quem tem pouco dinheiro está mais restrita.

Está um calor de 40 graus, depois de esperar uns 20 minutos na parada, Rogério sobe no ônibus, um homem que está à sua frente pede para o cobrador deixar ele passar por baixo da roleta, como a empresa proíbe essa prática e ela implementou uma câmera de última tecnologia em cima de onde se passa o tri¹¹⁵, o cobrador não permite essa burla do sistema. O homem fica enfurecido, mas como percebe que realmente tem uma câmera ali, não ameaça o cobrador e pede licença para sair pela porta da frente. Antigamente acontecia muito isso de passarem por baixo da roleta, e quando o cobrador não permitia sofria graves ameaças, principalmente com os termos “tu não sabe com quem tu tá mexendo”, a população do bairro é uma população oprimida, e alguns passaram pela prisão, então, o cobrador, por piedade ou

¹¹⁴ HUXLEY, 1932, p. 269.

¹¹⁵ Cartão que possibilita os porto-alegrenses utilizarem os ônibus, outra possibilidade é o dinheiro físico.

medo, deixava essa prática acontecer. Estamos em outros tempos... Rogério deixa-o sair e passa pela roleta, como não tem ar condicionado, o ônibus está muito abafado e todas as janelas estão abertas, lembrou da promessa vazia do prefeito de que se aumentasse a passagem todos os ônibus teriam ar condicionado, e que, por causa disso, abafou os grandes protestos que estavam acontecendo. Também ficou pensando no quanto aquela câmara poderia daqui a pouco substituir o próprio trabalho do cobrador¹¹⁶.

Se fosse antigamente, sentaria nos fundos, onde os malandros sentam, mas como decidiu mudar, escolheu sentar mais na frente, já que o veículo balança menos e é melhor para um hábito novo que irá realizar. Carrega um livro na mochila, pegou ele na biblioteca da escola. Um livro forte, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos (1938). Sentou no banco e olhou à volta, viu que tinha uns “manos” perto dele e sentiu uma mistura de medo e vergonha de estar com um livro na mochila para ler, “o que vão pensar de mim? Vão pensar que sou fraco e vão rir da minha cara. Não! Tenho que ser corajoso e mudar essa atitude, gasto muito tempo no ônibus, preciso aprender a ler nele!” pensa consigo mesmo. Depois de superar o medo e a vergonha, decide tirar o livro da mochila, abrir e ler. Algo tão simples, mas que pra ele foi tão difícil nesse primeiro momento... Olha à volta e ninguém está fazendo isso, todas as vezes que andou de ônibus (as quais não foram muitas) não viu as pessoas lendo no coletivo. Respira fundo, se concentra, começa a ler, não entende muito no começo, existem muitas palavras que ele nunca ouviu falar e não carrega um dicionário consigo para ajudá-lo. Mas quanto mais lê, mais vai entendendo a história e mais vai se emocionando com ela. Ele se achava um desgraçado, que tinha muitas dificuldades na vida, mas lendo aquela história viu que existiam pessoas com muito mais obstáculos do que ele. Mesmo a água da sua ocupação sendo furtada, e mesmo que às vezes ficasse 2, 3 dias sem o elixir da vida por algum problema na região, a família protagonista do *Vidas Secas* passava por muito mais dificuldades, em alguns momentos, por longos períodos, eles não tinham nem uma gota d’água sequer. Caminhavam por muito tempo pelo semiárido do Nordeste, à busca de comida e de bebida, coisas básicas para alguns em Porto Alegre. Nem os animais de estimação sobreviveram, um tiveram que matar e comer, para não morrerem de fome e sede, e o outro tiveram que matar para terminar com o seu sofrimento, coitada da cadela *Baleia*. Os filhos da família não eram nomeados, e a comunicação no começo

¹¹⁶ NEUMAN, Lucas. **Prefeitura de Porto Alegre quer acabar com os cobradores de ônibus**. 21/01/2020. Disponível em: <https://averdade.org.br/2020/01/prefeitura-de-porto-alegre-quer-acabar-com-cobradores-de-ônibus/#:~:text=PORTO%20ALEGRE%20E2%80%93%20A%20Prefeitura%20Municipal,in%C3%ADcio%20do%20ano%20que%20vem..> Acesso em: 01 out. 2020.

da história é ríspida e com poucas palavras, as suas vidas se assemelham à dos outros animais, dos animais que não usam a linguagem como forma de compreender e comunicar o mundo. Num cenário tão árido, pequenas gotas de água começaram a cair pelas páginas do livro, mesmo se achando o macho, Rogério não conseguiu segurá-las, uma chuva constante e quente brotava sem parar, uma chuva de verão, ele viu como não conhecia as profundezas do nosso mundo, o sofrimento é abismal. Lembrou da moradora de rua que encontrou no centro, ela tem água em abundância? Depois voltou a si, fechou o livro e segurou as lágrimas, estava num ônibus coletivo, afinal, e já ia chegar na parada perto do seu trabalho.

Depois da tempestade revolucionária que lhe sustentou a vida e lhe permitiu mudar o seu interior, Rogério decidiu sair do trabalho, entendendo que o retorno que recebia era imediato, e que a longo prazo iria mais o explorar do que ajudar. Decidiu trocar de colégio também, e escolheu um mais central: *Colégio Estadual Inácio Montanha*. Essa escolha em muito se deu também por conhecer uma família que morava perto de sua casa, a qual passava pelas mesmas situações materiais e valorizava os estudos. Fez uma amiga nessa família chamada Sofia¹¹⁷ que estudou no colégio que ele iria estudar e também foi quem lhe apresentou a Psicologia. Apresentação que não foi sem resistência, já que essa área do saber para Rogério era tida como coisa para loucos, um medo constituído socialmente que o atravessava era o de que se estudasse muito essa tal de Psicologia ficaria louco igual os personagens que via na televisão representando tal condição. Esse foi só um dos preconceitos internalizados que ele transgrediu para se abrir ao que de potente esse curso tinha a oferecer. Na boa experiência com a leitura através de *Vidas Secas*, reviveu uns livros que tinha ganho de um vizinho da antiga casa e começou a ler alguns, ficou muito feliz quando encontrou um da área recentemente valorizada. O livro falava de formas de ser e estar no mundo, através dele percebeu que as pessoas se estruturavam a partir de personalidades, e que alguns são mais extrovertidos e outros mais introvertidos. Fez todo o sentido essa perspectiva e ele começou a analisar as pessoas a partir disso. A principal questão que o atraiu à Psicologia foi a da saúde mental, analisar o quanto as vivências que são atravessadas pelo social afetam a saúde das pessoas, e poder ajudá-las a lidar com situações traumáticas. Na sua comunidade via que tinham pessoas carregando muito sofrimento, e desejava ajudá-las de alguma forma. Diminuir o sofrimento das pessoas

¹¹⁷ “Ao fazer do passado matéria de poesia, a poética da memória, construída nos textos afro-brasileiros, remete-nos para o significado de *memória* dos gregos, exposta por Jaques Le Goff, quando o historiador diz que ‘a poesia identificada com a memória, faz desta um saber e mesmo uma sagesa, uma **Sophia**. (...) **Mnemosine**, revelando ao poeta os segredos do passado,’ e introduzindo-o ‘nos mistérios do além’”. (EVARISTO, 2008, p. 2-3).

lhe pareceu uma bela profissão, não era um trabalho apenas pelo dinheiro no final do mês, era um trabalho com horizonte, promover saúde, cicatrizar feridas.

Depois que termina o seguro desemprego, o próximo trabalho é numa cafeteria em um bairro da elite Porto Alegre (Moinhos de Vento). Com a comemoração dos 16 anos ganhou de presente a exigência familiar de ajudar com as despesas da casa, portanto, estar num emprego era essencial. Rogério desde que recebeu esse presente/peso não parou de realizar serviços remunerados procurando ajudar a família a lidar com a carência financeira. Esse imperativo categórico do trabalho imediato, independente se há preparo ou não, diz da origem do pai e da mãe, ambos vieram do campo e trabalhar sempre esteve presente nas suas famílias de origens, ou serviam os outros ou não comiam. Fabiano quando veio para a cidade grande teve que se autossustentar, então, buscou realizar serviços desde jovem, sempre realizando atividades manuais, as quais são mais desvalorizadas do que as intelectuais¹¹⁸, carregando em si altas cargas horárias de trabalho e pouca remuneração. Isso de estudar era algo novo na família, os pais não entendiam direito o quanto é trabalhoso e cansativo estudar, então, esse conflito geracional era algo que afetava a relação entre Rogério e os pais.

Nessa cafeteria, tinha a responsabilidade de cuidar e organizar as revistas vendidas no estabelecimento. O patrão permitia que ele lesse e as levasse para casa, desde que devolvesse depois. Possibilidade que foi importante para Rogério quebrar mais preconceitos em relação às matérias, pois podia ler sobre diversas temáticas. A filosofia era uma delas. Quando tinha aulas de filosofia na escola não entendia direito a validade dessa área do conhecimento, e debochava, com seus colegas, dos exercícios pedidos. Às vezes tinha que memorizar as frases de alguns pensadores europeus e responder a prova com essa memória. Algo que para ele não tinha muita utilidade e estava descolado da sua realidade. Mas através dessas revistas olhou com outros olhos a filosofia e viu validade nela. E também descobriu que existe muita filosofia na Psicologia, então, lhe interessou mais ainda.

Na sua comunidade, as pessoas não sabem como o ensino superior funciona. Rogério não conhecia intimamente alguém que estivesse cursando ou que já estivesse formado numa universidade. Então, tirou as suas dúvidas a respeito do ensino superior com os psicólogos que frequentavam o café, os quais lhe recomendaram que fizesse um cursinho pré-vestibular para poder passar no vestibular das universidades. Naquela época, para entrar na UFRGS só era

¹¹⁸ SOUZA, 2003.

possível pelo vestibular, o Enem possibilitava entrar nas universidades privadas através do Prouni¹¹⁹.

O trabalho na cafeteria era de meio turno, de segunda a sexta, e os patrões apoiaram o seu desejo de passar no vestibular. Então, Rogério tinha meios possíveis para entrar no ensino superior. O dinheiro ganho no trabalho era usado para pagar o pré-vestibular privado, ajudar com as contas em casa e para necessidades pessoais: comida, roupa e higiene pessoal. Não ia mais às festas que aconteciam na comunidade, já que não teria dinheiro e nem tempo para tanto, com o objetivo de mudar de hábitos, alguns sacrifícios foram feitos.

Com o tempo essa rotina se tornou muito pesada, pois, além de sua vida ter se resumido a trabalho e estudo, não recebia o apoio da família. Foi um dos piores anos da sua vida: não sobrava dinheiro para qualquer tipo de lazer, estava num cursinho pré-vestibular que não tinha ninguém da sua classe social e poucos da sua raça, a família o desincentivava a seguir esse caminho, tinha se afastado dos antigos amigos, e as crises emocionais da adolescência o abalavam, principalmente devido ao esgotamento mental. Em termo musical *Bob Marley and The Wailers* sustentou a sua vida. Sentava sozinho na primeira fileira da turma, ninguém estava fazendo um caminho parecido, tinha que enfrentar esse desafio sozinho. Sentia-se num rio, caminhando contra o curso d'água, os passos se tornando mais pesados, nas profundezas, o nado mais difícil. Agia contra tudo e contra todos, movido pela esperança de uma vida e um mundo melhor. Esperançar que se tornou constante em sua trajetória, nadava no ar. Miséria, sofrimento e dor, as bagagens do seu dia a dia. Tinha que estudar em um ano o que lhe faltava em uma vida, convivendo com pessoas que (lhes) visavam o ensino superior desde antes da sua criação. Tudo isso sem deixar de carregar a alegria, a potência de vida que resiste mesmo nos piores dias, a que permite viajar, dar pulos no ar. Não sabia o quanto tinha que estudar, só que ao máximo tinha que se esforçar: “2, 3, 4, quantas vezes a mais?” A chuva, como sua fiel companheira, lembrando-o de que também faz parte os dias nublados, o ar gelado, a água tocando o corpo quente, esfriando os anseios, os raios caindo na terra, transformando bruscamente o já sedimentado, a tristeza como sequência da alegria, a alegria sequenciando a tristeza; o esforço é importante, mas o descanso também, é importante respeitar os ciclos, a vida não é nossa refém. A sua condição não era fácil, nada vinha de mãos beijadas, porém o

¹¹⁹ “O Programa Universidade para Todos (Prouni) do Ministério da Educação, criado pelo governo federal em 2004, oferece bolsas de estudos, integrais e parciais (50%), em instituições particulares de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior” (MEC, **SOBRE**. Disponível em: <http://prouniportal.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 out. 2020).

que estava fazendo era favorável porque os estudos libertavam a sua mente, as opressões ganhavam nomes e as amarras, visibilizadas.

O vestibular chegou e nas provas dava para ver o resultado de tanto estudo, Rogério estava se sentindo confiante, mas ao mesmo tempo nervoso, era uma prova importante, vários sacrifícios tinham sido feitos para conseguir ir bem nela. Havia se alimentado mal, dormido mal, chorado muito, se esforçado muito, alterado os seus limites. Mas a opressão estrutural que proporciona desvantagens não cessa de atuar, e uma destas veio a se efetivar...

Era uma sexta-feira, Rogério sentia-se cansado depois de quatro dias de provas, o que o confortava era estar no último dia. Tinha acordado cedo para chegar no horário ao local da prova, ainda mais que precisava pegar dois ônibus para tanto. Vai à parada e espera o das seis e trinta. Dez minutos se passam e nada do ônibus, o jovem começa a suar, olha o relógio a todo instante “tudo bem, deve estar atrasado”. Passa vinte minutos e o desespero assola o corpo, “cadê a porra desse ônibus?”. Depois de meia hora vem o próximo transporte, Rogério fica com muita raiva do motorista e do cobrador, descobre que por algum motivo o veículo anterior pulou um horário. Mesmo estando com raiva, o vestibulando lembra que eles são trabalhadores recebendo ordens e não carregam a culpa da empresa de ônibus desfavorecer quem mora naquela região. O caminho passa de uma forma muito lenta, parece que tudo dificulta a chegada no centro para poder pegar outro ônibus. O motorista parece andar mais devagar do que usualmente, muitos sinais vermelhos. A raiva cresce quando vê um ciclista ultrapassar o ônibus, como seria bom aquela liberdade. Muitas lembranças ruins vem à mente: lembrou dos pais dizendo que ele não iria conseguir, dos amigos chamando ele pra sair, das horas e horas de estudo, mesmo atingindo a fadiga, estudando mais e mais; todas as vezes que se alimentou mal porque não tinha dinheiro para alimentação e tinha que pagar o cursinho... “Finalmente o ônibus está chegando ao centro. Já dá para pegar outro para o *Menino Deus*”, olha o relógio e vê que está em cima da hora, falta meia hora para a escola fechar o portão. Pensa em pedir um táxi, mas não tem dinheiro para isso, e não tem nada de valor que pudesse servir como moeda. Rogério se apavora ainda mais. “Não, vou conseguir”, espera, respira, espera, respira, espera... “Finalmente, o ônibus chegou!” Não conhece muito essa região da cidade, pede para o cobrador avisar quando chegar na parada do colégio, mesmo tendo ido nos outros dias, não quer arriscar perder a parada. Chega na parada e tem que caminhar um pouco ainda até chegar na escola. Quando chega lá sente um clima estranho, vai até a porta e esta acabara de fechar, Rogério perde o último dia de prova e não passa no vestibular.

O jovem se vê frente a um mar, este parece estar calmo, os passos se aceleram e os pés vão sentindo a água fria, cada vez mais ondas vão tocando seu corpo. A praia está vazia, só

existe ele e o mar. Quanto mais Rogério entra na água, mais o mar vai se tornando agitado, subitamente vem uma onda enorme que cobre todo o seu corpo, lhe tira os pés da terra e o leva para as suas profundezas, a solidão o encobre, se torna maior, mais pesada. Quem disse que ele tinha o direito de ir e vir? Quem disse que ele podia mudar o seu destino pré-determinado?

A frustração lhe assola de uma forma muito pesada, depois que saiu o resultado do vestibular ficou vários dias deprimido, lembrando de todo o esforço que fez e como pela falha no serviço de ônibus acabou não passando no vestibular. A família de Rogério depois dessa derrota o desencoraja ainda mais, diz para ele procurar um emprego como cobrador, um trabalho decente. No último ano ficou tão afastado dos amigos que estes não o chamam mais. E no cursinho pré-vestibular não conseguiu fazer novas amizades.

Quando vai ao centro toda vez que passava alguém com uma camiseta, moletom ou mochila com o símbolo da UFRGS admirava essa pessoa desconhecida, só pelo fato de estar nessa instituição que é tão difícil de entrar. Pensa consigo mesmo, “onde que essas pessoas moram?”.

Por outro lado, sentia que tinha aprendido muito no cursinho e que se não tivesse perdido o último dia com certeza teria passado. Agora precisava se organizar para tentar mais uma vez na próxima prova. A única certeza que tinha é a de que daria o melhor de si para conseguir entrar na universidade, e queria a universidade pública, justamente por causa da assistência estudantil e também porque era renomada.

Depois de estar imerso no mar, quando as correntes se acalmaram um pouco, Rogério consegue flutuar sobre ele e perspectivar novos horizontes, para tanto, uma reorganização interna foi necessária, o estudante aos poucos vai nadando em direção à terra, os seus pés têm um solo novamente e ele pode caminhar em direção aos seus propósitos. Desta vez busca pessoas que estejam querendo se aventurar nesse mar desconhecido junto com ele, que tenham o mesmo desejo e enfrentem dificuldades parecidas.

Nesse trajeto de pré-vestibulando, descobrira que existe um cursinho gratuito proporcionado pela própria UFRGS, chamado Pré-vestibular Alternativa Cidadã (PEAC). Para o próximo ano decidiu sair do trabalho e se sustentar com o seguro desemprego. Economizou o máximo possível durante o ano e também não pagava cursinho pré-vestibular, então, tinha menos gastos. Estava num ambiente com pessoas de sua classe social e já tinha estudado muito no ano passado, então, teve um ano mais tranquilo do que o anterior. Fez a prova e passou para o curso de Psicologia/Noturno.

No PEAC as/os professoras/es deram muitos conselhos a respeito da assistência estudantil, então, Rogério sabia de todos os seus direitos quando entrou na UFRGS. No

primeiro semestre já solicitou eles: passagem, isenção no restaurante universitário, auxílio material (dinheiro para xerox, livros, etc.).

5. ROGÉRIO ELABORA E FAZ DESVIO (Quinta do Portal/ 395 > São Manoel/349)

O encontro com o meio acadêmico, principalmente com a Psicologia, foi melhor do que o jovem periférico esperava. Lá ele encontrou muitas pessoas incríveis em um único espaço, parecia pré-requisito para entrar no curso. Ele estava acostumado com um clima de pré-vestibular, hostil em si só e infundável na quantidade de estudo; já a carga de estudo na universidade se tornou menor, visto que tinha algo bem definido e os textos tinham a ver com a temática que o estudante está interessado, diferente do pré-vestibular, em que tinha que estudar muitas matérias que não têm a ver com o que ele vai se aprofundar na graduação¹²⁰.

Algo com que ele se deparou quando encontrou a Psicologia foi a sua multiplicidade, ela é uma área tão plural que não dá para abarcar todas as suas possibilidades no currículo. Mas ao mesmo tempo que é diversa, também demanda uma especialização em alguma parte, não dá para estudar tudo ao mesmo tempo e não se aprofundar em nada. Na época de Rogério, o curso noturno de Psicologia da UFRGS, que é dividido em três anos de teoria, e três anos de teoria e prática. Nesses três primeiros anos, uma diversidade de teorias é apresentada, buscando abranger boa parte dessa área do saber.

Em 2016, ocorreu uma ocupação no Instituto de Psicologia, como pressão ao governo para que este não implementasse a PEC 55¹²¹, que congelaria os gastos públicos durante 20 anos; isso afetaria diretamente a educação, já que, se uma instância gastasse mais, iria diminuir o gasto nas outras, e a educação é uma das instituições públicas mais frágeis. Nessa ocupação, Rogério conheceu Paulinho, um artista e jornalista do Boca de Rua, que fez uma pintura para dar boas-vindas à ocupação, e o estudante universitário pôde conversar e conhecer tanto o artista quanto o seu trabalho. Ficou impressionado com a potência que o artista carregava em transmitir alegria através da arte.

¹²⁰ Nessa época só a prova da UFRGS valia, o Enem influenciava só como um aumento das notas do vestibular.

¹²¹ Primeiramente ela foi nomeada de PEC 241, depois renomeada de PEC 55.



Nessa pintura, o sol está entre as nuvens, metade aparece, metade está oculta, há um redemoinho de fumaça que, devido a distância, se confunde com as nuvens. Um pouco menos distante, se encontram prédios altos e pontiagudos, divididos por quadrados brancos; um pouco mais perto, estão as árvores; no canto esquerdo, principalmente, entre elas, algo escuro que parece poeira, ou terra; ao lado tem uma pista de skate. Esse terreno está situado bem na ponta de um abismo, um penhasco que tem ao lado um rio. Mais perto da imagem, tem uma casa envolta por árvores; no canto direito da casa, o seu formato muda um pouco e parece aquelas casas do cenário do *Senhor dos Anéis*, circunvexo na parte de baixo, alaranjado, e em cima dois cones, um maior e o outro menor, com uma cor mais escura do que a anterior. Mais perto tem um jovem negro com um boné para trás, moletom marrom, calça azul e tênis vermelho, com olhos bem grandes e um largo sorriso, segurando um skate numa mão e na outra está com o dedão para cima. Por fim, um globo com a mensagem “SEJAM BEM VINDOS À OCUPAÇÃO!”. (Pintura realizada por Paulo Ricardo da Silva, *in memoriam*, artista e jornalista do Boca de Rua¹²²).

A ocupação universitária foi um evento marcante na formação de Rogério. Nela todas as aulas foram interrompidas e as/os/es estudantes envolvidas/os/es em tais ações pararam o que estavam fazendo para pensar o país. O Instituto de Psicologia intensificou os seus fluxos, o programado no currículo abriu espaço para o potente do agora, para a entrada de muitos movimentos que estavam latejando na cidade, no espaço universitário. Com uma atitude forte,

¹²² SILVA. SEJAM BEM VINDOS À OCUPAÇÃO! Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaufrgs/photos/a.188531448266071/190683588050857>. Acesso em: 07 out. 2020.

alunas/os/es se reuniram numa assembleia para pensar os efeitos da PEC 241, a partir dessa assembleia se deliberou que as/os/es estudantes de Psicologia e Serviço Social não poderiam continuar as suas atividades acadêmicas como se nada existisse e optaram por ocupar o Instituto de Psicologia a fim de torná-lo um lugar de resistência e protesto contra essa medida que traria prejuízos a toda a sociedade. Depois que a decisão foi tomada, as/os/es estudantes, como se fossem um só, num movimento potente, adentraram as portas do Instituto e foram reformulando os seus espaços, com a potência de vozes somadas gritavam palavras de ordem para que as aulas parassem, professores/as foram interrompidos/as, a hierarquia entre aluna/o/e e professor/a sucumbiu às palavras gritadas coletivamente: “SE DEIXARMOS NOS TIRAM ATÉ A ALMA! LUTEMOS”¹²³!! Assim, as aulas foram canceladas, as pesquisas interrompidas, a biblioteca fechada, nada daquela rotina acadêmica fazia sentido com tamanho prejuízo que estava por vir. Aos poucos as paredes do Instituto não demarcavam apenas um espaço de estudo, mas também uma casa, em que jovens preocupadas/os/es com o futuro do país utilizaram-na como uma oficina para pensar as questões que atravessam a sociedade. Essas questões não eram limitadas à PEC, mas diversas, o próprio currículo da Psicologia foi repensado e criticado. Mais estudos sobre relações raciais, de gênero e de sexualidade foram ressaltados. A ocupação promoveu uma efervescência de ideias que se tornaram imagens e palavras nas paredes do instituto, deixando-as coloridas através de diversos grafites e pichações, plasmando a diversidade de movimentos que atravessaram o seu espaço.

É uma tarde aconchegante, o céu tem algumas nuvens que timidamente se aproximam e se multiplicam. Para uma palestra, chega na ocupação Psiquê¹²⁴, ele carrega um ar de autoridade, de alguém que sabe bastante sobre o mundo e sobre as pessoas, talvez isso indique a sua idade, é alguém com muitos anos de experiência, várias gerações o constituíram, até se tornar o que é hoje, também carrega um ar de mistério, algo de indefinível, talvez se dê pela multiplicidade que o constitui. O feminino na língua portuguesa não retrata os corpos que inicialmente ocupavam o seu saber, visto que ele era composto majoritariamente por homens, a partir da Psicofísica. Diz de um tempo em que as mulheres tinham um lugar subalternizado

¹²³ OJEDA, “Não confiemos nessa gente”, 2016. Disponível em : https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=216623395456876&id=188192621633287. Acesso em: 07 out. 2020.

¹²⁴ Este é um personagem que criei para representar as Psicologias hegemônicas. O identifico como um homem cis, branco, europeu para representar essa norma europeia que busca colonizar o nosso pensamento. Algo importante de salientar é que ele não se refere diretamente aos/às autores/as citadas, mas sim diz da representação de um discurso que vem de um lugar coletivo, enquanto branquitude eurocentrada.

na sociedade europeia branca, e raramente ocupavam os espaços de trabalho e pesquisa, pois para estas foram destinados os espaços domésticos como lugar de trabalho ou do lar. Aos poucos, esse cenário foi mudando, e as mulheres começaram a constituir mais Psiqué, mas a estrutura hegemônica ainda é patriarcal.

Outro fator de revolta é que mesmo estando no Brasil, o Psiqué que nos é apresentado não tem características locais, ele, dentro da sua diversidade, assim como a universidade, é branco, classe média/alta e com estrutura europeia, o que causa um desânimo a Rogério e suas/seus colegas. Mas, mesmo assim, as/os/es ocupantes ficam numa posição de escutar o que ele tem a dizer. Psiqué quando chega na sala para dar a palestra ordena as cadeiras em fileiras, fica na frente para começar o seu discurso e liga o projetor de slides.

Psiqué, com cabelo liso e loiro, usando uma voz masculina e autoritária – Algo que afeta todo mundo é a delinquência juvenil, que cidadãos perdem a sua tranquilidade numa cidade infestada por pessoas violentas.

Portanto, para entendermos melhor a questão da delinquência, é importante entender a formação familiar que produz esse tipo de gente. Um dos componentes familiares que influencia a produção da delinquência é a ausência do pai. Edyleine Benczik (2011) no seu estudo “*A Importância da Figura Paterna para o Desenvolvimento Infantil*” nos fala que o pai aparece como terceiro componente, citando literalmente o seu texto digo, “*imprescindível para que a criança elabore a perda da relação inicial com a mãe, sendo que a criança necessita do pai para desprender-se da mãe. Já que o pai passa a representar um princípio de realidade e de ordem na família, e a criança sente que ela não é mais a única a compartilhar a atenção da mãe*”¹²⁵. Já, de acordo com Corneau, fundamentado com as ideias de Lacan, afirma que “*o pai é o primeiro outro que a criança encontra fora do ventre de sua mãe, sendo ele indistinto para o recém-nascido, mas ao bloquear o desejo incestuoso, sua figura vai se diferenciando, permitindo o nascimento da interioridade do filho e desfaz, assim, a fusão entre o eu e o não eu, o pai encarna inicialmente a não mãe e dá forma a tudo que não seja ela. A presença do pai é que poderá facilitar à criança a passagem do mundo da família para o da sociedade.*”¹²⁶

Rogério franze a testa, coloca a mão no queixo e fica a se questionar se Psiqué falará pela própria voz ou a partir de citações dos outros, ao mesmo tempo, fica indignado pela ideia

¹²⁵ BENCZIK, 2011, p. 69.

¹²⁶ BENCZIK, 2011, p. 69.

de delinquência, ou pior ainda, pela ideia de delinquência como a falta do pai, algo que não faz sentido dentro de sua experiência. Depois desses questionamentos internos, volta a ouvir o que Psiqué tem a dizer.

Psiqué - Eizirik e Bergamann realizaram um estudo de caso clínico e uma rigorosa revisão de literatura que os levou à conclusão de que *“a ausência paterna tem potencial para gerar conflitos no desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança, bem como influenciar o desenvolvimento de distúrbios de comportamento”*¹²⁷. E vocês não vão acreditar, *“Shinn revisou os efeitos da ausência paterna no desenvolvimento cognitivo das crianças e concluiu que, em famílias sem a presença do pai ou nas quais os pais apresentavam pouca interação com seus filhos, havia maior associação com desempenhos pobres em testes cognitivos das crianças”*¹²⁸. Isso mesmo, pobres! Segundo o que Montgomery pesquisou, *“crianças com ausência do pai biológico têm duas vezes mais probabilidade de repetir o ano escolar, e as crianças que apresentam comportamento violento nas escolas têm 11 vezes mais chance de não conviver na companhia do pai biológico do que crianças que não têm comportamento violento. Essas crianças, principalmente meninos, evidenciam maiores dificuldades nas provas finais e uma média mais baixa de leitura”*¹²⁹.

Rogério se espanta com o que acabou de ouvir, pensa consigo mesmo - era só o que me faltava! Agora a culpa da falta de adaptação na escola é da falta do pai, a qual produz a culpa pela falta e pela disciplina?! Será que a falta do pai é mais importante do que a falta de adaptação das crianças à escola, mais importante do que a falta de merenda, de professores bem pagos para darem boas aulas, da falta de sentido que muitas vezes a escola tem nos corpos periféricos, que, por causa da pressão de terem que suprir as necessidades mais básicas com poucos recursos, buscam o retorno imediato do trabalho que explora e humilha, e, muitas vezes, não tendo incentivo nem espaço para desenvolver um pensamento a longo prazo que leve em consideração a construção do futuro através do estudo¹³⁰. Não, não consigo acreditar nisso!

¹²⁷ BENCZIK, 2011, p. 69.

¹²⁸ BENCZIK, 2011, p. 70.

¹²⁹ BENCZIK, 2011, p. 70.

¹³⁰ “Assim, sem uma identificação afetiva com o mundo escolar que gere ao menos uma noção de dever e responsabilidade moral com os estudos, sem disciplina, concentração e autocontrole suficientes para vencer as tentações dos prazeres imediatos em nome de uma recompensa futura, é muito compreensível que essas crianças prefiram se entregar aos prazeres imediatos que as brincadeiras de rua oferecem do que se inclinarem a atividades que exigem delas habilidades que não lhes foram ensinadas e com as quais não têm nenhuma familiaridade.” (FREITAS, 2009, p. 289).

Sem nem perceber os rostos que se contorciam em indignação diante de tantas barbaridades, Psiqué continuava com o seu monólogo cheio de confiança de que estava agradando o público com tantas certezas.

Psiqué - Além da delinquência juvenil na adolescência, *“crianças que não convivem com o pai acabam tendo problemas de identificação sexual, dificuldades de reconhecer limites e de aprender regras de convivência social”*¹³¹. Isso mostra a dificuldade da criação de uma instância moral a partir da internalização de um pai simbólico. E *“o vazio promovido pela ausência do pai, é formado pela noção das crianças de não serem amadas pelo genitor que está ausente, com uma grande desvalorização de si mesmas. Além de que ocorrem os sentimentos de culpa, por a criança se achar má, por acreditar haver provocado a separação e até por ter nascido. A criança pensa ser má também por ter sido deixada. Isso pode gerar reações variadas, desde tristeza e melancolia até agressividade e violência. Os tímidos e temerosos do exterior se fecham em si mesmos, e os extrovertidos e temerosos do interior de sua história se vingam no mundo com condutas anti-sociais”*¹³². E não só isso, *“Santoro afirma que a ausência do pai pode comprometer a saúde da criança, e relata que pesquisas recentes revelam que a presença da figura paterna ajuda a afastar problemas como a obesidade e uma série de outros transtornos psicológicos”*¹³³. Em outras palavras, pai e a função paterna são tudo de bom!

Claro que, se o contexto analisado for o dos pobres, o comportamento delinquente é mais frequente em famílias com pai ausente. Estudos apontam que *“famílias com o pai morando em casa tiveram menos sintomas anti-sociais na mãe, no pai e na criança do que famílias sem o pai. Características anti-sociais foram maiores quando os pais não foram encontrados para participação do estudo”*¹³⁴. Enfim, comportamentos anti-sociais em qualquer membro da família é mais provável se o pai é ausente ou não participativo.

Rogério, ironicamente, pensa - esse pai é superpoderoso mesmo, é a salvação da nação.
Psiqué continua...

¹³¹ BENCZIK, 2011, p. 70.

¹³² BENCZIK, 2011, p. 71.

¹³³ BENCZIK, 2011, p. 71.

¹³⁴ BENCZIK, 2011, p. 71.

Psiqué - E também se a pessoa cresceu “em um bom lar comum, ao lado de pais afetivos dos quais pôde contar com apoio incondicional, conforto e proteção, consegue desenvolver estruturas psíquicas suficientemente fortes e seguras para enfrentar as dificuldades da vida cotidiana. Nessas condições, crianças seguramente apegadas aos seis anos são aquelas que tratam seus pais de uma forma relaxada e amigável, estabelecendo com eles uma intimidade de forma fácil e sutil, além de manter com eles um fluxo livre de comunicação”¹³⁵. Já “se esta mesma pessoa vir a crescer em circunstâncias diferentes, seu núcleo de confiança será esvaziado, ficando prejudicadas as relações com outros semelhantes, havendo prejuízos nas demais funções de seu desenvolvimento”¹³⁶.

Por tudo isso que foi dito, “nos dias de hoje, um dos maiores problemas na educação dos filhos é a ausência do pai ou de uma figura que o substitua. Vale ressaltar aqui que a figura paterna pode ser representada por um tio, um avô ou outro adulto do sexo masculino que participe da vida da criança e que tenha um vínculo satisfatório com ela. A educação, para ser equilibrada, necessita dos dois progenitores. A presença paterna na família é diferente e complementar à materna. A falta de um modelo na educação, masculino ou feminino, implica quase sempre um desequilíbrio naquele que é educado”¹³⁷.

Felizmente está em movimento um fenômeno social que vai possibilitar mudanças na estrutura da sociedade e vai afetar a delinquência juvenil, os homens estão se repensando e há um novo perfil de pai: “é um homem oriundo das classes médias ou altas, que se beneficia de uma formação e de uma renda mais elevada que a média. Tem uma profissão liberal que lhe permite, bem como à sua mulher, dispor livremente de seu tempo e rejeita a cultura masculina tradicional. A maioria se diz em ruptura com o modelo de sua infância e não quer, por nada, reproduzir o comportamento do pai, considerado ‘frio e distante’. Eles almejam ‘reparar’ sua própria infância. Finalmente, vivem com mulheres que não têm vontade de ser mães em tempo integral. Aquela figura que comumente se tinha somente nos finais de semana, dá lugar a um pai mais partícipe, envolvido com o dia-a-dia, com a educação e com o crescimento de seus filhos, priorizando e garantindo às crianças um ambiente seguro, mediante um desenvolvimento preservado, em prol da estabilidade emocional dos seus filhos”¹³⁸.

¹³⁵ BENCZIK, 2011, p. 72.

¹³⁶ BENCZIK, 2011, p. 72.

¹³⁷ BENCZIK, 2011, p. 73.

¹³⁸ BENCZIK, 2011, p. 72-73.

Psiqué, depois de tanto falar, respira um pouco, e abre espaço para perguntas. As nuvens, inicialmente tímidas, agora se aglomeram com mais força, cai um raio perto do Instituto de Psicologia, inaugurando uma forte chuva que toca o prédio onde estão as/os/es ocupantes. Rogério, incorporando discursos da ocupação, aproveita a deixa para trazer as suas questões.

Rogério – Boa tarde, meu nome é Rogério, sou estudante de Psicologia do sexto semestre. E não posso deixar de trazer algumas questões que me afetam. Não duvido da importância da figura do pai em um contexto que a família nuclear burguesa é o molde, e também, com certeza, esse processo de mudança de como os pais performatizam a sua masculinidade e autoridade influencia as gerações seguintes. Só que você não percebe que está falando de jovens de uma classe e raça específicas, você está falando apenas de homens brancos ricos e pensando soluções a partir desse perfil para toda a sociedade. Não vejo que essa análise retrate o contexto de que venho e que é onde estão a maioria dos jovens criminalizados pelos atos infracionais cometidos. Na favela, a própria noção de família muda, temos principalmente famílias estendidas, abarcando também avós, tias e tios, irmãs e irmãos, sobrinhas e sobrinhos, primos, que fazem parte de uma rotatividade de cuidadores que auxiliam no processo de cuidado e educação das crianças. É verdade que, na periferia, temos muitas mães solo, mas é muito comum o cuidado coletivo, assim como ocorre nas famílias ancestrais, já dizia um provérbio africano “é preciso de uma aldeia inteira para cuidar de uma criança”¹³⁹.

A delinquência juvenil não é apenas uma questão individual, ou familiar, e sim diz de uma máquina social que produz corpos desejantes, sedimentando o esquema valorativo que objetifica um conjunto hierárquico incorporado em hábitos¹⁴⁰ que os levam a tomar tais atitudes. Isso que tu tá chamando de delinquência juvenil, dos jovens que se envolvem com o tráfico e outras atividades ilegais, é muitas vezes a única chance de obter o sucesso, nos moldes do capitalismo, para os jovens periféricos. “Essa máquina, na nossa sociedade, é ancorada por instituições fundamentais, como o mercado e o Estado, que estão além de qualquer intencionalidade individual e são os responsáveis pela universalização do conjunto de valores que passam a ser naturalizados na sociedade”¹⁴¹. E entre os que trabalham, nem todos têm

¹³⁹ KEUNECKE, Ana. **O capital invisível investido na maternidade**. Portal Geledés, 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-capital-invisivel-investido-na-maternidade/>. Acesso em: 08 out. 2020.

¹⁴⁰ “Estes valores moldam o arcabouço de normas e parâmetros que compõem a hierarquia valorativa internalizada pelo indivíduo como ‘fatos naturais’. Nos termos bourdieusianos, de acordo com as posições que o indivíduo vai ocupando no campo social, ele se relaciona com um conjunto diverso de instituições que mediam os processos de introjeção dos valores sociais que compõem o seu *habitus*”. (MACIEL, 2006, p. 247).

¹⁴¹ MACIEL, 2006, p. 246.

tempo para se dedicar aos seus filhos, visto que a maioria dos trabalhos dessa classe são precarizados, demandam muito tempo e pagam pouco, o que limita os recursos que a família tem para dar esse suporte idealizado aos filhos.

A culpa da falta de adaptação das crianças à escola não é a falta da função paterna, como uma criança pode estudar sentindo fome? Como uma criança pode estudar sentindo frio? Como uma criança pode estudar sem ter um local adequado na sua casa? Sem livros... E o que é visto em aula? Qual é a história que é contada? É a mesma da raça das pessoas que estão recebendo a aula? Não, a contada é a história dos colonizadores, a dos escravocratas... Da mesma forma, a tua fala, agora, Psiqué, não se articula, não ressoa, não tem nada a ver com a minha experiência e a de muitos que estão aqui.

Enquanto tu vê violência só nos “jovens infratores” e outras pessoas em conflito com a lei, os corpos periféricos sofrem violências de diversos tipos, seja da polícia, das relações trabalhistas, da não garantia dos direitos, do racismo, do sexismo...

Você fala da influência dos pares para o comportamento transgressor, mas não fala do contexto social que envolve esses jovens, seus pares e suas famílias. Esse meio é importante porque ele é composto por regras sociais, formas de enxergar e sentir o mundo que constituem os sujeitos desejantes. Existem hierarquias valorativas que são constituídas nessas bolhas sociais e que norteiam práticas. Esse contexto difere do da maioria dos pesquisadores que interpretam esse meio através de teorias, as quais são usadas para a criação e implementação de políticas públicas, visando melhorar a vida dessas pessoas objetificadas. Esse “bom lar comum” proposto está longe da realidade periférica, e a relação das crianças com os pais não se dá de forma fácil e sutil, o fluxo livre de comunicação é muitas vezes interrompido, e isso não é por falta de afeto e dedicação, mas sim por condições desfavoráveis para sustentar um lar. A economia não consegue dar trabalho para todo mundo. As realizações profissionais mudam de acordo com a classe, as perspectivas de futuro estão ligadas a quanto os indivíduos em um meio social recebem investimentos para atingir tal posição. O trabalho dá um retorno diferente de acordo com a ocupação social. A maioria é explorada, a maioria é pobre, a maioria dos pobres são negros. Temos que enxergar a diversidade de modelos familiares e não só o normatizado pela classe média/alta branca.

Psiqué, meio abalado com a crítica recebida, mas considerando que vem de um aluno, continua a sua fala, desta vez citando a importância da castração e das leis para regular os adolescentes.

Psiquê- Os estudos... Os estudos comprovam que não é uma simples carência de ordem socioeconômica a definidora de que haja uma tendência antissocial, embora esta seja muito relevante, é preciso ter ocorrido um verdadeiro desapontamento. *“Esse desapontamento envolve a perda de algo que foi positivo na experiência da criança, nos primeiros estágios de seu desenvolvimento. Em 1999 Winnicott ratifica isso esclarecendo que a criança anti-social simplesmente olha um pouco mais longe e acaba recorrendo à sociedade, em vez de recorrer à família ou à escola, para que esta lhe forneça a estabilidade de que necessita, a fim de transpor os primeiros e essenciais estágios de seu crescimento emocional”*¹⁴². Então, *“conforme Goldenberg (1991) esclarece, quando o adolescente comete atos infracionais, está denunciando algo que tem uma forte relação com o mau estabelecimento da função paterna. O adolescente considerado infrator acaba recorrendo, através de comportamentos anti-sociais, à sociedade, em busca de alguém que possa representar o pai, que seja forte e lhe apresente a lei”*¹⁴³. Assim, o jovem em conflito com a lei, por meio do ato infracional, está buscando a operação da função paterna. O que ele busca no sistema socioeducativo é o que o pai, ou outros que representem a função paterna, não conseguiram lhe dar na família¹⁴⁴. Em Totem e Tabu (1913/1974), por exemplo, *“Freud associa a Lei à proibição do incesto, afirmando que para que ela seja respeitada e aceita, precisa ser temida. Uma lei que não seja temida pode se tornar impotente. Pelegrino (1987) revela que uma lei que se imponha apenas pelo temor é uma lei perversa, espúria. Para ele, só o amor e a liberdade, subordinados e transfigurados ao temor, vão permitir uma verdadeira, positiva e produtiva relação com a lei. A Lei existe, não para humilhar e degradar o sujeito, mas para estruturá-lo e integrá-lo à sociedade”*¹⁴⁵.

Em resumo, entendo que a delinquência está relacionada à estrutura familiar. Ela não é somente fruto das circunstâncias que a vida impõe aos adolescentes, mas é importante também compreendê-la no contexto objetivo em que se situam os infratores. *“A socialização depende tanto de condições objetivas, quanto de condições subjetivas de desenvolvimento biopsicossocial. As transformações ocorridas no seio da família possibilitam uma grande incidência de adolescentes à margem da dinâmica familiar. Os efeitos disso podem ser pensados através do apelo à justiça para intervir no conflito. Os jovens precisam de uma lei, um julgamento, uma sanção, que lhes aplique o preço a ser pago pelo ato delinqüente. Nessa*

¹⁴² SENA, 2006, p. 6.

¹⁴³ SENA, 2006, p. 7.

¹⁴⁴ SENA, 2006.

¹⁴⁵ SENA, 2006, p. 8.

perspectiva, a lei jurídica vem suprir a lei do pai. A justiça, portanto, deve escutar o ato infracional como um pedido de socorro, uma ‘solicitação’ diante dos conflitos pessoais e intersubjetivos da família e da sociedade como um todo”¹⁴⁶.

Rogério - A superlotação dos presídios é um efeito dessa ideia de que os jovens precisam de mais repressão para aderirem à lei da sociedade. Se a função paterna encobre um contexto de vulnerabilidades, um contexto de uma mãe que está sempre trabalhando, um contexto em que um jovem tem que se defrontar com muitas privações quando depara a sua realidade com os modelos de consumo capitalista, um contexto aonde tanto a lei da polícia quanto a lei do tráfico, ambas, atuam de forma dura e mortífera, aonde não existe espaço para erro, será que isso não seria função paterna suficiente para uma vida? Se alguém tem problema de falta de castração, de falta de falta neste país são os jovens de classes abastadas, que não só nunca se confrontam com necessidades, como pouco pagam pelos seus crimes. Um bom exemplo dessa falta de falta é o narcisismo dessa elite, representado na tua fala, em que tu ficou falando e falando do universo desses jovens privilegiados como se fosse a amplitude dos jovens da nossa sociedade, sendo que só representa uma pequena parcela da população.

Por causa da tormenta que assola a região, o sistema de energia do Instituto de Psicologia é abalado, a luz da sala sofre um breve apagão, mas volta em seguida. Psiqué, cada vez mais atordoado com os argumentos utilizados nas críticas feitas pelo ouvinte, se apega à cientificidade para defender a sua posição.

Psiqué – Tu trazes argumentos importantes, mas temos que nos referenciar no saber científico! A relação do indivíduo com os pais também pode influenciar na psicopatia. Esta não tem uma causa única, mas sofre influência de fatores ambientais, por exemplo, “*experiências precoces de rejeição parental e de negligência (Gao et al., 2010), parentalidade e disciplina inconsistentes (Fite et al., 2008), privação e falta de cuidados maternos (McCord & McCord, 1964)*”¹⁴⁷ são potenciais fatores de risco para o desenvolvimento de traços psicopáticos. “*Segundo Canavarro (1999), as relações interpessoais e afetivas estabelecidas desde os primeiros anos de vida, podem funcionar como fatores de proteção ou de risco em relação ao desenvolvimento de condutas problemáticas*”¹⁴⁸. Essas relações têm impacto nos estilos

¹⁴⁶ SENA, 2006, p. 9.

¹⁴⁷ PAULO, 2013, p. 6.

¹⁴⁸ PAULO, 2013, p. 6.

relacionais dos indivíduos e também na estruturação de suas personalidades, algo importante de se considerar pois podem atuar no desenvolvimento de traços psicopáticos¹⁴⁹. *“Todas estas experiências precoces podem ter uma conotação envergonhadora e funcionarem também como preditoras dos níveis de vergonha experienciados atualmente pelos indivíduos (Bennett et al., 2005; Kim et al., 2009)”*¹⁵⁰.

Os comportamentos delinquentes estão ligados à vergonha, porque esta representa uma perda do poder¹⁵¹. *“Neste seguimento, os sujeitos tendencialmente tentam reprimir ou superar de alguma forma a experiência desta emoção, o que resulta, na maior parte dos casos, na vivência de outras emoções, tais como a raiva, a fúria e a hostilidade em relação aos outros”*¹⁵². Hostilidade que está ligada a colocar fatores externos como causas da vergonha.¹⁵³ *“Alguns estudos desenvolvidos no sentido de explorar esta relação da vergonha-raiva defendem que indivíduos que experienciam situações de humilhação (reportando conseqüentemente elevados níveis de vergonha) tendem também a vivenciar sentimentos de raiva ou de fúria (Stuewig & McCloskey, 2005; Tangney et al., 1992). Para além disso, outros autores demonstraram ainda que indivíduos com características narcísicas, tais como sentimentos inflacionados de superioridade em relação aos outros e manipulação em prol da satisfação dos próprios interesses, tendem a experienciar elevados níveis de raiva e comportamentos de ataque ao outro, perante situações que identifiquem como potenciais ameaças ao seu ego ou mérito (Thomaes, Olthof, Bushman, & Nezlek, 2011)”*¹⁵⁴. Dessa forma, *“Quando um indivíduo se sente inseguro no seu meio social a sua visão de si e dos outros passa a ser feita de acordo com uma hierarquia interpessoal, no sentido de evitar sentimentos de inferioridade e de rejeição (situações promotoras da redução do afeto positivo). Especialmente quando estes indivíduos se percebem como ocupando uma posição mais desvantajosa em termos hierárquicos, provocando elevados níveis de afeto negativo, estão altamente predispostos ao desenvolvimento de psicopatologia (Gilbert, McEwan, Bellew, Mills, & Gale, 2009) e de traços psicopáticos (Morrison & Gilbert, 2001)”*¹⁵⁵

¹⁴⁹ PAULO, 2013.

¹⁵⁰ PAULO, 2013, p. 7.

¹⁵¹ PAULO, 2013.

¹⁵² PAULO, 2013, p. 8.

¹⁵³ PAULO, 2013.

¹⁵⁴ PAULO, 2013, p. 8.

¹⁵⁵ PAULO, 2013, p. 8-9.

Rogério – Você ignora que para muitas pessoas, por questões de classe, raça, gênero e sexualidade, a raiva pode ser uma emoção de libertação das opressões. Através dela, os sujeitos oprimidos se movimentam contra essas lógicas injustas que os violentam e produzem vergonha. Tu tá patologizando a revolta com esse discurso que se diz universal. Se fosse no século XIX, cientistas poderiam usá-lo para patologizar as revoltas abolicionistas. Atualmente, esse discurso pode ter o mesmo impacto nos corpos que irrompem contra as injustiças que estruturam a nossa sociedade.

Nesse sentido, a patologização da revolta pode servir como um instrumento para o colonialismo. Grada Kilomba (2008), em *Memórias da Plantação*, traz a imagem da máscara que era usada pelos senhores brancos visando impedir que escravizadas/os comessem os frutos da plantação para representar esse regime, prática que se atualizou reiterando um processo de silenciamento e tortura. Então, no nosso tempo, a máscara “*simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os ‘Outras/os’*”.¹⁵⁶ Esse processo de Outridade está ligado às formas de saber que são válidas e as que não. Nesse contexto, a ciência faz parte desse tipo de conhecimento que está ligado ao poder e à autoridade racial. “*Qual conhecimento está sendo reconhecido como tal? E qual conhecimento não o é? Qual conhecimento tem feito parte das agendas acadêmicas? E qual conhecimento não? De quem é esse conhecimento? Quem é reconhecida/o como alguém que possui conhecimento? E quem não o é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não pode? Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens?*”¹⁵⁷ Quantas/os professoras/es negras/os temos no curso de Psicologia da UFRGS?¹⁵⁸ Qual é a raça da maioria das/os terceirizadas/os da nossa universidade? Esses processos de exclusão mostram que a universidade não é um espaço neutro, “*nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a*”¹⁵⁹. Transformando as populações não-brancas em objeto de pesquisa e se sustentando numa neutralidade que, na verdade, diz de um discurso elitista que é usado para garantir o poder da branquitude. Para tanto, vocês taxam os discursos contra-hegemônicos de subjetivos, pessoais,

¹⁵⁶ KILOMBA, 2019, p. 33.

¹⁵⁷ KILOMBA, 2019, p. 50.

¹⁵⁸ “Quando consideramos o quadro docente universitário, também é possível perceber uma hegemonia monocromática (branca). Num artigo publicado em 2006, na revista de ciência da USP, o professor José Jorge de Carvalho, da UnB, aponta que se juntássemos todo quadro docente das principais universidades dedicadas à pesquisa, como USP, UFRJ, Unicamp, UnB, UFRGS, UFSCar e UFMG, teríamos um corpo de aproximadamente 18.400 acadêmicos. Quando considerado a distribuição de raça/cor, 99,6% dos docentes declaram-se brancos e apenas 0,4% declaram-se negros.” (BATISTA, 2016, p. 9).

¹⁵⁹ KILOMBA, 2019, p. 51.

específicos, emocionais, parciais, baseados em opiniões e experiências; enquanto os discursos científicos/hegemônicos são vistos como universais, objetivos, neutros, racionais, imparciais, baseados em fatos e conhecimento¹⁶⁰. Essas categorias carregam uma dimensão de poder racial que hierarquiza os saberes e preserva a supremacia branca, limitando quem pode falar¹⁶¹. “*Os temas, paradigmas e metodologias do academicismo tradicional – a chamada epistemologia – refletem não um espaço heterogêneo para a teorização, mas sim os interesses políticos específicos da sociedade branca*”¹⁶². Como pessoas não-brancas podem produzir conhecimento nesse campo que dita os seus discursos como menos válidos? Então, colegas, não tenham medo de colocar o pessoal e o subjetivo no discurso acadêmico, cada um fala a partir de uma história e realidade específica, não há discursos neutros! Esse lugar neutro e objetivo que tu tá afirmando ocupar Psiqué vem de alguém com interesses parciais. Então, bora apostar em “*um discurso que é tão político quanto pessoal e poético, como os escritos de Frantz Fanon ou os de bell hooks. Essa deveria ser a preocupação primordial da descolonização do conhecimento acadêmico, isto é, ‘lançar uma chance de produção de conhecimento emancipatório alternativo*’”¹⁶³.

No nosso país, existe o processo de branqueamento das/os negras/os, o qual é “*um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, embora apontado por essa mesma elite como um problema do negro brasileiro*”¹⁶⁴. Em que o grupo branco é visto como padrão de referência de toda a humanidade e se coloca como a raça legítima de possuir a supremacia econômica, política e social. “*O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua auto-estima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais*”¹⁶⁵. Ao fazerem isso, estão constituindo um pacto, um acordo tácito de, enquanto brancos, não se reconhecerem como parte da dominação racial. E isso ocorre mesmo com os brancos progressistas, já que eles reconhecem que há desigualdades raciais, mas não as associam à discriminação, “*isto é um dos primeiros sintomas da branquitude. Há desigualdades raciais? Há! Há uma carência negra? Há! Isso tem alguma coisa a ver com o*

¹⁶⁰ KILOMBA, 2019.

¹⁶¹ KILOMBA, 2019.

¹⁶² COLLINS, 2000; NKWETO SIMMONDS, 1997 apud KILOMBA, 2019, p. 54.

¹⁶³ KILOMBA, 2019, p. 59.

¹⁶⁴ BENTO, 2002, p. 1.

¹⁶⁵ BENTO, 2002, P. 2.

*branco? Não! É porque o negro foi escravo, *ou seja, é legado inerte de um passado no qual os brancos parecem ter estado ausentes”¹⁶⁶.*

E esse é o ponto chave para entendermos a nossa sociedade e que é invisibilizado, pela falta de questionamento sobre o legado que os brancos receberam do regime escravocrata. Além da riqueza que acumularam em cima da escravização dos corpos negros e indígenas, depois que foi proclamada a abolição, tiveram várias políticas públicas que favoreceram esse grupo racial, inclusive trazendo europeus para ocupar as nossas terras e fábricas de trabalho¹⁶⁷. Com medo da potência do grande contingente populacional negro num regime democrata¹⁶⁸, também foram investidas políticas de confinamento psiquiátrico e carcerário da população negra. Visando manter os privilégios dos/as brancos/as, tiveram a ideia de embranquecer a população até que não existissem negros. O mito da democracia racial¹⁶⁹ foi crucial na sustentação dessa política, o qual dizia que não existia racismo no Brasil e que a culpa dos negros ocuparem as camadas baixas era deles próprios. Mas esse projeto não saiu como o planejado e hoje temos mais da metade da população negra. Se olharmos a nossa estrutura social as/os negras/os ocupam as camadas mais baixas da nossa sociedade, enquanto os/as brancos/as ocupam as camadas mais altas. E mesmo na pobreza existem hierarquias raciais que desvalorizam as/os negras/os e superestimam os/as brancos/as¹⁷⁰.

O silêncio e o silenciamento precisam ser quebrados, nossas vozes não vão mais ser caladas perante as opressões, os/as brancos/as têm que reconhecer o seu lugar de privilégio e

¹⁶⁶ BENTO, 2002, P. 3.

¹⁶⁷ “Esse medo do negro que compunha o contingente populacional majoritário no país gerou uma política de imigração européia por parte do Estado brasileiro, cuja consequência foi trazer para o Brasil 3,99 milhões de imigrantes europeus, em trinta anos, um número equivalente ao de africanos (4 milhões) que haviam sido trazidos ao longo de três séculos.” (BENTO, 2002, p. 7).

¹⁶⁸ “Esse medo assola o Brasil no período próximo à Abolição da Escravatura. Uma enorme massa de negros libertos invade as ruas do país, e tanto eles como a elite sabiam que a condição miserável dessa massa de negros era fruto da apropriação indébita (para sermos elegantes), da violência física e simbólica durante quase quatro séculos, por parte dessa elite.” (BENTO, 2002, p. 10).

¹⁶⁹ “Em sua obra, Freyre postula que a distância social entre dominantes e dominados é modificada pelo cruzamento inter-racial que apaga as contradições e harmoniza as diferenças levando a uma diluição de conflitos. Ao postular a conciliação entre as raças e suavizar o conflito, ele nega o preconceito e a discriminação, possibilitando a compreensão de que o ‘insucesso dos mestiços e negros’ deve-se a eles próprios. Desta forma, ele fornece à elite branca os argumentos para se defender e continuar a usufruir dos seus privilégios raciais. Estes postulados constituem a essência do famigerado Mito (ou ideologia) da Democracia Racial Brasileira. Esse mito, ao longo da história do país, vem servindo ao triste papel de favorecer e legitimar a discriminação racial.” (BENTO, 2002, p. 21).

¹⁷⁰ (BENTO, 2002).

os limites das suas perspectivas. A herança branca é também uma causa de desigualdades raciais e sociais e produtora de vergonha. Nomeando a violência, podemos dar contornos a ela e, a partir da raiva e outras emoções que provocam mudanças, transformar a nossa sociedade para que ela não (re)produza vergonha a partir de opressões estruturais. Vergonha tem que ter alguém com práticas racistas, classistas, capacitistas, sexistas, LGBTfóbicas! Essas lógicas de exclusão precisam mudar e se transformar em lógicas que garantam a permanência da diferença!

A Psicologia na UFRGS, depois desse movimento (e de outros como esse), se repensou, se multiplicou, se diversificou ainda mais, a sua estrutura europeia, branca, classe média/alta, cis-heteronormativa foi posta em questão. Tiveram diversas rodas de conversa sobre questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade. A lógica que constituía três templos de saberes a partir dos três departamentos do Instituto de Psicologia perdeu força e lógicas que trabalham com uma transdisciplinaridade entre os saberes foram se implementando.

A PEC foi aprovada, mas a ocupação gerou diversos frutos, principalmente em quem viveu esse ato político, as conversas realizadas nesse movimento ecoaram em Rogério por muito tempo, provocando transformações. Nesse encontro de diversos lugares, ele experienciou os contrastes de uma ocupação da periferia e de uma ocupação da universidade.

6. A RUA ENTRA NOVAMENTE NA ACADEMIA (Quinta do Portal/ 395 > T1/T1D)

Grandes amigos

*Dinheiro não é minha intenção
Pois quando eu canto rap eu sinto uma
grande emoção.*

*As pessoas no mundo cor do rico
Só falam do pobre, não escutam o que eu
digo.*

Já tentei me irritar

Mas não querem escutar,

*Os lugares onde moro é sempre um bom
lugar.*

Porque lá tem de tudo,

De tudo muito bem,

*E o pátio onde moram é maior que o da
FEBEM.*

*É por isso que eu digo, meus amigos, meus
irmãos,*

Dinheiro não é tudo, é pura ilusão.

Dinheiro não é minha intenção

*Pois quando eu canto rap eu sinto uma
grande emoção.*

*Quando o rico recebe, não recebe em
cruzeiro,*

*Ele recebe em dólar, não dinheiro
brasileiro.*

*Dinheiro brasileiro para ele é trocado,
ele dá é de gorjeta pra'quele que está
parado.*

*Mas se ele é meu amigo, meu irmão, meu
camarada,*

Fique sabendo que nunca te pedimos nada.

*Eu não sou da burguesia, mas me sinto
muito bem,*

*eles que tem dinheiro não pensam em
ninguém.*

*É por isso que eu digo, meus amigos, meus
irmãos,*

Dinheiro não é tudo, é pura ilusão.

Dinheiro não é minha intenção

*Pois quando eu canto rap eu sinto uma
grande emoção. M.C. DOM¹⁷¹*

O sol está cada vez mais se despedindo, o brilho das luzes artificiais preenche o instituto de Psicologia, é de um calor insuportável, felizmente a aula vai começar e a sala tem ar condicionado. Todo mundo está tendo aula em janeiro como consequência da ocupação que ocorreu no ano anterior. Rogério, como um dos participantes da ocupação, não se importa com esse fato, já passou calores piores, não ia ser agora que iria se lamentar por estar tendo aula nesse período como consequência de ter participado de um movimento que tentou proporcionar um futuro melhor ao seu país. Aos poucos os colegas vão chegando na classe. Se aproxima um

¹⁷¹ CORDEIRO, 2007, p. 25.

grande amigo, Francisco, diferente das outras situações em que este exalava um belo sorriso, um olhar carinhoso e dizia palavras bonitas, estava exaltado e trazia palavras dolorosas. Conta que presenciou um cuidador de carros ser espancado e ter o olho arrancado por criminosos. E que ajudou a encaminhar esse homem para o pronto socorro. Conta que o agredido trabalha como flanelinha, lutou contra alguns criminosos que queriam roubar carros da sua área, e, em outro momento, os agressores se juntaram e fizeram essa atrocidade com o rapaz. O amigo diz que vai visitar o cuidador de carros no pronto socorro e convida Rogério para ir junto com ele. No final da aula, vai Francisco, Rogério e mais duas colegas visitar o afligido. Todos não sabendo como ajudar direito, mas com a boa vontade de proporcionar pelo menos uma escuta. A turma chega no pronto socorro e logo de cara aparece o cuidador de carros que iriam visitar, ele está carregado pelos seguranças e sendo expulso do lugar que tem por finalidade promover saúde. Parece incontrolável. Grita com o segurança e diz que ele não merecia ser tratado dessa forma. Então, imbuído de coragem, começa a realizar uma apresentação, como se fosse um podcast, uma palestra, um show, e as pessoas que estavam sentadas em suas cadeiras, esperando serem atendidas por alguma dor que merece urgência, a sua plateia. Nessa apresentação, o rapaz fala que lutou contra vários assaltantes e que o seu papel é cuidar da sociedade, que é um herói. A plateia não demonstra muito interesse e não dá muita credibilidade à posição em que ele está se colocando. Vendo o estado que estava o jovem, Francisco e as colegas decidem ir embora, visto que não sabiam como ajudar. Mas Rogério decide ficar, até porque vão para destinos distintos, este para a periferia e as colegas para o centro. Depois da despedida das amigas, começa a conversar com o jovem alterado, para ver o que este tem a contar. Presta atenção no discurso eloquente que está transbordando, de como brigou com os ladrões e do que tinham feito com ele. Rogério se surpreende, esperava uma cena de horror em que ele estivesse sem um olho. E o cuidador de carros estava com os dois olhos, mas estava com pontos na cabeça, a camiseta toda suja de sangue e sem um real no bolso. Rogério lembra da história de *“Don Quijote de la Mancha”*¹⁷². O jovem pede uma camiseta, o universitário pensou em dar a sua, mas o anoitecer trouxe consigo o frio e ele não queria ficar sem camiseta. Então, o flanelinha pede dinheiro para comprar uma. Rogério pega a carteira e só tem uma nota de 50 reais, não tem uma de 10, nem de 20. Contagiado com a coragem que o cuidador de carros transbordava e vendo o desamparo em que se encontrava, decide lhe entregar os 50 mesmo. Dinheiro é algo importante para Rogério, tanto que a sua falta lhe é causa de sofrimento, mas as relações humanas são mais importantes ainda, então, o

¹⁷² SAAVEDRA, 1960.

universitário periférico não hesitou em dar esse dinheiro ao morador de rua. Depois dessa dádiva¹⁷³, o flanelinha muda o seu estado, e lhe fala das grandes dores que carrega. Ele morava na periferia, tinha uma casa de madeira, um dia essa casa pegou fogo com a mulher e as duas filhas gêmeas dentro, nunca mais foi o mesmo, e o seu destino foi morar nas ruas. Agora ele cuida de carros e luta contra quem quer prejudicar esses veículos, diz que é o Ben 10¹⁷⁴. Rogério sente o desejo de falar para o rapaz que antes de cuidar do carro dos outros é importante cuidar de si, mas sente que não vai ser escutado, então, só se despede. Uma senhora que estava vendendo salgados ali perto se comove com a história e lhe dá um pastel e um copo de café. Depois de alimentado, o cuidador de carros volta para a sua plateia e conta que foi recompensado pelas suas façanhas e relata outra vez os seus atos heroicos, só que desta vez com mais eloquência. Rogério não escuta todo o discurso e volta para a parada, não quer perder o ônibus, porque senão vai esperar muito tempo até a sua próxima chegada.

6.1 A FAMÍLIA JORNAL BOCA DE RUA

Toda vez que Rogério passava pela Faced¹⁷⁵ encontrava Beijo, com a sua simpatia única, vendendo o jornal Boca de Rua. Nessa oportunidade, conversava com o jornalista sobre as matérias produzidas e sobre a vida. O estudante universitário achou incrível o trabalho que ele fazia, principalmente pelo fato de trazer o olhar da cidade a partir da População em Situação de Rua. Rogério mesmo não estudando Jornalismo, tinha uma experiência nessa área a partir do PSIU! (Jornal do Diretório Acadêmico da Psicologia), então, estava em sintonia com essa prática. No próximo semestre, começaria o estágio básico e viu a divulgação pela COMGRAD¹⁷⁶ da possibilidade de estagiar nesse projeto, porém tinha a especificidade de ser para a ênfase em Psicologia Social, ainda assim se candidatou, já que esse trabalho o tinha

¹⁷³ “Na análise de Marcos Lanna (2000), o valor conferido à dádiva, bem como sua eficácia em termos de vinculação social, consolidar-se-á sempre que houver uma prestação unilateral – embora o esperado seja que a dádiva circule e restabeleça a simetria –, assim como para haver dádiva, é necessário um oferecimento e uma aceitação. É devido, então, a essa dimensão assimétrica que ‘quando se fala em dádiva, não é de troca que se fala; trata-se de uma prestação unilateral’ (LANNA, 2000 p. 178).” (SILVA, 2012, p. 42).

¹⁷⁴ Desenho animado divulgado por um bom período na televisão aberta, em que uma criança porta um relógio mágico, o qual lhe possibilita transformar-se em diversos alienígenas, através desse poder luta contra outros extraterrestres que querem prejudicar a terra.

¹⁷⁵ Campus da educação - UFRGS.

¹⁷⁶ Comissão de Graduação da Psicologia – UFRGS.

cativado. Felizmente, a supervisora abre uma exceção e possibilita a realização do estágio, também escolhe outra pessoa para a ênfase. Então, naquele ano, tiveram dois estagiários de Psicologia para o local.

É uma terça-feira em que o sol brilha em todo o seu esplendor, não tem nenhuma nuvem para atrapalhar o seu brilho. Rogério está ansioso porque vai fazer um trajeto novo e conhecer um lugar especial. Depois de pegar o *Quinta do Portal*, desce perto da Ipiranga e sobe no *TI* para se encaminhar à EPA (Escola Porto Alegre). A reunião do Jornal ocorrerá às 14:30, não andava pela Washington Luiz, então conheceu outra parte da cidade. Quando chega ao local se admira, é uma escola bem grande, na frente tem um portão azul, dentro tem corredores que levam às salas de aula, ao ginásio ou ao galpão, marcados com paredes que constituem uma paisagem cheia de grafites de um lado e árvores do outro. Perto das 14 horas, se concentram muitos moradores de rua na frente da escola aguardando a abertura do portão e o começo da reunião. Rogério encontra Beijo entre o pessoal que está aguardando e conversa com ele, fala que vai começar a estagiar ali e fica feliz em encontrá-lo, desta vez como colega de trabalho. Logo chega Rosina¹⁷⁷, acompanhada de Luiz, em um fusca vermelho, veículo que carrega uma diferença em relação aos carros modernos e sinaliza a chegada de pessoas importantes para aquele grupo, importância que é demonstrada pela recepção calorosa que é feita pelos que estavam esperando na frente do portão. Depois de muitos cumprimentos e abraços, entram na escola e vão em direção a um galpão que fica nos fundos dela, ao lado da quadra de futebol. Esse galpão é de madeira, tem uma forma circular e possui diversos bancos dispostos em roda, que é para ninguém ficar na frente do outro.

A maioria dos integrantes do *Boca* são homens negros. Têm poucas mulheres, mas também se fazem presente. A reunião começa com informes, depois vêm as pautas. Durante esse processo, algumas falas se atravessam, então, Rosina, calmamente, fica em silêncio até que as pessoas que estão se interpondo percebam que estão infringindo as regras e interrompam a sua fala paralela. Outros integrantes do grupo também a auxiliam, pedindo para que quem estiver falando no momento errado fique em silêncio e respeite a fala dos outros. A primeira regra que constitui o grupo é a do respeito mútuo, lá todos/as/es têm o seu valor e merecem ser tratados/as/es dignamente. Algo que se reflete durante as suas falas, em que é perceptível o quanto estão empoderados/as/es da sua posição de jornalistas da rua, o *Boca de Rua* não é só um trabalho, é também um dignificador, um ressignificador tanto para quem é da rua quanto para o resto da sociedade. Algo interessante que Rogério percebeu é que assim como o

¹⁷⁷ Jornalista técnica do *Boca de Rua*.

funcionamento do Diretório da Psicologia, o jornal também é uma autogestão, são os próprios integrantes que fazem as regras. Rosina exerce a função de coordenar a reunião e implementar o que eles próprios estabeleceram, isso os coloca em um outro lugar, diferente do que a sociedade os coloca geralmente, não são passivos diante das escolhas, e sim os protagonistas do seu pensar-fazer.

As temáticas das matérias jornalísticas são votadas no grande grupo. Depois dessa reunião geral, vêm as reuniões específicas com pequenos grupos, onde se debate como vão ser realizadas as matérias. Cada grupo é responsável por pensar e realizar a produção jornalística de acordo com a temática que escolheu. As/os colaboradoras/es, lugar que é ocupado por quem não é da rua, geralmente da universidade e majoritariamente por mulheres brancas de classe média/alta, são as/os responsáveis por organizar os grupos, anotando as ideias e transformando o saber oral em saber escrito, combinando um horário com quem vai entrevistar alguém que vai participar da matéria. Rogério observa que é nesse momento que as/os colaboradoras/es geram mais vínculo com os/as/es jornalistas. Quando as/os colaboradoras/es auxiliam na construção de um saber, de uma notícia, quando realizam um trabalho em conjunto, é o momento em que mais vínculos vão se criando e se fortalecendo, porque os/as/es jornalistas aprendem com os saberes acadêmicos e as/os colaboradoras/es aprendem sobre a Ruaologia.

A ideia inicial que Rogério tinha da Pop. Rua estava ligada à do pedinte. Então, quando ele começou a estagiar no Jornal, acreditava que encontraria pessoas passivas e que precisassem da sua ajuda como um especialista do saber da Psicologia. Ele estava entusiasmado com essa ideia, pois já havia estudado muita teoria do curso e queria ver a potência desse saber através do seu impacto social.

Porém, logo nas primeiras reuniões, essa ideia de atuar como especialista para ajudar essa população carente é frustrada, e o estudante se depara com um espaço ativo e potente à Pop. Rua. Ali não era um espaço da academia, mas sim da rua. E algo inusitado ocorre quando um dos integrantes do jornal questiona qual a intenção de Rogério e de sua colega enquanto estagiários de Psicologia naquele espaço, perguntando “qual é a de vocês? Estão aqui para se promover através do nosso sofrimento? Já conheço essa história, o estágio vai terminar e vocês vão se esquecer da gente, vão se formar na universidade e quando passarem por nós na rua nem vão nos cumprimentar”. Algo do traumático se apresenta, uma frustração a respeito das intenções dos/as universitários/as transborda em um questionamento forte... “Vocês vieram pra ajudar ou pra explorar?”.

Rogério ouve as críticas pré-estabelecidas ao perfil universitário, as palavras o atravessam, mas não encontram morada, não faz parte dos privilegiados esnobes que fariam

aquelas atitudes criticadas, porém, o tocam quanto à instituição que ele ocupa, a universidade. Essa instituição para ele tinha um papel essencialmente bom, ajudava a sociedade enquanto produtora de conhecimento, não tinha pensado nesse outro aspecto, o de exploradora, no quanto a População em Situação de Rua, além de ser estigmatizada pela sociedade, é tratada como objeto de estudo por essa instituição, a qual constrói o seu saber sobre o outro através de uma linguagem elitista e excludente. Esse questionamento quebrou com a sua ideia de que trabalharia com uma população passiva e de que seu lugar era essencialmente bom, como universitário e profissional da Psicologia. Mais tarde entendera que o próprio jornal é um dispositivo que possibilita essa posição ativa perante a vida e a sociedade, é um lugar de produção de conhecimento, onde o saber da rua é valorizado. O jornalista que fez a crítica aos universitários/as foi quem cunhou o termo “Ruaologia”. Saber que está ligado à vida nas ruas da cidade e que fala muito do funcionamento desta. Dentro desse saber tem Psicologia, Serviço Social, Educação, Arquitetura e Urbanismo, Políticas Públicas, Filosofia, Ciência Sociais, Relações Públicas, Gastronomia, abarca também saberes que são criados e validados nesse espaço e que não têm um contorno acadêmico.

Nesse dia, *Mãe Gorda*, o autor da crítica, foi falar com os estagiários e disse que não levassem para o pessoal o que foi dito, ele falou aquilo porque tiveram experiências ruins com outros universitários/as que visitaram o jornal e que queriam produzir conhecimento sem vínculo. Como ele e Ronaldinho iriam para o instituto de Psicologia, os jornalistas e os/as estagiários/as percorrem o caminho a pé pela cidade, da EPA até o IP (Instituto de Psicologia). Durante esse trajeto, os jornaleiros vão mostrando a perspectiva deles de Porto Alegre, à medida que vão percorrendo o caminho, estabelecimentos que lhes dão ajuda são citados, dispositivos de auxílio são apresentados, como os macaquinhos (refeições envoltas em sacolas plásticas penduradas em árvores), as ONGs que dão comida na rua, o AICAS (que faz abordagem social), a Unidade de Saúde Santa Marta que tem um Consultório Na Rua, também falam do Bandeirão que fica no bairro Floresta e reclamam do quão longe é de onde eles permanecem. No percurso, o lixo não era algo a ser evitado, mas sim explorado. Na troca de ideias, um dos integrantes do Boca se surpreendeu que Rogério compreendeu rápido as gírias que eles usavam a ponto de já as estar usando na conversa, então, o jovem universitário relata que a sua origem é periférica, por isso sabe falar daquela forma. A partir daí Rogério passa a ser visto e tratado de forma diferente por esses dois integrantes do jornal, os quais não colocam mais a barreira inicial apresentada aos demais acadêmicos que pertencem à classe média/alta, mas sim o tratam como um semelhante.

Desde então, o universitário periférico começa a perceber similitudes entre os habitantes da periferia e os da População em Situação de Rua. Quando conversam sobre música percebe que escuta músicas semelhantes às deles: principalmente Rap dos anos 90. Mais tarde descobre que a maioria da população em situação de rua tem a sua origem na periferia, mesmo que alguns sejam da classe média/alta, a maioria é pobre mesmo. E há uma socialização que cria uma identidade de morador de rua, portanto, se trata de uma população diferente e que merece ser visibilizada enquanto tal, mesmo que existam similitudes com quem é negro ou pobre. Essa socialização é a responsável por criar uma identidade que faz parte da vivência em um território existencial que deixa marcas, formas de sentir e viver o mundo singulares a esse espaço. Então, mesmo que uma pessoa em situação de rua consiga um quarto ou uma casa para se abrigar, ainda assim vai continuar carregando esse território existencial dentro de si, mesmo que sejam apenas traços.

Participando e observando as reuniões do *Boca*, Rogério se admirou com o quanto Ronaldinho jogava bem com as palavras, de como falava bem em público e do quanto sabia sobre o mundo, fala que era apreciada tanto nas reuniões do *Jornal* quanto em várias palestras sobre Redução de Danos, Ruaologia e Sistema Prisional Brasileiro que o jogador proporcionava em diversos espaços da cidade. Ronaldinho além de ter vivência da rua também tem da universidade, como estudante de Políticas Públicas. Porém, Rogério não o via falando nos eventos da Psicologia, tampouco via muitos eventos do seu curso tratando da temática da População em Situação de Rua, e quando tinham eventos com essa temática, raramente eram chamadas pessoas dessa população para serem as palestrantes da sua situação. Então, o universitário periférico, junto com outros colegas, fazem uma dobra acadêmica e constroem um campo para a galera da rua jogar na Psicologia, e Ronaldinho participa de vários jogos/palestras mostrando todo o seu futebol no campo universitário.

Uma outra cena marcante do *Boca* foi quando um dos jornalistas abordou Rogério e lhe contou que na próxima semana seria o seu aniversário e lhe pediu um presente. Rogério ficou pensando que em comemoração deste momento seria importante dar-lhe algo. Pensativo sobre qual seria o melhor presente para o jornalista em questão, se dirigiu ao Instituto de Psicologia. E lá, nos bancos que formam um semicírculo entre as árvores, estavam Psiqué, Rosane Neves e Analice Palombini. O estagiário do *Boca*, vendo aquelas pessoas que carregam tanto conhecimento, decide se juntar à conversa e compartilhar as suas questões para pensar na sua atuação a partir do campo da Psicologia.

Rogério – Olá. Bom ver vocês!

Psiqué – Olá. Como estás querido?

Rogério – Estou bem, mas me encontro num momento de dúvida. Atuo no Jornal Boca de Rua como estagiário de Psicologia e esse trabalho está me gerando várias questões, tanto do funcionamento da sociedade como de como devo agir enquanto profissional da Psicologia. Por exemplo, na reunião de hoje recebi um pedido de presente pelo aniversário de um dos jornalistas. Fiquei com vontade de dar algo para ele. Só fico me perguntando o quê...

Psiqué – Não recomendo que tu gastes dinheiro com presente ou que dê dinheiro a eles. Porque senão a relação vai ficar reduzida à caridade. Deves fazer um presente que seja um espaço de atendimento de uma demanda por reconhecimento.

Rogério – Mas dar um presente físico não representaria um reconhecimento?

Psiqué - Tu, como um estagiário de Psicologia, deves sustentar um lugar neutro, não misturando uma relação profissional com a de uma amizade. Além disso, não deves reiterar uma prática assistencialista, de tentar prover as faltas que eles têm, mas sim buscar gerar autonomia. Dar um presente material vai te colocar num lugar de suprir as demandas que eles carregam, e isso tu não vais conseguir sustentar e nem deves, porque não é o papel da Psicologia.

Rogério – Entendo. Mas não carrego o desejo de suprir as suas demandas materiais, e nem se eu quisesse poderia fazer isso, já que também estou na pobreza, mas acredito que comprar um presente a ele seria bom para aumentar o vínculo. Algo importante de salientar Psiqué, é que nós não estamos no mesmo lugar de fala, nem no mesmo lugar de escuta, então, para ti, dar um presente pode te colocar numa relação de provedor, já que tu tem bastante dinheiro, e dessa forma tu poderia estar gerando uma micro-satisfação na relação com a Pop. Rua. Já comigo não é possível ter esse tipo de relação. Será que dar dinheiro ou comprar um presente sempre vai compor uma relação assistencialista? Isso não seria uma generalização?

Psiqué – Bom, e qual seria o lugar que tu ocupas lá?

Rogério – O lugar que me colocam lá não é o lugar do psicólogo, mas sim o do colaborador. Aquele que vai lá ajudar a Pop. Rua a fazer o seu trabalho. As nomenclaturas que a Psicologia carrega não se adequam ao Boca, não são pacientes, clientes, analisandos, usuários. Ali a relação é de colaborador e militante, não é de colaborador e apoiado. A ideia de colaborar é que levo algo para lá, é dar algo. E esse apoio, às vezes, também é comprar um jornal, então, envolve dinheiro. O lugar que ocupo como colaborador é o de alguém que está na universidade, mas que tem sua origem na periferia, não na classe média/alta.

Mas essa questão que tu traz é importante para que eu, além de colaborador, seja alguém que esteja atuando a partir da Psicologia.

Psiqué – O que tu podes fazer é trabalhar com a escuta clínica, com o que está por trás do pedido. É antiprofissional, ruim para o vínculo técnico ajudar com dinheiro, porque coloca o sujeito em posição passiva. Ao dar o presente para a pessoa a estás deixando numa posição regressiva, estas nutrindo isso, uma postura oral.

Rogério – Outra questão é que o lugar do especialista em Psicologia não é muito bem visto no grupo, já que ali é um espaço da rua, do saber da rua, eles não gostam quando as hierarquias sociais, principalmente as da universidade, tentam colocar o saber da Psicologia como superior ao da Ruaologia. Principalmente porque essas hierarquias lhes lembram das violências que o Estado pratica com a sua população, e porque ali é um espaço de valorização do saber da rua, e não do saber do Estado, ou do universitário.

A prática psicológica tem que ser construída junto com o desejo de quem é atendido, algo que entra em conflito com os valores sociais daquele que está na academia. A primeira função do psicólogo é gerar vínculo, com os jornalistas e com o grupo, para que a sua intervenção seja respeitada e valorizada. O valor, que em outros espaços já estaria dado, da universidade, do acadêmico, ali não é valorizado a priori. E esse vínculo ali não é elaborado no sujeito suposto saber. Além disso, o vínculo também é singular na sua constituição, não tem como excluir o lugar de fala e o lugar de escuta que ele carrega. Lugar de fala, porque é de onde partimos na nossa análise, já lugar de escuta está ligado ao que conseguimos escutar e o que não conseguimos. Não somos sensíveis a tudo, porque a gente escuta só o que o nosso conhecimento de mundo nos permite captar, algo que está ligado não só a estudo acadêmico, mas também às nossas vivências. Sinto que as Psicologias Hegemônicas, que tanto vi no curso não dão conta de atender as especificidades da População em Situação de Rua. Para atender a essas especificidades, temos que sair do lugar universal em que muitas vezes nos colocamos e

aprender com o outro, entender os nossos limites e aprender com o diferente. Chego à conclusão de que a Psicologia Social tem um bom potencial para trabalhar com essa população, mas precisa ser reinventada para tal função.

Rosane Neves – Um primeiro passo que pode te ajudar a reinventar a Psicologia é delimitar o Social, não o entendendo como algo naturalizado e intrínseco à vida humana, mas sim problematizá-lo e entendê-lo como “*uma multiplicidade necessariamente construída a partir de uma relação de forças num campo historicamente dado*”¹⁷⁸. Essa perspectiva abre possibilidade à análise múltipla do social e à criação de múltiplas Psicologias Sociais.

Analice Palombini – Essa luta por reinventar Psicologias se dá há bastante tempo, o Acompanhamento Terapêutico, por exemplo, está ligado à reforma psiquiátrica, ele busca construir uma rede de serviços substitutivos ao manicômio, e acaba adquirindo “*uma função emblemática da mistura e contágio das disciplinas psi com o espaço e tempo da cidade*”¹⁷⁹, talvez algumas articulações teóricas dele possam te servir, Rogério. Como esse processo gera uma desinstitucionalização do manicômio, se faz o mesmo com a clínica tradicional. Algo importante de se salientar é que a instituição asilar está na origem da clínica, “*(...) e a partir dela as demais disciplinas psi, que em suas diferentes formas têm dificuldade de se desvencilhar do ideal isolacionista que o asilo põe em causa*”¹⁸⁰.

Rogério – Pois é, vejo que esse ideal isolacionista é algo que atrapalha o trabalho com a Pop. Rua a partir da Psicologia, já que as regras dos ambientes fechados muitas vezes excluem essas pessoas dos serviços oferecidos pelo Estado. Portanto, busco construir uma clínica que não opere por meio de uma política de disciplinarização dos corpos, mas sim que explore a multiplicidade de comportamentos possíveis e que potencialize as resistências que buscam uma sociedade menos opressiva aos que não se adequam à norma.

Para isso é importante uma Psicologia que leve em consideração o lugar de escuta e o lugar de fala, e no meu caso, uma Psicologia Periférica, uma Psicologia que está ligada a uma trajetória de vida atravessada por esse território existencial e que possibilita ser afetado por dores que quem não vivenciou esse território não consegue senti-las da mesma forma, então, para pô-la em prática, não basta estudar a periferia, tem que ter vínculo com ela, tem que ter

¹⁷⁸ SILVA, 2004, p. 13.

¹⁷⁹ PALOMBINI, 2006, p. 3.

¹⁸⁰ PALOMBINI, 2006, p. 3.

convivência, tem que compartilhar linguagem, tem que compartilhar cotidiano, tem que compartilhar afeto, está ligada a uma “perifaologia”, a um devir periférico, que mesmo sendo plural, ainda carrega aspectos em comum que criam uma identidade. Porém, não me limito a pensar e atuar uma Psicologia que seja apenas periférica, mas sim que consiga escutar outros tipos de narrativas e sofrimentos, mesmo que partindo desse devir periférico, desejo construir uma Psicologia “sustentada no exercício do que Derrida (2003) pôde nomear de hospitalidade, que diz de uma abertura incondicional ao outro, ao estrangeiro”¹⁸¹, que possa atender à Pop. Rua e que possa inspirar a criação de outras Psicologias, desde que trabalhem a partir de uma lógica decolonial, não sustentadas no lugar de um saber hegemônico eurocentrado e normativo, mas sim valorizando a pluralidade de saberes que constituem o Brasil e a América Latina¹⁸², exercício que demanda também se referenciar em autores/as não brancos/as, LGBTQ+ para construir a sua prática. Uma Psicologia que, quando atue com uma população mais vulnerável, como a População em Situação de Rua, não a coloque apenas como objeto de estudo, ou que reproduza regimes de dependência de um serviço ou do saber especialista, mas sim que crie ou potencialize regimes de autonomia e visibilidade que possibilitem essas pessoas serem sujeitos de suas histórias. Movimento que, além de ético é também político, visto que possibilita um agenciamento das pessoas conhecerem o seu lugar dentro da estrutura social e os seus direitos constitucionais. Sei que muitas vezes esses regimes de autonomias não vão ser possíveis, por conta do denso preconceito que a nossa sociedade tem contra essa população, ou pelas regras sociais que ditam quem pode ou não falar nos espaços de poder. Mas quando isso não é possível, o/a/e psicólogo/a/e pode buscar construir pontes que superem os preconceitos e possibilitem que essas pessoas sejam escutadas ou atendidas pelo Estado.

Por exemplo, quando, através do PET¹⁸³, possibilitei a Ronaldinho e a outros integrantes do *Boca* a darem palestras aqui na Psicologia da UFRGS. Ou quando auxiliei o Michelangelo a recuperar a sua bike. Conto mais como foi. No final de uma reunião do *Boca*, Michel-angel-o me falou que estava muito triste porque os policiais pegaram a sua bicicleta e ele não conseguia recuperá-la, visto que eles só liberam se alguém “estudado” (de confiança

¹⁸¹ PALOMBINI, 2006, p. 2.

¹⁸² “Quando se lê as declarações de um Dom Avelar Brandão, Arcebispo da Bahia, dizendo que a africanização da cultura brasileira é um modo de regressão, dá prá desconfiar. Porque afinal de contas o que tá feito, tá feito. E o Bispo dançou aí. Acordou tarde porque o Brasil já está e é africanizado. M. D. Magno tem um texto que impressionou a gente, exatamente porque ele discute isso Duvida da latinidade brasileira afirmando que este barato chamado Brasil nada mais é do que uma América Africana, ou seja, uma América Latina. Prá quem saca de crioulo, o texto aponta prá uma mina de ouro que a boçalidade europeizante faz tudo prá esconder, prá tirar de cena” (GONZALES, 1984, p. 236)

¹⁸³ Programa de Educação Tutorial.

para o sistema) afirme que a bicicleta era sua mesmo. Como nessa época eu não conhecia muito bem o Michelangelo, tive uma pequena dúvida quando ouvi a sua história, mas prestando atenção em como ele falava senti que estava sendo sincero, então, apostei que ele estava falando a verdade e fui com ele à delegacia, no outro dia, para buscar a bicicleta. Quando chegamos lá, Michelangelo foi na frente, e falou com a recepcionista para recuperar a sua bicicleta, a qual disse que a moça que iria lhe liberar o veículo não estava. Então, o auxiliei, falando com a recepcionista, primeiro dando o “carteiraço” de estudante de Psicologia da UFRGS e depois pedindo para falar com a responsável pela liberação das bicicletas. Magicamente, a moça estava sim no ambiente e Michelangelo pode retirar a sua *bike*. Quando foi retirá-la, a funcionária da delegacia falou que ele podia pegar qualquer bicicleta, mesmo uma que seja melhor que a sua. Mas ele não caiu na tentação e escolheu a que lhe pertence, por causa da história e do vínculo que tem com esse veículo, vínculo mais forte até do que com a sua família biológica. Depois desse acontecido, o meu vínculo com ele aumentou e resultou em uma matéria no jornal com ele contando da importância da bicicleta para a sua vida.

O se afetar com as demandas que as Pessoas em Situação de Rua trazem é o divisor de águas que gera vínculos. Seguir os protocolos e as normas instituídas pela nossa sociedade é reproduzir violências que invisibilizam e negam os direitos a essa população. Às vezes, aumentar o vínculo também é exposição de fraquezas, pois isso produz confiança¹⁸⁴ e, dessa forma, se constitui uma relação mais horizontal. O Jornal não é apenas um local de trabalho para as Pessoas em Situação de Rua que o compõem, é também uma família, ou como diz Peninha na primeira live feita pelo Boca de Rua na sua página do Facebook: *“Jornal Boca de Rua é a outra família, do outro lado do mundo, é outra página. Fechou a outra página e começou a fazer outra família. O Jornal proporcionou a oportunidade de ter um jornal na rua. Quando eu falo dos meus sentimentos de que tem uma família na rua, tem sim, é uma família na rua. A gente tem na rua, o Boca de Rua proporcionou isso daí, eu ter um pai, uma mãe, uma prima, uma tia, um sobrinho e um neto. É isso que eu chamo de família do Boca de*

¹⁸⁴ “Posteriormente, a partir de um distanciamento epistemológico, percebi que a exposição de minhas ‘fraquezas’ contribuiu em muito para que pudesse adquirir confiança, procedendo, sem querer, de acordo com as seguintes orientações de Neves: Para estabelecer relações de confiança, é importante que o etnógrafo seja capaz de se expor, de selecionar situações em que possa revelar a sua vulnerabilidade; caso contrário, estabelecerá uma relação de superioridade relativamente aos sujeitos em análise, reduzindo-os ao estatuto de meros objetos de pesquisa. Sem assumir o risco da exposição, o etnógrafo nunca crescerá enquanto sujeito no meio de outros sujeitos (NEVES, 2006, p. 99).” (SILVA, 2012, p. 31).

Rua”¹⁸⁵. Entre eles, tem a figura do apoio mútuo, das redes de solidariedade, eles têm um lugar construído dentro da Ruaologia. Por exemplo, com os “*‘pais ou mães de rua’: líderes mais velhos e experientes que possuem vital importância para que o neófito aprenda a conduzir determinadas estratégias básicas de sobrevivência*”¹⁸⁶. Ou os padrinhos e madrinhas, que são pessoas que utilizam a rua como passagem e dão algum apoio aos que a utilizam como morada. Então, relações “neutras” não vão funcionar para gerar vínculo com a Pop. Rua, uma saída é se estabelecer um vínculo de amizade, amizade no sentido de apoio e luta contra as opressões da nossa sociedade a essas pessoas.

A conversa termina e Rogério fica se perguntando em como seria possível construir uma Psicologia Decolonial que se adeque às demandas dessa população. Um projeto que demanda muito tempo e estudo, algo que ele não conseguiria fazer naquele momento, mas seria possível na pós-graduação.

No ano seguinte, a cidade sofre mais uma transformação a partir da força das pessoas em situação de rua, em que elas se organizaram através do MNPR/RS e do Jornal Boca de Rua e realizaram a Ocupação “Zumbi só se for dos Palmares” em resposta à falta de políticas de habitação eficientes para a Pop. Rua e também em resposta a uma “piada” que o prefeito fez a essa população a associando a um *zombie* da série “*Game of Thrones*”¹⁸⁷. Essa ocupação gerou vários frutos, principalmente a criação da Amada Massa, um clube de pães protagonizado pela Pop. Rua e também a saída da rua de vários ocupantes a partir desse dispositivo.

Os ataques do governo municipal não foram só no âmbito simbólico, também foram no âmbito judicial, com a aprovação de um projeto que criminaliza cuidadores de carros da cidade. “Os flanelinhas que mantêm a atividade já estão sendo penalizados com multas no valor de R\$ 300,00. Em caso de reincidência, o valor da multa dobra”¹⁸⁸. Rogério fica se perguntando, “o que o flanelinha, que conheceu no pronto socorro, pensaria dos rivais com que ele brigou para defender o carro dos outros nesse momento em que ele também estava sendo posicionado como os ‘fora da lei’”?

¹⁸⁵ (Informação verbal). PENINHA, **De olhos abertos live**. Disponível em <https://www.facebook.com/jornalbocaderua/videos/383345406196383/>. Acesso em 10 out. 2020.

¹⁸⁶ SILVA, 2012, p. 131.

¹⁸⁷ Produzida pelo canal de televisão por assinatura HBO.

¹⁸⁸ BOCA DE RUA, 2020, p. 12.

6.2 (DES) CONCLUSÕES

Mais uma vez Rogério está correndo para não se atrasar à reunião do *Boca de Rua*. Felizmente esse esforço é ratificado e ele chega a tempo. Quando se aproxima do galpão da EPA, percebe que a reunião está começando, senta numa cadeira que faz parte de um círculo, pega seus óculos, para aliviar a miopia, e participa da reunião, no final dela tira os óculos e o guarda na mochila novamente. Depois, conversando com os jornalistas, descobre que ele também tem um apelido dentro do grupo, Clark Kent, por causa desse gesto de no começo da reunião colocar os óculos e no final tirá-lo. Achou interessante essa imagem que representa alguém que é um extraterrestre com poderes sobre-humanos, mas quando coloca os óculos, atua como um frágil humano. Sentiu ressonâncias com a sua atuação na reunião, já que ele não se coloca numa posição de superioridade, mas sim assume a sua vulnerabilidade. Uma analogia interessante para se fazer à própria atuação do psicólogo, da psicóloga, de psicóloga nesse espaço; de não vestir as vestimentas super poderosas da Psicologia no grupo, mas sim de se colocar como alguém que carrega mais um saber numa roda composta por diversas sabedorias.

Nesse processo de humanizar mais a prática, ficou pensando também no funcionamento acadêmico de buscar realizar conclusões nas pesquisas, do imperativo de ter uma resposta final sobre tudo, de criar uma verdade e imortalizá-la dentro dos discursos acadêmicos. “Para que valorizar sempre só as conclusões? Enxergar apenas o resultado final como a distinção de se um trabalho é válido ou não... se proporcionou uma descoberta final ou não... Qual é a conclusão da vida? não é a morte? Por que enxergar só a morte da conclusão e não também a vida dos trajetos, com as suas multiplicidades de perguntas e respostas?”. Nos seus trajetos, percebeu que muitas das conclusões mortas que conheceu, e que muitas vezes lhe constituíram, serviam apenas para limitar a cidade e reproduzir opressões. E que quando se abriu às possibilidades da vida, viu que Porto Alegre é muito mais complexa do que está nos discursos hegemônicos, as pessoas são muito mais do que os estereótipos, ele próprio é alguém que está sempre mudando e a atuação da Psicologia pode ser muito mais variada do que o ensinado. A vida está ligada ao presente, o presente como algo que, mesmo podendo reiterar estruturas mortas, ainda carrega a potência da criação de novos mundos. Para tal função, é importante estar aberto ao inesperado, ao imprevisível, às forças que atuam no presente e que podem ser dobradas e recriadas. Dessa forma, se possibilita a descortina-ção de mundos, o que abre a possibilidade da criação de novos regimes de verdades. Regimes de verdades que valorizem a vida, e não só a morte. Vida ligada a afetos, afeta-ações que podem provocar mudanças, com

novas descortina-ações. Ou segundo a frase de Jean Cocteau, que inspira a família *Alice*, ONG que é o alicerce do *Jornal Boca de Rua*, “Não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez”¹⁸⁹.

¹⁸⁹ COLETIVA.NET, 2008. **Rosina Duarte: Disposição ilimitada para fazer o bem.** 2008. Disponível em: <https://coletiva.net/perfil/rosina-duarte-disposicao-ilimitada-para-fazer-o-bem,167061.jhtml>. Acesso em: 13 out. 2020.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Arthur Gomes de. **A HISTÓRIA DE A.: ESCRIVIVÊNCIAS DE UM ALUNO COTISTA NEGRO NO CURSO DE PSICOLOGIA DA UFRGS.** 2018. 83 f. TCC (Graduação) – Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ALPHAVILLE. **UM ESPAÇO EXCLUSIVO COMO VOCÊ MERECE.** Disponível em: <https://www.alphavilleurbanismo.com.br/residencial/alphaville-porto-alegre>. Acesso em: 11 out. 2020.

ALPHAVILLE. **SEGURANÇA.** Disponível em: <https://www.alphavilleurbanismo.com.br/residencial/alphaville-porto-alegre>. Acesso em: 11 out. 2020.

BATISTA, Alisson Ferreira. **Trajetos e percursos: das (im)possibilidades de enfrentamento do racismo dentro da academia.** Porto Alegre, 2016.

BAPTISTA, Marcela Meneghetti; COELHO-DE-SOUZA, Gabriela. O mbyá reko como subsídio para a qualificação das políticas públicas no contexto da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. In: ROSADO, Rosa Maris; FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas. **Presença Indígena na Cidade reflexões, ações e políticas.** Porto Alegre: Gráfica Hartmann, 2013. p. 13-41.

BARROS, Clóvis de. **Perseguidor de cenouras.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ucbISPe5Meg>. Acesso em: 11 out. 2020.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil.** Rev. Psicopedagogia, 2011; 28(85): 67-75.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquitude no Brasil.** In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

BOB MARLEY, **Concrete Jungle**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y07vgARrOUE&ab_channel=BoBMArleySong1. Acesso em: 11 out. 2020.

BOB MARLEY, **Want More** (tradução). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bob-marley/259136/traducao.html>. Acesso em: 11 out. 2020.

BOCA DE RUA. **PROJETO DA PREFEITURA PROÍBE FLANELINHAS**. Porto Alegre, p. 12-14. Janeiro-fevereiro-março, 2020.

CARDOSO, Jesse Rodriguez, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/jesse.cardoso1/posts/10216158996501741>. Acesso em: 15 out. 2020.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Prefácio - o recado da mata. In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 11-41.

COLETIVA.NET, 2008. **Rosina Duarte: Disposição ilimitada para fazer o bem**. 2008. Disponível em: <https://coletiva.net/perfil/rosina-duarte-disposicao-ilimitada-para-fazer-o-bem,167061.jhtml>. Acesso em: 13 out. 2020.

CORDEIRO, Adriano da Silva *et al.* **Grandes Amigos**. In: MADEIRA, Manoel Luce *et al* (org.). **Histórias de mim: escrituras do povo de rua**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2007. p. 25-25.

COSTA, Luis Artur. **Brutas Cidades Sutis: Espaço-tempo da diferença na contemporaneidade**. 2007. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

COSTA, Luis Artur; FONSECA, Tânia Mara Galli. **O cansaço da civilidade: os primeiros deslocamentos dispersivos na geometria do esquadro moderno do urbanismo e da saúde mental**. *Mnemosine* Vol. 5, nº1, p. 62-79, 2009.

COSTA, Luis Artur. **O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social**. Fractal, Rev. Psicol., v. 26 – n. esp., p. 551-576, 2014.

DIREITO CIVIL. **Usucapião - Novo CPC (Lei nº 13.105/15)**. 2008. Disponível em: <https://www.direitonet.com.br/resumos/exibir/365/Usucapiao-Novo-CPC-Lei-n-13105-15#:~:text=Usucapi%C3%A3o%20extraordin%C3%A1ria%2C%20previsto%20no%20artigo%20moradia%20habitual%20ou%20nele%20tiver>. Acesso em: 11 out. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 200 p.

EVARISTO, Conceição. **ESCREVIVÊNCIAS DA AFRO-BRASILIDADE: HISTÓRIA E MEMÓRIA**. Revista Releitura – ISSN1980-3354, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, novembro, nº 23, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. Texto publicado em *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora*, Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs), João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005.

FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas. As “Mulheres dos Panos” Mbyá-Guarani. In: ROSADO, Rosa Maris; FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas. **Presença Indígena na Cidade reflexões, ações e políticas**. Porto Alegre: Gráfica Hartmann, 2013. p. 63-87.

FREITAS, Lorena. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In: SOUZA, Jessé. **Ralé Brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 281-304.

G1, Rio Grande do Sul. **Lei das carroças entra em vigor em Porto Alegre e gera protestos**. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2017/03/lei-das-carrocas-entra-em-vigor-em-porto-alegre-e-gera-protestos.html#:~:text=A%20partir%20desta%20sexta-feira,esses%20ve%C3%ADculos%20sa%C3%ADssem%20das%20ruas>. Acesso em: 10 out. 2020.

G1, São Paulo. **Hotel de luxo na África do Sul oferece 'experiência de favela' para hóspedes.** 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2015/07/hotel-de-luxo-na-africa-do-sul-oferece-experiencia-de-favela-para-hospedes.html>. Acesso em: 10 out. 2020.

GONZALES, Lélia. **RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA.** In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GUIA DO ESTUDANTE. “**Vidas Secas**” – **Resumo da obra de Graciliano Ramos.** 2012. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/vidas-secas-resumo-obra-de-graciliano-ramos/>. Acesso em: 11 out. 2020.

HUXLEY, Aldous. **ADMIRÁVEL MUNDO NOVO.** 2. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 2001. 318 p.

KILOMBA, Grada - **Memórias da Plantação - Episódios de Racismo Cotidiano/** Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira, - 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACIEL, Carlos Alberto Batista. **O HABITUS PRECÁRIO E AS DANÇAS DA SUBCIDADANIA.** In: SOUZA, Jessé (org.). **A Invisibilidade da Desigualdade Brasileira.** Belo Horizonte: Editora UFGM, 2006. p. 239-257.

MARTINS, Geovani. **O SOL NA CABEÇA.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 119 p.

MEC, **SOBRE.** Disponível em: <http://prouniportal.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 out. 2020

NEUMAN, Lucas. **Prefeitura de Porto Alegre quer acabar com os cobradores de ônibus.** 21/01/2020. Disponível em: <https://averdade.org.br/2020/01/prefeitura-de-porto-alegre-quer-acabar-com-cobradores-de-onibus/#:~:text=PORTO%20ALEGRE%20E2%80%93%20A%20Prefeitura%20Municipal,in%C3%ADcio%20do%20ano%20que%20vem..> Acesso em: 01 out. 2020.

NOGUEIRA, Kiko. **O voyeurismo indigente dos turistas que fazem safári humano na Rocinha,** 2017. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-voyeurismo->

[indigente-dos-turistas-que-fazem-safari-humano-na-rocinha-por-kiko-nogueira/](#). Acesso em: 10 out. 2020.

OJEDA, Carmen. “**Não confiemos nessa gente**”, 2016. Disponível em : https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=216623395456876&id=188192621633287. Acesso em: 07 out. 2020.

PALOMBINI, Analice de Lima. **Acompanhamento Terapêutico: Dispositivo Clínico-Político**. Psychê, Ano X, nº 18. São Paulo, set/2006, p. 115-127.

PAULA, Leonardo Régis de. **NARRATIVAS E FICÇÃO: TRAÇANDO INTERSECCIONALIDADES NO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**. 2019. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

PAULO, Marlene Cristina Mourato. **Experiências precoces de vergonha, coping com a vergonha e traços psicopáticos em adolescentes**. 2013. 51 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Psicologia Clínica Sub-Área de Especialização em Intervenções Cognitivo Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e Saúde, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

(Informação verbal). PENINHA, **De olhos abertos live**. Disponível em <https://www.facebook.com/jornalbocaderua/videos/383345406196383/>. Acesso em 10 out. 2020.

QUEIROZ, Ana Maria Martins. **GEO-GRAFIAS INSURGENTES: CORPO E ESPAÇO NOS ROMANCES *PONCIÁ VICÊNCIO* E *BECOS DA MEMÓRIA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO**. 2017. Tese (doutorado) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

RACIONAIS MC'S, **Fim de Semana no Parque**, 1993. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=37uL-WfTBx0&ab_channel=AndreCoutinho. Acesso em: 04/10/2020.

RACIONAIS MC'S. **Fórmula mágica da paz**, 1997. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UrSGiQGeXW4&ab_channel=AndreCoutinho. Acesso em: 11 out. 2020.

RACIONAIS MC'S, **Negro Drama**, 2002. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1DybpDjuxBY&ab_channel=LucasYabagata. Acesso em: 11 out. 2020.

ROSADO, Rosa Maris; FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas. Apresentação. In: ROSADO, Rosa Maris; FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas. **Presença Indígena na Cidade reflexões, ações e políticas**. Porto Alegre: Gráfica Hartmann, 2013. p. 7-12.

SABOTAGE, **Um Bom Lugar (clipe oficial)**, Youtube, 2000. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=GA7LcSX8tYE&ab_channel=Sabotage. Acesso em: 11 out. 2020.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **EL INGENIOSO HIDALGO DON QUIJOTE DE LA MANCHA**. 21. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1960. 709 p.

SENA, I. J.; MACHADO, T., R.; & COELHO, M. T. (2006). **A Delinquência Juvenil e suas Relações com a Função Paterna**. Seminário estudantil de produção acadêmica, *UNIFACS*, 10, 1.

SILVA. Paulo Ricardo da. **SEJAM BEM VINDOS À OCUPAÇÃO**. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaufrgs/photos/a.188531448266071/190683588050857>. Acesso em: 07 out. 2020.

SILVA, Rosane Neves da. **Notas para uma genealogia da Psicologia Social**. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 12-19, Aug. 2004.

SILVA, Tiago Lemões da. **Família, Rua e Afeto: Etnografia dos vínculos familiares, sociais e afetivos de homens e mulheres em situação de rua**. 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SÍLVIA PÉREZ CRUZ, **No Hay Tanto Pan**, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hPotgNFHf0E&ab_channel=SilviaP%C3%A9rezCruz-Topic. Acesso em: 11 out. 2020.

SOUZA, Jessé (2003). **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003. (Coleção Origem).

SPERB, Paula. **Ranking mostra bairros mais inseguros de Porto Alegre para morar**, 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/ranking-mostra-bairros-mais-inseguros-de-porto-alegre-para-morar/>. Acesso em: 11 out. 2020.

STABILE, Arthur. **Rio: com menos violência policial, periferia respira**. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/rio-livre-da-violencia-policial-periferia-respira/>. Acesso em: 11 out. 2020.

STEIGER, Janaína Oliveira. **Entreatas com o acolhimento institucional: cartografando brechas de um cuidado performático**. Porto Alegre, 2019.

STEIN, Marília Raquel Albornoz. *Mborái* Mbyá-Guarani: expressões performáticas de um modo de ser cosmo-sônico. In: ROSADO, Rosa Maris; FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas. **Presença Indígena na Cidade reflexões, ações e políticas**. Porto Alegre: Gráfica Hartmann, 2013. p. 42-62.

UFRGS, **Como é o vestibular da UFRGS 2020?** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ingresso/#cat7>. Acesso em 01 out. 2020.

UFRGS, **Histórico**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>. Acesso em 01 out. 2020.